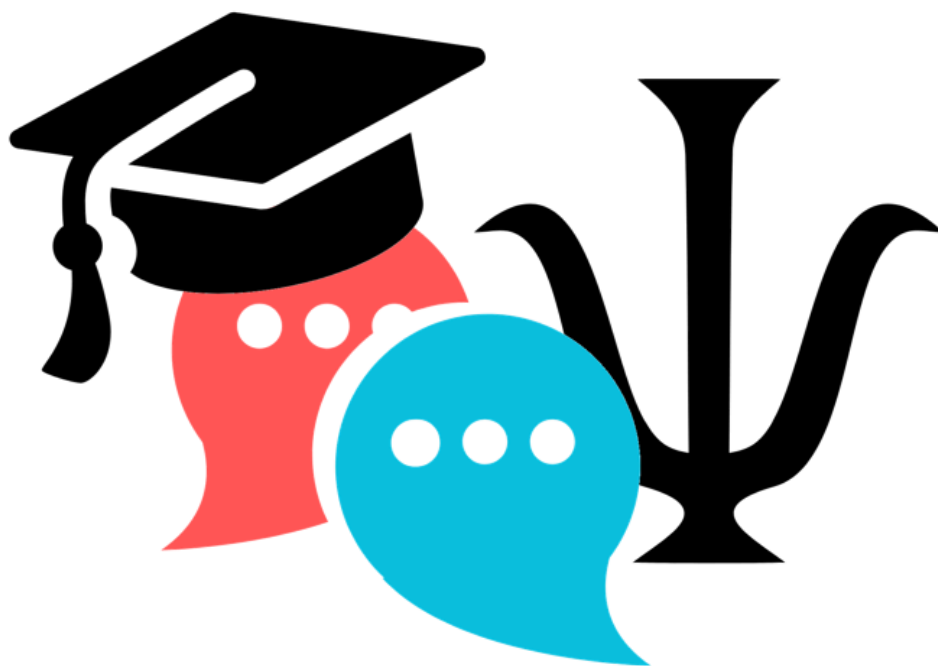




ANAIS DA  
**II Mostra de Estágios em Psicologia  
da Universidade Estadual de Londrina**



**Mostra de Estágios em Psicologia**  
**UEL 2025**

**Maria Clara de Freitas**

05, 06 e 07 de novembro de 2025  
**Universidade Estadual de Londrina**  
Londrina - PR





**Mostra de Estágios em Psicologia**  
**UEL 2025**

05, 06 e 07 de novembro de 2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M916a Mostra de Estágios de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina  
(2. : 2025 : Londrina, PR)  
Anais [da] II Mostra de Estágios de Psicologia da Universidade  
Estadual de Londrina [livro eletrônico] / [coordenação] Maria Clara de  
Freitas. -- Londrina: Departamento de Psicologia, 2025.  
1 arquivo digital.

ISBN 978-85-7846-647-3

Vários autores.

Evento realizado nos dias 05,06 e 07 de novembro de 2025, na  
Universidade Estadual de Londrina.

Inclui bibliografia.

Disponível em: <http://eventos.uel.br/mostrapsi/anais/>

1. Psicologia – Estágios – Anais. 2. Trabalho de conclusão de curso -  
Curso de Psicologia – Universidade Estadual de Londrina - Anais.  
I. Freitas, Maria Clara. II. Mostra de Estágio em Psicologia da  
Universidade Estadual de Londrina. III. Departamento de Psicologia.  
Universidade Estadual de Londrina. IV. Título.

CDU 159.9

Bibliotecária: Eliane Maria da Silva Jovanovich - CRB 9/1250

## **APRESENTAÇÃO**

O curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina tem cerca de 240 estagiários anualmente, e cerca de 70 turmas de estágio, distribuídas nos três departamentos do curso. Esta individualização, tão necessária para a prática da Psicologia, muitas vezes causa afastamento entre as propostas de estágio, com conseqüente desconhecimento das experiências das turmas entre si. Assim, a mostra pretende ser um espaço de troca de experiências e integração do curso, considerando a diversidade de propostas e práticas dos estagiários de Psicologia.

## **OBJETIVO**

A mostra tem por objetivo compartilhar e divulgar as experiências das diferentes práticas de estágio que realizam os docentes e discentes do curso de Psicologia, incentivando a integração, a partilha e a valorização do trabalho realizado.

## **LOCAL**

Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Maria Clara de Freitas	Coordenadora
Sílvia Ap. Fornazari da Silva	Membro da Comissão Científica
Josilene A. Schimiti	Membro da Comissão Científica
Maiango Dias	Membro da Comissão Organizadora
Rafael Guillard Armelin	Membro da Comissão Organizadora
Nara Ferreira Rosa Pereira	Membro da Comissão Organizadora
Julia Rabelo Teixeira Salmen	Membro da Comissão Organizadora
Sophia Maria Donato	Membro da Comissão Organizadora
Isabela Maria de Souza	Membro da Comissão Organizadora
Alexsander M. Rodrigues dos Santos	Membro da Comissão Organizadora
Isadora F. Moura Doi	Membro da Comissão Organizadora
Ana Clara Yurie	Membro da Comissão Organizadora

**Avaliadores de resumos:**

Isadora de Castro Pereira  
Bruna Maria Vieira  
Luana Karen de Sousa Olandini  
Marina Iha Bilha  
Lauren Isabely Feltrin  
Ana Flávia Fernandes Soares  
Josiane Dirlene Guimarães  
Carolina Fredegotto Ito  
Débora Pedroza Morelato  
Bruna Koyama Germinara  
Luiza Takahara Bortoliero  
Maria Vitória de Souza Rangel  
Nicolle Teodoro de Souza  
Gabriela Segura de Oliveira  
Emanuelle Freiria Souza Primo  
Felipe Almeida de Moura  
Murillo Volpato  
Gabriel Martins da Silva  
Luana Tuono

**Monitores:**

Karla Cibelly Moura Cavassani Azoni  
Isadora A. G. Alves  
Jaqueline K. Grecco  
Julia Rabelo Teixeira Salmen  
Ana Lívia Mello  
Vanessa Shizue Abe  
Sarah Isabele S. Neves

**Debatedores de Trabalho:**

Ana Beatriz Marega Belem  
Ana Beatriz Parminondi Andrade  
Ana Clara Ramazotti Totti  
André Alves Brasil  
Beatriz Silva Roque  
Bruna Miguel Savio  
Carine Silva de Almeida  
Catharina Trevisan  
Cecília Endo de Almeida Fabiano  
Daniel de Oliveira Cabral  
Daniela Fernanda das Neves  
Eduarda Godoy Schmidt  
Eduardo Garcia Guimarães  
Felipe Iuri de Souza Bordini  
Fernanda Cavalcanti Tavares  
Gabriel Martins da Silva  
Gabriela Zuccari dos Santos  
Guilherme Sartori  
Hellen Soares Carrilho  
Jean Henrique Procopio  
Laís Maria Souza de Cerqueira  
Lívia Maria de Castro Gabriel Segatto  
Murillo Volpato  
Igor Machado Guerreiro  
Pietro Calvanese de Melo  
Heitor de Proença Gonçalves Pires  
Emanuely Barbalho da Silva



## REALIZAÇÃO:



## PATROCINADORES:



NÚCLEO  
EVOLUIR



JOSI SCHIMITI

CLÍNICA DE PSICOLOGIA  
CRP 08/13229

- (43)99952-9069
- Rua Alagoas, 680, Sala 602,  
Edifício Riocenter, Londrina/PR.
- josischimiti@hotmail.com



## SUMÁRIO:

1. O ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA: PRIMEIRO CONTATO COM A PRÁTICA	9
2. ROLE-PLAY COMO FERRAMENTA PARA APRENDIZAGEM DE HABILIDADES CLÍNICAS	10
3. REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA POLÍTICA DE SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO BÁSICO	11
4. MESA REDONDA: UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL	12
5. CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS	13
6. ADESÃO AO TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA	14
7. TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO BÁSICO: EXPERIÊNCIAS EM DIFERENTES CONTEXTOS DE ATUAÇÃO	15
8. ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA: A OBSERVAÇÃO EM ESCOLA ENQUANTO REVISÃO DE UMA QUEIXA	16
9. FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS EM MEIO À VULNERABILIDADE NO BAIRRO ANA ROSA (CAMBÉ, PR): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	17
10. A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE SEU PREPARO FRENTE ÀS QUESTÕES PSICOLÓGICAS DOS ALUNOS: UM ESTUDO EM LONDRINA	18
11. A DINÂMICA ESCOLAR E O PAPEL DOS LAUDOS PSICOLÓGICOS: UMA OBSERVAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I	19
12. UTILIZAÇÃO DO ROLE PLAY COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO BÁSICO	20
13. O ACOLHIMENTO NA ENTREVISTA CLÍNICA COMO FERRAMENTA HUMANIZADORA NO PROCESSO DE TRIAGEM PSICOLÓGICA	21
14. RELATO DE EXPERIÊNCIA: VISITA AO CENSE I DE LONDRINA	22
15. ENTRE O ESTIGMA E A ESCUTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADE NA SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL NO CAPS (IJ) DE LONDRINA	23
16. O BRINCAR COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL INFANTIL	24
17. A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA INFANTIL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	25
18. A PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO NA GESTÃO DE PESSOAS DE UMA INDÚSTRIA METALÚRGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	26
19. VIVÊNCIA ORGANIZACIONAL EM MULTINACIONAL NO SETOR DO AGRONEGÓCIO: O ENLACE ENTRE O CAMPO E A CULTURA	27
20. GRUPOS PSICOTERAPÊUTICOS COM MULHERES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	28
21. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA AO ATENDIMENTO DA MULHER EM LONDRINA	29
22. CARTOGRAFIA DO CUIDADO: EXPERIÊNCIAS CLÍNICAS COM JOVENS MULHERES	30
23. ENTRE O CÁRCERE E A RUA: O FAZER DO PSICÓLOGO SOCIAL EM ESPAÇOS DE VULNERABILIDADE	31
24. “QUERO MINHA CASA”: REFLEXÃO BIOPSIICOSOCIAL DE UMA EXPERIÊNCIA DE	

ESTÁGIO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL	32
25. ESCUTA CLÍNICA E O RACISMO ESTRUTURAL: EXPERIÊNCIAS DE ATENDIMENTO A POPULAÇÃO NEGRA NO NEAB/UDEL	33
26. TORNAR-SE TERAPEUTA: UM RELATO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NA CLÍNICA COM ADULTOS	34
27. O VÍNCULO TERAPÊUTICO ENQUANTO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DAS VIVÊNCIAS EMOCIONAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	35
28. MANIFESTAÇÕES DA AGRESSIVIDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA: UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA	36
29. ESCOLHER É CONSTRUIR-SE: REFLEXÕES SOBRE O FAZER PSICOLÓGICO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	37
30. INCLUSIVAMENTE: GRUPO DE APOIO PARA UNIVERSITÁRIOS AUTISTAS NO NAC-UDEL	38
31. TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: UMA PROPOSTA DE PROGRAMAÇÃO DE ENSINO NA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL	39
32. O TRABALHO DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS SOCIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	40
33. PSICOLOGIA NA DEFENSORIA PÚBLICA: INTERVENÇÕES E APRENDIZADOS EM UM CAMPO DE JUSTIÇA E CUIDADO.	41
34. INTERVENÇÃO CLÍNICA DO TRABALHO NO CONSELHO TUTELAR NORTE: REFLEXÕES SOBRE O PRESCRITO E O REAL NO TRABALHO	42
35. TREINAMENTO DE COMUNICAÇÃO ASSERTIVA EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL COM BASE NA PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS (PCDC)	43
36. PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS: REGULAÇÃO EMOCIONAL NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL	44
37. INTERVENÇÃO COM RESIDENTES EM SAÚDE DA FAMÍLIA: UM OLHAR SOB O TRABALHO REAL E REFLEXÕES EM TORNO DA FORMAÇÃO NA ATENÇÃO BÁSICA	45
38. RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOTERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL	46
39. A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA INDIVIDUAL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E TERAPIAS CONTEXTUAIS: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	47
40. A IMPREVISIBILIDADE DA CLÍNICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO NA CLÍNICA ESCOLA DA UEL	48
41. SELEÇÃO POR CONSEQUÊNCIAS: A HISTÓRIA DE VIDA NA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL	49
42. TECENDO MEMÓRIAS: RELATO DE INTERVENÇÃO COM IDOSOS EM UM CRAS DE LONDRINA	50
43. VOZES E PROTAGONISMO NA VELHICE	51
44. UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA DE SAÚDE MENTAL COM IDOSOS	52
45. DESAFIOS DO ENCAMINHAMENTO POR SUSPEITA DE AUTISMO EM ADOLESCENTES PARA A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA	53
46. AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM CONTEXTO ESCOLAR: RELATO DE CASO COM MUTISMO SELETIVO	54
47. PROCESSOS AVALIATIVOS E DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL NO TEA: UMA	

ANÁLISE A PARTIR DE DOIS ESTUDOS DE CASO	55
48. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO EIXO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CAPS I IBIPORÃ	56
49. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO CAPS II: LIMITES E POSSIBILIDADES	57
50. ATUAÇÃO PSICOLÓGICA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DA ZONA NORTE DE LONDRINA	58
51. A PSICANÁLISE NO HOSPITAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	59
52. PSICOLOGIA CLÍNICA, SAÚDE E PROCESSOS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS: A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CAPS DE JAGUAPITÃ-PR, PRESENÇA E VÍNCULO EM MEIO À INCERTEZA	60
53. PSICOLOGIA CLÍNICA, SAÚDE E PROCESSOS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS: A PARCERIA INSTITUCIONAL ENTRE A ELO CONSULTORIA - EMPRESA JÚNIOR DE PSICOLOGIA DA UEL E O NÚCLEO DE ATENÇÃO À SAÚDE DO TRABALHADOR DE LONDRINA-PR	61
54. ENTRE A RUA E A REDE: DESAFIOS E POTÊNCIAS DO CONSULTÓRIO NA RUA	62
55. EM DIREÇÃO À ESCUTA AO INCONSCIENTE: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CLÍNICA PSICANALÍTICA	63
56. A PSICOTERAPIA E A CONTRATRANSFERÊNCIA: ÉTICA E MANEJO CLÍNICO	64
57. A INTERLIGAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL: APRENDIZADOS E REFLEXÕES DE UM ESTÁGIO NA EPESMEL	65
58. SOBRE TELAS, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL: OFICINAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE LONDRINA	66
59. A CASTRAÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL E ADULTA	67
60. ENTRADA E PERMANÊNCIA DE PACIENTES NA CLÍNICA-ESCOLA DA UEL: UM DIÁLOGO ENTRE RESISTÊNCIA E ESQUIVA	68
61. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO CEPV/UEL: PROMOVENDO AUTOCONHECIMENTO E ESCOLHAS PROFISSIONAIS	69
62. CLÍNICA COMPORTAMENTAL	70
63. AUTOCONHECIMENTO E AUTOESTIMA NA TERCEIRA IDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS	71
64. CUIDAR EM MEIO À PRECARIZAÇÃO: SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL (CAPSI)	72
65. CUIDADO EM REDE: VIVÊNCIA DE ESTÁGIO COM ADOLESCENTES NA UBS	73
66. A RESISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS: PERCEPÇÕES E DIFICULDADES DOS ESTÁGIOS EM SEUS PRIMEIROS ATENDIMENTOS	74
67. A CAIXA LÚDICA NO ATENDIMENTO INFANTIL	75
68. INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES: A CONSTRUÇÃO DE SEU PONTO DE VISTA ACERCA DE SEUS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	76
69. A ESCUTA DO SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO: ESTÁGIO EM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA	77
70. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E DO DIAGNÓSTICO NA VIDA ADULTA	78
71. O USO E O NÃO-USO DE MEDICAÇÃO PSIQUIÁTRICA NO TRATAMENTO	

PSICOTERÁPICO	79
72. EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM ESCOLHAS PROFISSIONAIS COM ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	80
73. A ESCUTA PSICANALÍTICA NA CLÍNICA DA HISTERIA: EXPERIÊNCIAS EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UEL	81
74. CONTRATRANSFERÊNCIA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO	82
75. ABANDONO DA PSICOTERAPIA EM CONTEXTO DE CLÍNICA-ESCOLA	83
76. EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO CONTEXTO MUNICIPAL E FEDERAL	84
77. OFICINA “CULTIVAR-SE”: EXPERIÊNCIA PARCIAL DE ESTÁGIO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO JARDIM TUPI	85
78. DIÁLOGOS ENTRE A CLÍNICA DO SOCIAL E AS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ DENTRO DA UNIVERSIDADE	86
79. PSICANÁLISE E INSTITUIÇÕES: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO CONTEXTO DA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA	87
80. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: AVALIAÇÃO DOS MARCOS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	88
81. ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR	89
82. A PSICOTERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL: INTERVENÇÕES COM DIFERENTES CLIENTELAS E QUEIXAS CLÍNICAS	90
83. INTERVENÇÕES CLÍNICAS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO (ACT)	91
84. HIP HOP NO CRAS	92
85. A IMPORTÂNCIA DA PUERICULTURA NAS UBS-SUS PARA O ESTABELECIMENTO DE BASES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	93
86. PROMOÇÃO, PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO EM ANSIEDADE NA TERCEIRA IDADE - NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO DA ZONA LESTE DE LONDRINA - PR	94
87. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COM ESTUDANTES DO PRIMEIRO E SEGUNDO ANO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UEL	95
88. ENTRE DIZER, OUVIR E SENTIR: O USO DE METÁFORAS NA PSICOTERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL	96
89. CLÍNICA BASEADA NA CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO: AVALIAÇÃO E ENSINO SOBRE O MEDO	97
90. EXPERIÊNCIA DE ESTAGIÁRIOS DO 4º ANO EM CLÍNICA PSICANALÍTICA: OBSERVAÇÕES E SENTIMENTOS ASSOCIADOS	98
91. INTERVENÇÃO CLÍNICA DO TRABALHO NO CONSELHO TUTELAR	99
92. OS DESAFIOS E AS REVERBERAÇÕES DA DEVOLUTIVA DIAGNÓSTICA NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE ADULTOS	100
93. RODA DE CONVERSA: PREVENÇÃO DA DEPRESSÃO NA TERCEIRA IDADE	101
94. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A CONSTRUÇÃO DO REPERTÓRIO DE TOMADA DE DECISÃO NA ESCOLA.	102

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

## **1. O ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA: PRIMEIRO CONTATO COM A PRÁTICA**

**Autores:**

Isabella Mello Tureta; Isabella Soares de Oliveira Nader; Isadora Aparecida Gonçalves Alves; Isadora Francisca Moura Doi; Rafael Guillard Armelin (PSI UEL)

**Resumo:**

O Estágio Básico busca garantir a identificação das características da prática em Psicologia, articulando teoria e prática e promovendo o desenvolvimento de habilidades essenciais para a atuação profissional. O presente resumo objetiva descrever as atividades desenvolvidas ao longo do estágio básico, ilustrando sua capacidade integrativa e formativa. A disciplina desenvolveu-se ao longo de um ano letivo e contou com a participação de quatro estagiárias. Nesse período, foram realizadas três idas a campo, cada uma com duração aproximada de três horas, acompanhadas pelo supervisor. As instituições visitadas foram: Hospital Universitário de Londrina, Centro de Atenção Psicossocial Infantil e Serviço de Bem-Estar à Comunidade da Universidade Estadual de Londrina. Além das visitas de campo, elaborou-se, em conjunto com o supervisor, um roteiro semiestruturado para orientar entrevistas individuais com profissionais das áreas de interesse das estagiárias. Essas entrevistas tiveram como finalidade identificar características da atuação profissional, rotinas, principais demandas e perfis de população atendida, bem como aspectos de gestão e questões burocráticas relacionadas ao exercício da função. Após as entrevistas, os conteúdos foram discutidos em supervisão, permitindo analisar diferentes contextos de prática, como Centro de Socioeducação, Psicologia Jurídica, Psicologia Clínica e Psicologia Hospitalar. No segundo semestre, as estagiárias realizaram entrevistas de triagem de casos da fila de espera da Clínica de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, também com duração aproximada de quatro horas. Para essa etapa, a técnica de role play foi utilizada para exercitar habilidades necessárias à condução das entrevistas. As triagens ocorreram em duplas, baseadas na ficha de triagem fornecida pela instituição, e posteriormente foram supervisionadas pelo docente responsável, culminando no envio das fichas à clínica. A partir disso, identificaram-se semelhanças marcantes entre as áreas analisadas, como a multidisciplinaridade, o uso de grupos como recurso terapêutico e a alta demanda nas instituições visitadas. As práticas realizadas possibilitaram reconhecer as especificidades das diferentes formas de atuação em Psicologia e os desafios presentes no cotidiano profissional. Conclui-se que a Psicologia, enquanto ciência em constante construção, ainda apresenta elevada demanda de profissionais em diversas áreas, o que implica desafios no manejo da atuação, especialmente em contextos que exigem trabalho multidisciplinar. Por fim, destaca-se a relevância do estágio básico na formação em Psicologia, por ampliar o contato dos discentes com a prática por meio da diversidade de ações interativas.

**Palavras-chave:** Estágio Básico, Supervisão, Práticas em Psicologia.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

## **2. ROLE-PLAY COMO FERRAMENTA PARA APRENDIZAGEM DE HABILIDADES CLÍNICAS**

**Autores:**

Ana Júlia Dal'aqua de Santi; Ana Laura Campos dos Santos; Ana Lívia Mello; Ana Luiza Poli Lovera; Cauany Meira da Costa; Clara de Souza Lula Sanches; Ellen Cristina Aparecida de Azevedo; Eloísa Miranda Lima; Caroline Prestes Villa (PGAC UEL)

**Resumo:**

No decorrer da disciplina de Estágio Básico no curso de Psicologia, procurou-se desenvolver habilidades necessárias para a realização de triagens clínicas. Desse modo, a ferramenta do role-play foi utilizada durante os encontros de supervisão, com o objetivo central de habilitar as discentes para a condução das triagens de forma segura e proveitosa. Ocasionalmente, também, um espaço para o fomento de competências essenciais ao contexto clínico, tanto no momento da escuta inicial, como no processo e manejo do atendimento. Objetiva-se, assim, relatar as experiências de aprendizagem adquiridas através dessa dinâmica. Para isso, foram aplicados role-plays entre as próprias estudantes, envolvendo os papéis de entrevistadoras e pessoa atendida. Foram realizadas quatro simulações em dois encontros (período de duas semanas), de modo a considerar atendimentos ao público adulto e infantil com queixas previamente elaboradas e condizentes com a realidade. Nas duas primeiras simulações, uma das alunas atuou como entrevistadora e outra como entrevistada; nas duas últimas simulações, duas duplas de atendimento atuaram como entrevistadoras e duas das estudantes como entrevistadas. A dinâmica permitiu que as estudantes que assumiram o papel de profissional, exercitassem a condução da triagem, enquanto as que desempenharam o papel de cliente, experienciassem a escuta e acolhida de um ponto de vista diferente. Os encontros foram assistidos pela docente supervisora responsável que contribuiu esclarecendo dúvidas que foram surgindo ao longo do processo e dando o apoio necessário às estudantes. Reitera-se que, durante a aplicação dos role-plays, mesmo as discentes que não estavam desempenhando nenhum papel na situação representada, também participaram, oferecendo sugestões de falas e perguntas pertinentes e sanando dúvidas particulares com a docente e colegas de turma. Sendo assim, as simulações realizadas durante as supervisões de estágio se configuram como importante ferramenta de aprendizagem ao apresentarem situações com aspectos reais. Com isso, foi possível que as discentes adquirissem um repertório característico do contexto clínico que contempla todo o período, desde a acolhida inicial até à finalização da triagem. Desse modo, o desenvolvimento de role-plays como meio de preparação das alunas para sua atuação frente a uma circunstância concreta também ocorreu no sentido de abrandar os efeitos emocionais advindos da inserção em um novo contexto, como sentimentos de ansiedade e nervosismo. Entretanto, considera-se que a instabilidade da disciplina no decorrer dos bimestres fez com que houvesse déficits no ensino das habilidades.

**Palavras-chave:** Role-Play, Triagem Clínica, Estágio Básico.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

### **3. REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA POLÍTICA DE SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO BÁSICO**

**Autores:**

Julia Abid dos Santos; Laura Akemi Soares Yasuda; Livia Eduarda Lemos Alexandre; Samuel Bello Strass; Mayra Campos Frâncica dos Santos (PSI UEL)

**Resumo:**

O Estágio Básico visa elaborar e aprimorar habilidades dos alunos enquanto futuros profissionais da Psicologia, com propósito de apresentar novas perspectivas e a realidade dos espaços de trabalho e estágio que encontrarão nos próximos anos. Para isso, foram realizadas visitas – com grupo composto por quatro estagiários e professor supervisor – a três serviços da política pública de saúde, nos quais foram realizadas observações embasadas na pesquisa no cotidiano, conforme conceituada por Spink, utilizando diários de campo para registro. As três visitas tiveram duração de um período, matutino ou vespertino, e foram compostas por observação do espaço físico e entrevista com profissionais. Uma Unidade Básica de Saúde (UBS) foi o primeiro serviço visitado (19/05/2025, período vespertino), onde foi possível observar o serviço de saúde de maneira concreta, os desafios enfrentados pelos profissionais e a sobrecarga de trabalho – devido à falta de profissionais e à impossibilidade de desenvolver ações multiprofissionais e atendimento continuado. O segundo serviço visitado (04/07/2025, período matutino) foi um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi), no qual foi possível observar a falta de atenção do poder público, expressa pela redução de investimentos nesses espaços, além da diminuição do número de profissionais, indicativo, novamente, da sobrecarga. Já no Centro de Atenção Psicossocial I (CAPS-I), terceiro serviço visitado (21/07/2025, período vespertino), o cenário apresentava similaridades com os anteriores – reduzido número de profissionais e alta demanda –, entretanto, foram observadas boa organização dos fluxos do serviço e visão clara do trabalho em saúde mental, a partir dos pressupostos da Reforma Psiquiátrica, o que constitui fator de grande impacto na qualidade do serviço prestado. Em síntese, as visitas evidenciaram uma condição estrutural nos serviços de saúde: de um lado, impera o enfraquecimento da rede de atenção, materializado pela escassez crônica de profissionais, recursos e desvalorização do serviço; de outro, a experiência no CAPS-I demonstra que, mesmo em cenários de alta demanda e recursos limitados, a clareza da visão de trabalho e o compromisso ético-político dos profissionais são fatores determinantes para fluidez e qualidade do cuidado. Fica nítida, portanto, a reflexão sobre responsabilidade e intencionalidade do futuro profissional. As universidades, ao inserirem alunos nesses contextos, têm o papel de apresentar a realidade estrutural e a urgência da qualificação dos serviços, mas também de inspirar a capacidade de transformação do fazer psicológico, instigando o estudante a ser um agente que busca excelência e leveza no serviço, superando a inércia do modelo biomédico e da sobrecarga.

**Palavras-chave:** saúde mental, precarização, compromisso ético-político.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

#### **4. MESA REDONDA: UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL**

**Autores:**

Felipe Potyrala Morais, Gabriel Bagio Furtoso, Gabriel Toloczko Ferreira, Nidia Aparecida Hernandez (Fisioterapia-CCS/UEL), Marina Zuan Benedetti Chenso (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O conceito de clínica ampliada contempla um olhar complexo e abrangente sobre o sujeito visando a saúde. Esse conceito norteia este trabalho na direção da necessidade de integralidade entre os diferentes campos do saber atuantes nesse modelo de clínica, para além do conhecimento, contendo também cuidado e saúde. A partir de observação e entrevista, com os estagiários do curso de Fisioterapia-UEL no Hospital Universitário constatou-se dificuldades com relação a resistência dos pacientes ao atendimento proveniente de questões psíquicas. Para aprofundar o tema, foi realizada uma roda de conversa, com a turma do quarto ano, com objetivo de levantar e circular questões relacionadas às demandas dos estagiários, na perspectiva da atuação no estágio e supervisão no campo da fisioterapia. A partir da roda de conversa, com o estabelecimento de um espaço dialógico horizontal, os alunos iniciaram a dinâmica contando suas demandas, seguidas de comentários e respostas dos mediadores. Sob esse viés, a unanimidade dos 35 estudantes participantes demonstrou interesse em uma proposta interdisciplinar. Isso pode indicar um movimento coletivo de reconhecimento da necessidade de ampliar os caminhos para uma formação mais integrada. Nesse sentido, o cenário ilustrado na roda de conversa explorou, por meio da interdisciplinaridade, a possibilidade de intervenção dos estagiários de psicologia naquele contexto. A troca de informações e relatos permitiu compreender que a intervenção seria possível e, teoricamente, poderia melhorar o atendimento às demandas dos alunos naquele plano. Foram apontados aspectos sobre: falta de uma rede de apoio psicológico para as questões de desconforto relacionadas com o curso e os estágios; falta de direcionamento das disciplinas de psicologia para o uso na prática fisioterapêutica; dificuldade na realização do encaminhamento de pacientes para psicólogos; falta da perspectiva biopsicossocial integrada para todas as disciplinas e na atuação do estágio; dificuldade por parte dos estagiários em relação à alta e ao desligamento dos pacientes, devido à burocracia. Da mesma maneira, ao entrarem em contato com a abordagem da análise do comportamento, a partir das explicações feitas pelos moderadores, a maioria dos alunos entendeu como uma possibilidade mais viável. Espera-se que essas informações possam fomentar discussões e possíveis reformulações, tanto na prática quanto na formação de futuros fisioterapeutas. Além disso, articular campos de atuação do curso de psicologia para demais cursos da instituição. Aponta-se para a importância de políticas institucionais, que ofereçam suporte psicológico aos estagiários, considerando as demandas emocionais envolvidas no processo de formação e atendimento da área.

**Palavras-chave:** Psicologia, interdisciplinaridade, intervenção.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

## **5. CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS**

**Autores:**

Dirceu Emanuel da Silva; Heloísa Sayuri Terada; Isabela Maria de Souza; Isabela Sasaki Seratti; Isabella Gonçalves Caraveli; Luciana Batista da Silva (PSI UEL).

**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar as experiências de estágio desenvolvidas no contexto hospitalar, com ênfase na atuação da Psicologia no Hospital das Clínicas (HC). Embora tenham sido realizadas visitas a outros espaços, como o Hospital Universitário (HU) e o CAPS I, o foco recaiu sobre as atividades e entrevistas realizadas no HC, que possibilitaram compreender a dinâmica da prática psicológica nesse ambiente e suas particularidades institucionais. Inicialmente, foi realizada uma entrevista com uma psicóloga atuante no Ambulatório de Especialidades, a profissional apresentou aspectos da dinâmica de trabalho, como a organização das listas de espera, os critérios para desligamento e alta dos pacientes, e a articulação entre atendimentos semanais e quinzenais conforme o andamento clínico. Seu relato evidenciou a complexidade do serviço, voltado ao atendimento de doenças crônicas e de alta complexidade, bem como a necessidade de um manejo ético e técnico diante da grande demanda. A psicóloga destacou ainda a importância do trabalho interdisciplinar com diferentes áreas, como nutrição, psiquiatria e serviço social, e apontou desafios estruturais, como a precarização das contratações e a ausência de concursos públicos, além de ressaltar o valor da formação continuada e do envolvimento em projetos de pesquisa e extensão. Posteriormente, foi realizada uma segunda visita à ala de Saúde da Mulher, na qual uma residente compartilhou seu percurso formativo e o processo de ingresso na residência multiprofissional. Durante o encontro, foram discutidas as expectativas e os desafios dessa modalidade de formação, que integra teoria e prática no cotidiano hospitalar. A residente apresentou os espaços de atendimento, a organização da equipe e o funcionamento do atendimento multiprofissional, no qual diferentes profissionais – como psicóloga, nutricionista, farmacêutica e educadora física – dialogam diretamente com a paciente. Além disso, acompanhamos um atendimento inicial realizado com a presença de toda a equipe multiprofissional, no qual foi possível observar que, conforme a demanda apresentada pela paciente, o foco do atendimento pode variar entre as especialidades, preservando, contudo, uma construção coletiva do cuidado e uma escuta compartilhada. De modo geral, as visitas e entrevistas possibilitaram uma compreensão ampliada sobre a prática da Psicologia Hospitalar e o trabalho em equipe multiprofissional, articulando teoria e prática. As atividades proporcionaram uma experiência significativa de aprendizado, que evidenciou tanto as potencialidades quanto os desafios da atuação psicológica em instituições de saúde pública, destacando a importância do contato com a prática real, a qual é necessária para identificação profissional dos estagiários.

**Palavras-chave:** Psicologia Hospitalar; Equipe Multiprofissional; Estágio.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

## **6. ADESÃO AO TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA**

**Autores:**

Gabriel Della Colleta Fonseca; Gabriel Mazzo Candido; Gabriela Emy Arai; Nidia Aparecida Hernandez (Fisioterapia UEL); Marina Zuan Benedetti Chenso (PPSIC UEL).

**Resumo:**

O presente trabalho relata a experiência de estágio realizado por alunos de psicologia do 3º ano, cujo objeto se refere a adesão ao tratamento fisioterapêutico pelos pacientes do estágio e residência em fisioterapia, do HU/UEL. O relato trata da angústia dos estagiários, que passaram a procurar os serviços da Clínica Psicológica, em função das dificuldades encontradas no manejo. A proposta identifica fatores que provocam resistência ao tratamento, além de verificar o interesse dos estagiários em uma intervenção psicológica e a possibilidade de atuar em um contexto de clínica ampliada. Visou-se o desenvolvimento de habilidades do profissional em Psicologia, como relacionar conteúdos teóricos com elementos da observação, escuta atenta, inserção em ambiente institucional, observação e registro de comportamentos e acolhimento. O grupo de alunos se dividiu em dois trios, um de abordagem psicanalítica (Trio A), e outro de abordagem analítico-comportamental (Trio B), que observaram a ala geriátrica e pediátrica, respectivamente, utilizando-se da observação livre como método de coleta de dados. Posteriormente, os alunos enviaram questionários, compostos de 15 perguntas, via Google Forms, e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os estagiários, com a finalidade de convocar alunos interessados em participar de uma entrevista semiestruturada para complementar as informações. O Trio A observou que a demora na obtenção de resultados, a dificuldade em lidar psicologicamente com as limitações corporais impostas pela doença, a falta de apoio familiar e as condições socioeconômicas desfavoráveis estão entre os principais limitadores da adesão ao tratamento. Elaborou-se um roteiro de 10 perguntas abordando temas como as dificuldades de adesão ao tratamento, as possíveis causas e de que modo elas prejudicam a relação terapêutica e o sucesso do tratamento. O Trio B observou que o espaço físico possui restrições que limitam a atuação dos profissionais, além das constantes entradas e saídas de outras pessoas, interrompendo as sessões. Elaborou-se um roteiro com 33 perguntas, gerais ou voltadas para cada caso observado. Na entrevista, as estagiárias relataram a ocorrência de problemas de adesão dos pacientes por falta de apoio dos pais. Percebeu-se, que existe campo para a criação de grupos de supervisão em psicologia para estagiários em outras áreas da saúde, para uma melhor atuação clínica, tanto para um, quanto para o outro curso; bem como grupos de suporte para os familiares dos pacientes e para os próprios alunos, com o intuito de favorecer a adesão ao tratamento e diminuir as angústias apresentadas pelos estagiários durante os atendimentos.

**Palavras-chave:** Psicologia, Interdisciplinaridade, Intervenção.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

## **7. TEORIA E PRÁTICA NO ESTÁGIO BÁSICO: EXPERIÊNCIAS EM DIFERENTES CONTEXTOS DE ATUAÇÃO**

**Autores:**

Giovanna Catarina Nunes Bagni, Giovanna Kawana Lima, Giulia Maria Moris de Almeida, Greiciely Soares dos Santos, Gustavo Ferreira Martins, Helena Tenan de Souza Lima; Profa Dra Meyre dos Santos Eiras (PPSIC UEL).

**Resumo:**

Este trabalho teve como principal objetivo proporcionar aos estudantes uma vivência nas diferentes áreas de atuação do psicólogo, promovendo a integração de conteúdos teóricos e práticos. As atividades foram realizadas ao longo do ano e envolveram discussões teóricas baseadas em textos, observações diretas, entrevistas, uma visita institucional e triagens supervisionadas. O público envolvido incluiu profissionais convidados para palestras e visitas, além de usuários da clínica psicológica nas atividades de triagem. Entre as ações desenvolvidas, destacou-se a palestra ministrada pelo professor André Luís Vizzaccaro Amaral sobre Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT). Nessa ocasião, foram abordados os principais contextos de atuação do psicólogo organizacional, com ênfase na trajetória histórica da área e suas transformações no mundo contemporâneo, ressaltando a necessidade de uma psicologia dedicada ao recrutamento de profissionais competentes, bem como à análise dos impactos no trabalho. A atividade possibilitou aos estagiários compreender de forma mais ampla o papel do psicólogo nas organizações, com reflexões sobre saúde mental dos trabalhadores e demandas relacionadas ao ambiente de trabalho. Houve também uma visita ao Hospital Universitário (HU/UEL), que incluiu uma aula expositiva com a psicóloga hospitalar responsável. Ela apresentou sua trajetória profissional, explicou o funcionamento do hospital segundo níveis de complexidade na atenção à saúde e seus departamentos, descreveu sua rotina e relatou casos clínicos, além de esclarecer dúvidas. Em seguida, conduziu o grupo em alguns setores do hospital, permitindo uma observação direta das possibilidades das práticas e demandas encontradas pelo psicólogo no contexto hospitalar. Além disso, houve a realização de seis triagens na Clínica Psicológica da UEL em que os estagiários tiveram contato direto com os inscritos na fila de espera. As triagens foram realizadas em duplas, aplicando técnicas de entrevistas e escuta ativa para acolher, compreender e analisar as demandas apresentadas pelos pacientes. Após os atendimentos, foram realizadas supervisões semanais, processo no qual mostrou-se fundamental para o aprimoramento do olhar clínico, da comunicação empática, e da capacidade reflexiva sobre o fazer psicológico clínico, consolidando a formação teórica, prática e ética dos estudantes. Dessa forma, o estágio básico proporcionou o desenvolvimento de competências fundamentais para a atuação profissional, ampliando o conhecimento sobre os diversos contextos da Psicologia.

**Palavras-chave:** Formação Profissional, Atuação do Psicólogo, Práticas Supervisionadas.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 1.

## **8. ESTÁGIO BÁSICO EM PSICOLOGIA: A OBSERVAÇÃO EM ESCOLA ENQUANTO REVISÃO DE UMA QUEIXA**

### **Autores:**

Alexsander Márcio Rodrigues dos Santos; Ana Beatriz Lacerda da Silva; Ana Carolina de Aguiar Gonçalves; Ana Clara Yurie Yoshimoto; Ana Clara Zanoni do Rego; Clara Luisa Mendes de Souza; Renan Kois Guimarães (PGAC UEL).

### **Resumo:**

O estágio básico é constituído por um conjunto de experiências essenciais no desenvolvimento de habilidades para a prática psicológica, sendo elas: observação, entrevista, triagem e comunicação. No dia 18 de junho de 2025 foi realizada uma visita única ao Colégio Aplicação da UEL com duração de quatro horas, sendo a principal demanda apresentada pela escola um alto número de crianças com diagnósticos de transtornos do neurodesenvolvimento, em especial o TEA. A queixa foi articulada, em discussão entre o grupo de estágio e o supervisor, com o aumento dos diagnósticos desse tipo nos últimos anos. Assim, foram organizadas três duplas de estagiários para diferentes turmas (primeiro, terceiro e quinto ano), com aproximadamente 30 alunos cada, a fim de fornecer um retorno do que foi visto para a escola. Essas duplas buscaram interferir minimamente nos grupos e utilizaram papel e caneta para anotações sobre o campo — no entanto, vale ressaltar que, em alguns momentos, houve interações entre crianças e estagiários. No primeiro ano, observou-se uma turma enérgica, mas interessados nas atividades propostas, com a disposição das professoras em auxiliar aqueles que apresentavam mais dificuldade, além de uma aparente inclusão das crianças. No terceiro ano, notou-se dispersão dos alunos na realização da atividade proposta; foi possível observar, também, boa integração dos alunos com TEA, bem como a presença de fones abafadores de som que, eventualmente, na perspectiva das crianças, funcionaria como dispositivo de atenção em relação aos demais. Já no quinto ano, percebeu-se um ambiente mais formal, contudo, a professora utilizava de diferentes tecnologias para revisar o conteúdo e interagiu efetivamente com a sala; nenhum aluno apresentou comportamentos atípicos e a turma tinha uma boa interação. As turmas observadas apresentavam o diagnóstico de alunos com TEA considerados um desafio pela escola — no entanto, eles não foram facilmente reconhecíveis e não destoavam dos comportamentos e dinâmicas apresentados pela totalidade da turma. Partindo disso, o objetivo foi oferecer um feedback para a escola com reflexões sobre a relação com os alunos que apresentam diagnósticos e maneiras mais inclusivas de ensino. A experiência foi enriquecedora, por se tratar de uma atividade particular deste grupo, sendo esse um diferencial ao permitir a investigação do ambiente escolar espontaneamente. Apesar disso, vale ressaltar que tal prática foi realizada num só dia, podendo ser melhor desenvolvida se ocorresse uma imersão mais longa no campo.

**Palavras-chave:** Estágio básico, Observação, Escola.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 2.

## **9. FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS EM MEIO À VULNERABILIDADE NO BAIRRO ANA ROSA (CAMBÉ, PR): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Autores:**

Nara Ferreira Rosa Pereira; Sara Luana do Vale Carneiro; Sarah Isabele Santos Neves; Camila Zedu Alliprandini (PSI UEL); Mayra Campos Frâncica dos Santos (PSI UEL).

**Resumo:**

O presente trabalho propõe-se a realizar um mapeamento territorial no bairro Ana Rosa, localizado na zona norte do município de Cambé (PR), tendo como campo-tema a Associação Refúgio; uma Organização da Sociedade Civil (OSC). A problemática investigada diz respeito ao impacto que essa instituição exerce sobre o território em que está inserida, formulada a partir de inquietações surgidas no decorrer das observações. O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar as transformações promovidas pela Associação Refúgio no convívio comunitário dos moradores da região, bem como suas repercussões na qualidade de vida da população local. Para tanto, os objetivos específicos compreendem ao mapeamento do entrelaçamento histórico entre a Associação Refúgio e a comunidade do bairro Ana Rosa; descrição da relevância da instituição como centro de convivência e fortalecimento de vínculos; e investigação das relações entre as atividades ofertadas pela Associação e os indicadores de vulnerabilidade social e violência presentes no território. Deste modo, a pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos teóricos da Psicologia Comunitária, adotando uma abordagem qualitativa. Como procedimentos metodológicos, foram empregadas inicialmente duas observações na avenida principal do bairro e na Associação Refúgio - seguidas de uma entrevista semiestruturada com o presidente da organização. Todas as etapas foram desenvolvidas ao longo de um semestre na disciplina de estágio básico a partir de supervisões semanais. Os resultados evidenciaram o extenso processo de esvaziamento populacional que concerne ao bairro durante o período diurno. Verificou-se também a escassez de espaços públicos de convivência, os quais são fundamentais para a promoção de interação social e coletividade. Por fim, a análise permitiu identificar que a metodologia adotada pela Associação Refúgio favorece a construção e o fortalecimento de vínculos sociais, contribui para a ressignificação das experiências dos indivíduos e o enfrentamento das vulnerabilidades presentes no território.

**Palavras-chave:** Psicologia Comunitária, OSC, vulnerabilidade.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 2.

## **10.A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE SEU PREPARO FRENTE ÀS QUESTÕES PSICOLÓGICAS DOS ALUNOS: UM ESTUDO EM LONDRINA**

**Autores:**

Maria Vitoria Hernandez Mizogoshi; Melissa Martins Peixoto; Rayane dos Santos de Oliveira; Mayra Campos Frâncica dos Santos (PSI UEL); Camila Zedu Alliprandini (PSI UEL).

**Resumo:**

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como os servidores de uma escola municipal de Londrina (PR) suprem a falta de apoio de profissionais de Psicologia em seus ambientes de trabalho, particularmente diante das demandas de abuso sexual infantil trazidas pelos alunos através da campanha “Maio Laranja”. Além disso, ela também buscou compreender a percepção dos servidores sobre sua própria conduta e o preparo para lidar com estas demandas, bem como sua visão sobre o psicólogo escolar e a aderência dos alunos às palestras de conscientização. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a metodologia do cotidiano e aprofundando-se no campo da Psicologia Social. As etapas metodológicas incluíram duas observações para mapeamento do território com foco na relação professor-aluno e uma entrevista semiestruturada com duas professoras do Ensino Fundamental I. Os principais resultados revelaram que as professoras estabelecem um forte vínculo afetivo com os alunos, gerando uma confiança que facilita relatos sensíveis, como os de abuso sexual. No entanto, apesar de terem um repertório prático para o manejo inicial das demandas, as docentes se sentem despreparadas e desamparadas para lidar com a profundidade e os encaminhamentos psicológicos, afirmando que sua formação em Pedagogia não as habilita para tal. As professoras entrevistadas expuseram desconhecimento da Lei nº 13.935/2019, que prevê a presença de psicólogos nas escolas públicas, e expressaram a necessidade urgente desses profissionais, criticando a falta de suporte da prefeitura de Londrina, cujo dado mais recente apontou apenas cinco psicólogos para toda a educação do município. As docentes também relataram uma desorganização pública na extensão das campanhas de conscientização, como o Maio Laranja, que nem sempre englobam todos os alunos. Portanto, a pesquisa destaca a urgência da efetivação da lei e da inserção de psicólogos escolares para garantir suporte adequado a alunos e profissionais da educação.

**Palavras-chave:** psicólogo escolar, abuso sexual, vínculo professor-aluno.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 2.

## **11. A DINÂMICA ESCOLAR E O PAPEL DOS LAUDOS PSICOLÓGICOS: UMA OBSERVAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

**Autores:**

Julia Rabelo Teixeira Salmen; Kaio Augusto Candido Nartis; Karla Marileide Martins Medeiros; Karoline Agnes Duhatschek Hampf; Letícia Vieira Salles; Lorena Ciappina Laffranchi; Renan Kois Guimarães (PGAC UEL)

**Resumo:**

O 3º ano de Psicologia realizou a disciplina de Estágio Básico, que possibilitou diversas experiências, dentre elas foi possível executar uma observação no Colégio de Aplicação Pedagógica Campus UEL, nas turmas de 1º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. A atividade teve como objetivo compreender a dinâmica escolar e analisar os comportamentos dos estudantes em diferentes etapas de escolarização e em distintos contextos de aula, além de ter contribuído para a formação prática dos estagiários. A principal demanda da instituição era a respeito dos alunos que portavam laudos psicológicos, como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e/ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e como isso poderia afetar a dinâmica em sala de aula. Com base na demanda institucional, os seis estagiários foram divididos em duplas. Cada uma das duplas ficou responsável por observar uma das salas. De modo geral, constatou-se, a partir da observação, que a maior parte dos “conflitos” em sala de aula não tinham relação direta com os comportamentos dos estudantes diagnosticados, mas sim com a dinâmica geral da turma. Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre o impacto dos laudos psicológicos, uma vez que, por mais que os alunos tenham se mostrado por algumas vezes agitados e dispersos, não houveram situações extremas ou incomuns que chamaram a atenção para os transtornos psiquiátricos apontados pela instituição. Por fim, há limitações da experiência de observação no Colégio Aplicação, uma vez que os alunos foram acompanhados apenas ao longo de um dia da semana e em períodos que variam entre momentos antes/depois da aula de educação física, do intervalo e, em algumas turmas, com a presença de uma professora substituta.

**Palavras-chave:** observação, escola, transtornos do neurodesenvolvimento.

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 2.

## **12. UTILIZAÇÃO DO ROLE PLAY COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO BÁSICO**

### **Autores:**

Sérgio Augusto Kenzo Yamamoto, Sofia Trevisan Silvério; Sophia Maria Donato Jachstet; Talita da Silva Guerini; Thais Dias Pereira; Thiago Rennó, Rafael Guillard Armelin (PSI UEL)

### **Resumo:**

O Estágio Básico em Psicologia é um espaço importante na formação dos estudantes, por permitir a aproximação gradual com a prática profissional e com os contextos que envolvem a atuação do psicólogo. Nesse processo, busca-se articular teoria e prática de forma integrada, promovendo o desenvolvimento de habilidades como a escuta, acolhimento, entrevistas e observação sobre atuação profissional. Entre as atividades propostas, ao longo do primeiro semestre, foram desenvolvidas as atividades de elaboração de roteiro de entrevista semiestruturado que foi aplicado junto a profissionais da Psicologia em diferentes contextos e realização de observações em locais de atuação profissional da Psicologia. Já no segundo semestre foram realizadas seis entrevistas de triagem dos casos da fila de espera da Clínica de Psicologia da UEL. A técnica de role play foi utilizada como recurso para exercitar habilidades necessárias à condução de entrevistas de triagem ao longo do segundo semestre. Essa técnica consiste na encenação que tem como objetivo colocar os participantes em contato com situações que envolvem o acolhimento inicial, o levantamento de informações clínicas e o registro adequado dos dados obtidos. Desse modo, a simulação permitiu que os estudantes vivenciassem papéis (entrevistador e cliente) e compreendessem desafios presentes no primeiro contato com o cliente. O role play possibilitou a criação de um ambiente controlado em que os comportamentos pudessem ser observados e analisados de forma segura, contribuindo para o aprimoramento da prática de entrevista. O Estágio Básico viabilizou que os discentes do terceiro ano de Psicologia da UEL desenvolvessem conhecimentos e repertórios comportamentais para a prática futura como psicólogas. Durante o período letivo, foram realizadas entrevistas com profissionais da área, visitas de campo, triagens iniciais na clínica-escola e role plays, sendo este último passível de destaque para tal produção acadêmica. Para a realização do role play, foram realizadas atividades/discussões com base em artigos científicos acerca do tema e relatórios de casos semi-fictícios que serviram de roteiro para realização do role play de entrevista de triagem com os próprios estagiários. Estes foram divididos em duplas, enquanto o supervisor ficou encarregado de interpretar o papel dos pacientes triados. Assim, o role play funcionou como uma simulação do processo de triagem, que cumpriu a função de aprimorar as características necessárias nesse processo e de preparar os estagiários. Não foram encontradas dificuldades na realização do role play, que teve um impacto positivo para a realização das triagens.

**Palavras-chave:** Roleplay; Triagem; Estágio Básico

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 2.

### **13. O ACOLHIMENTO NA ENTREVISTA CLÍNICA COMO FERRAMENTA HUMANIZADORA NO PROCESSO DE TRIAGEM PSICOLÓGICA**

**Autores:**

Louis Spica de Oliveira Macedo; Maria Fernanda Garcia Miranda; Marcello Christiano Gorla Junior; Profa. Ms. Josilene Schimiti (PPSIC UEL)

**Resumo:**

Este resumo visa relatar experiências de entrevistas de triagem durante a disciplina de Estágio Básico, com enfoque especial no rapport e no acolhimento entre entrevistadores e entrevistados. Foram realizadas seis entrevistas de triagem na Clínica Psicológica da UEL, conduzidas por três estagiários com seis clientes da comunidade externa. Os materiais utilizados consistiram da ficha de triagem, cadernos para registro da observação, e materiais de orientação teórica lidos previamente às entrevistas. Durante as supervisões das três primeiras entrevistas foram trabalhados aspectos contratransferenciais, seguidas por outras três entrevistas, possibilitando a autoavaliação do desenvolvimento das habilidades dos estagiários nesta prática, como a formação de vínculo entre entrevistador e entrevistado. O rapport iniciava na recepção do cliente na Clínica Psicológica da UEL, no modo como era recepcionado na sala e na maneira pela qual suas queixas eram recebidas. Assim, pretendeu-se estabelecer um ambiente de acolhimento, sustentado por uma escuta atenciosa e sensível dos entrevistadores. Houve a necessidade, por parte do entrevistador, de exercer uma postura empática durante um relato em que uma entrevistada começou a chorar, reconhecendo a intensidade do momento, deixou claro que ela poderia tomar o tempo que fosse necessário para se recuperar. Desse modo, o rapport exerceu papel central no estabelecimento do setting adequado, possibilitando o manejo e o bom funcionamento da sessão. Como desafios encontrados, destaca-se a exigência de uma postura ética e humanizada de não julgamento frente ao cliente, somada à necessidade de abertura e à escuta na instalação do vínculo. Muitas vezes, os entrevistadores entravam em contato com relatos que também os sensibilizava, e lidar com esses encontros de maneira flexível foi essencial para prosseguir com a entrevista. Conclui-se que a construção de uma postura acolhedora por parte do entrevistador requer um referencial teórico e técnico consistente, capaz de prepará-lo para o contexto da triagem. Observou-se, ainda, a relevância de propiciar condições para que o paciente se sinta à vontade e possa expressar livremente os motivos que o levaram a buscar ajuda. Essa prática favoreceu o desenvolvimento das habilidades clínicas dos estagiários, especialmente na manutenção da escuta analítica e da associação livre, bem como na capacidade de obter esclarecimento de falas vagas ou incompletas do entrevistado. Sugere-se que atividades futuras de entrevista inicial prossigam com enfoque no desenvolvimento de habilidades de acolhimento dos estagiários para com os clientes que frequentam a Clínica Psicológica da UEL, de forma a possibilitar a criação de uma relação mais forte e receptiva.

**Palavras-chave:** Triagem, Acolhimento, rapport

**Modalidade:** Roda de Conversa

Sessão 2.

## **14. RELATO DE EXPERIÊNCIA: VISITA AO CENSE I DE LONDRINA**

### **Autores:**

Adrielli Dias do Prado; Ana Clara Conte Maia de Souza; Isabela Maria Alves da Silva; João Pedro Santana Maziero; João Vitor Sastre Debei; Julia Alcarde Araújo; Julia de Grande Almeida; Julia Faune Szenczuk e Jonas Fernandes Gamba (PGAC UEL)

### **Resumo:**

O Centro de Socioeducação (Cense I) de Londrina é uma unidade de internação provisória mista que executa medidas de socioeducação reguladas pelo poder estadual. Esse procedimento de internação é aplicado em casos em que a sentença não foi julgada, implicando na privação de liberdade com duração máxima de 45 dias. Tais medidas destinam-se a adolescentes com idades entre 12 e 18 anos incompletos quando do flagrante do ato infracional. O objetivo do presente trabalho é relatar a experiência dos oito discentes do terceiro ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina durante as atividades de visita e entrevista realizadas no Cense I de Londrina. Essas atividades integraram o planejamento da disciplina de estágio básico. A visita, além de possibilitar a observação do local, promoveu reflexões acerca da atuação do psicólogo no contexto socioeducativo e das dinâmicas do sistema, a partir de uma entrevista semiestruturada com o psicólogo responsável pela instituição. A entrevista foi composta por 21 questões abertas. Para a análise da entrevista, utilizou-se uma metodologia qualitativa, baseada na coleta de relatos e impressões obtidos ao longo da visita, a partir de questionamentos e curiosidades apresentadas pelos discentes. A observação dos espaços do Cense I teve duração de cerca de 30 minutos, e a entrevista, de aproximadamente uma hora e meia. As informações coletadas evidenciaram a relevância das medidas socioeducativas quando aplicadas de forma humanitária e concisa, favorecendo o retorno a condições de protagonismo desses adolescentes em seu espaço social, uma vez que, antes de ocuparem a posição de infratores, foram expostos a situações de vulnerabilidade diversas. Também se discutiu a necessidade de amparo governamental aos profissionais que atuam nesse campo, frequentemente marginalizados por trabalharem com indivíduos socialmente excluídos. Destaca-se, ainda, o papel do psicólogo como garantidor de direitos nas políticas públicas, na defesa da cidadania e dos direitos fundamentais. Por fim, ressalta-se a importância das entrevistas e das visitas de campo realizadas no estágio básico, que aproximam os estudantes da realidade social e das diversas possibilidades de atuação profissional.

**Palavras-chave:** socioeducação, CENSE, formação profissional

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 1. *Saúde Mental na infância*

## **15. ENTRE O ESTIGMA E A ESCUTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADE NA SAÚDE MENTAL INFANTOJUVENIL NO CAPS (IJ) DE LONDRINA**

**Autores:**

Daniela Fernanda das Neves; Ana Luisa Paiva Pagani; Nicolay Evelin da Silva; Thiago Ohara (CAPSi); Roberth Miniguine Tavanti (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo discutir os desafios e avanços nas políticas de saúde mental, a partir da experiência de estágio no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) de Londrina. O estudo parte da observação de que a saúde mental infantojuvenil é atravessada por processos de medicalização e patologização excessiva do sofrimento, o que culmina majoritariamente na classificação por meio de diagnósticos e medicalização do paciente, desconsiderando fatores sociais e psíquicos. O recorte enfatiza a prática cotidiana do CAPSi e as tensões entre a proposta psicossocial e a persistência da hegemonia do modelo médico-psiquiátrico. As atividades foram realizadas por meio da observação participante e análise dos documentos e demandas recebidas pelo serviço, majoritariamente encaminhadas por escolas e UBSs. A experiência de estágio buscou valorizar as conversas cotidianas com usuários, familiares e equipe técnica, reconhecendo nesses diálogos espaços de escuta e aprendizado mútuo. Observou-se que o estigma relacionado à saúde mental se manifesta nas falas das crianças e adolescentes, muitas vezes por meio de expressões e memes digitais, evidenciando como o preconceito e a desinformação atravessam os processos de subjetivação dos sujeitos no cotidiano institucional. A partir das reflexões produzidas em supervisão, identificamos problemáticas relacionadas ao cotidiano de trabalho dos psicólogos, como a alta demanda de casos e a dificuldade da rede intersetorial em delimitar o sofrimento psíquico grave. Predominam, nesse sentido, encaminhamentos motivados por comportamentos disfuncionais, como agitação e desatenção, frequentemente traduzidos em diagnósticos de TDAH e TOD (Transtorno Opositor e de Conduta). Tal cenário evidencia a influência do discurso medicalizante, que se opõe à noção de criança enquanto sujeito de direitos e favorece o uso exacerbado de psicofármacos em práticas adaptativas de controle. Em contrapartida, identificamos experiências com ações pautadas na escuta sensível, no brincar e no fortalecimento de vínculos, reafirmando o CAPSi como espaço de promoção de saúde e cuidado humanizado. Conclui-se que, embora a política de saúde mental reconheça a criança e adolescente como sujeito de direitos, sua efetividade depende da ampliação da rede psicossocial e do fortalecimento das redes intersetoriais, da formação crítica das equipes e da valorização de práticas humanizadas em saúde mental. Entre as dificuldades, destacam-se as limitações estruturais e a demanda crescente do número de casos, já como possibilidade de continuidade, reforça-se a necessidade de maior integração entre as políticas públicas e a rede de proteção, na perspectiva da atenção psicossocial e no acesso aos direitos da criança e do adolescente.

**Palavras-chave:** Saúde mental; Infância; CAPS

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 1. *Saúde Mental na infância*

## **16. O BRINCAR COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL INFANTIL**

**Autores:**

Ana Paula Rodrigues; Giovana Ogido Ueda; Caroline Prestes Villa (PGAC UEL)

**Resumo:**

O comportamento de brincar é crucial para o desenvolvimento, pois constitui a principal forma de expressão, comunicação e aprendizado da criança. Na clínica analítico-comportamental, o brincar também é compreendido como um comportamento e também como um procedimento terapêutico, possibilitando tanto a avaliação funcional dos comportamentos quanto intervenções eficazes para a modificação deles. O presente estudo analisou a importância do brincar como ferramenta de avaliação e intervenção na clínica analítico-comportamental infantil, por meio da análise de caso de duas crianças, de 6 e 7 anos. Os atendimentos ocorreram na clínica psicológica da UEL. Os atendimentos foram conduzidos por duas estagiárias em encontros semanais. A primeira etapa consistiu em entrevistas com os responsáveis, seguindo diretrizes padronizadas para identificar os comportamentos-alvo, mapear as contingências reforçadoras no ambiente familiar e estabelecer o contrato terapêutico, alinhando expectativas e delineando a participação da família no processo. Para todo o processo de avaliação e intervenção clínica, foram utilizados recursos lúdicos, (como o jogo de cartas “Uno”, dominó, massinha de modelar e Lego) como ferramentas estratégicas para acessar o repertório comportamental das crianças. Ademais, como parte da avaliação, foi conduzida uma sessão conjunta entre as estagiárias e as crianças, com o objetivo de observar a interação social e a emissão de comportamentos-alvo em um contexto mais complexo. Entre os resultados obtidos, foi possível observar que a utilização de atividades lúdicas mostrou-se eficaz, tanto para os objetivos de avaliação quanto para a intervenção clínica. Por meio dos jogos e brincadeiras administradas, foi possível realizar a análise funcional de comportamentos clinicamente relevantes, e também alterar algumas contingências comportamentais das crianças atendidas a fim de modificar os comportamentos-problemas. Além disso, foi possível identificar preferências e dificuldades específicas das crianças atendidas, fornecendo dados necessários para o planejamento de intervenções futuras. Do ponto de vista clínico, houve ampliação do repertório comportamental das crianças, fortalecimento de habilidades sociais e a redução de comportamentos-problema. O uso de jogos e brincadeiras permitiu que as crianças vivenciassem situações que favoreceram a resolução de problemas e a expressão de emoções de forma mais adaptativa. O estágio promoveu o desenvolvimento de habilidades essenciais à prática profissional e promoveu reflexões importantes sobre o papel do brincar na clínica infantil e ampliou a capacidade das estagiárias de interpretar manifestações comportamentais complexas em um ambiente lúdico, fortalecendo suas habilidades profissionais para intervenções futuras.

**Palavras-chave:** brincar, terapia infantil, análise do comportamento

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 1. *Saúde Mental na infância*

## **17. A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA INFANTIL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**Autores:**

Alana Gabriele Vicensi; Ana Flávia Fernandes Soares; Cecília Endo de Almeida Fabiano; Laura Pontes Tsujioka; Isis Erdei Garcia; Thaíssa Camilly de Oliveira; Silvia Aparecida Fornazari (PGAC UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a prática de estagiárias do 4º e 5º anos do curso de Psicologia no campo da psicoterapia infantil com ênfase em Análise do Comportamento e nas Terapias Contextuais. Atualmente, as estagiárias são responsáveis pelo acompanhamento de 5 crianças, entre 6 e 12 anos, na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Tal atuação mostra sua relevância ao promover o desenvolvimento socioemocional saudável de crianças e adolescentes por meio da análise dos efeitos de variáveis ambientais sobre os comportamentos, levando em conta seus antecedentes e consequentes. Para dar início ao processo terapêutico, a criação do vínculo entre terapeuta e paciente é fundamental; é por meio desse laço que se constrói um ambiente seguro, permitindo que as demandas do cliente sejam expressas. Dentre as principais responsabilidades das estagiárias estão a triagem com os responsáveis e sessões individuais; visitas escolares; elaboração de análises funcionais; formulação de casos; elaboração de relatórios clínicos; orientação parental e discussões dos casos em supervisões grupais com a professora supervisora, as quais tiveram por objetivo guiar as sessões seguintes por meio de considerações teóricas e propostas de intervenções. Uma das particularidades do atendimento psicoterapêutico com crianças se encontra na importância de reunir informações de diferentes origens: conversa com os responsáveis, visitas nas escolas e trabalho interdisciplinar com outros profissionais que acompanham a criança. As principais demandas trabalhadas pelas estagiárias foram: elaboração do luto, identificação e manejo de emoções, desenvolvimento de habilidades sociais e estratégias para resolução de problemas, avaliação das práticas parentais, uso de recursos lúdicos, elaboração de materiais para auxiliar o cliente nas demandas escolares, entre outras, tendo como enfoque desenvolver repertórios e auxiliar na discriminação de contingências. Como resultados, observou-se, por meio de relatos dos responsáveis e da observação clínica em sessão, o desenvolvimento de repertórios socioemocionais importantes nas crianças, como a melhora na capacidade de nomear emoções e a aplicação de novas estratégias de enfrentamento diante de frustrações. Entre as dificuldades encontradas, destacam-se o desafio de garantir a adesão dos responsáveis às orientações no ambiente familiar e a articulação com a rotina escolar para generalização dos aprendizados. Conclui-se que o estágio gerou um impacto positivo ao oferecer um serviço de psicoterapia acessível à comunidade e ao solidificar a formação prática das estagiárias no aprimoramento de habilidades clínicas essenciais, como escuta ativa, análise funcional de comportamentos e aplicação de intervenções específicas às demandas infantis.

**Palavras-chave:** brincar, terapia infantil, análise do comportamento

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 2. *Empresas e instituições*

## **18. A PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO NA GESTÃO DE PESSOAS DE UMA INDÚSTRIA METALÚRGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Autores:**

Nathalia Cristina de Lima; Isis Erdei Garcia; João Gabriel Cruz Rodrigues; Renata Panissa Sudan (Rondopar); Ana Céli Pavão Guerchmann (PSI UEL)

**Resumo:**

A psicologia organizacional e do trabalho tem se tornado cada vez mais presente na gestão estratégica de pessoas. O psicólogo no contexto das organizações vem direcionando sua atuação em níveis mais estratégicos de intervenção, passando a contribuir para as decisões e lidando com as condições e relações complexas de trabalho. Isso se torna ainda mais necessário em ambientes tradicionais e normatizados, em que o risco à segurança do trabalhador é constante, como no caso das indústrias. Assim, este trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências na área de gestão de pessoas vivenciadas durante o estágio supervisionado em Psicologia Organizacional e do Trabalho no ambiente de uma organização do setor metalúrgico. O trabalho proposto apresenta uma intervenção solicitada pela área de gestão de pessoas, de analisar um instrumento de avaliação de desempenho aplicado pelos líderes de cada setor, utilizando-o como modelo para a construção de outros dois materiais: um voltado para a autoavaliação do colaborador e outro para avaliar a própria organização. Por se tratar de um ambiente com normas rígidas, majoritariamente masculino e uma liderança estagnada, práticas de gestão de pessoas inovadoras e que exigem adaptações acabam sofrendo resistências. Dessa forma, a atuação dos estagiários se tornou possível pela postura flexível da gestora de pessoas, que permitiu a criação de novos instrumentos que avaliassem a relação entre colaboradores e líderes, e colaboradores e organização. Tais instrumentos, em linhas gerais, contemplam informações sobre fatores previamente definidos, (competências), atribuindo um conceito em uma escala contínua (ótimo, bom, regular, insuficiente), aproximando-se do método da escala gráfica. Como etapa de continuidade, será realizado um treinamento com os líderes, com o objetivo de capacitá-los para aplicar corretamente os novos instrumentos e promover uma cultura avaliativa mais alinhada aos princípios da Psicologia Organizacional e do Trabalho. Logo, espera-se que essa atividade tenha seguimento e que possa ser concluída até a finalização do semestre, gerando resultados satisfatórios a todos os envolvidos. A experiência presente tem demonstrado o potencial da Psicologia Organizacional e do Trabalho na construção de processos avaliativos mais humanos e estratégicos dentro dos ambientes organizacionais.

**Palavras-chave:** Gestão de pessoas; Cultura Organizacional; Avaliação de Desempenho

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 2. *Empresas e instituições*

## **19. VIVÊNCIA ORGANIZACIONAL EM MULTINACIONAL NO SETOR DO AGRONEGÓCIO: O ENLACE ENTRE O CAMPO E A CULTURA**

**Autores:**

Cecília Morandi Damaceno; Luísa Knott Oliveira Silva; Melina Duarte Gagliardi; Karen Suzuki (Belagrícola); Ana Celi Pavão Guerchmann (PSI UEL)

**Resumo:**

Esse trabalho vem sendo realizado, de modo majoritariamente presencial, em 20 encontros de duração média de 4 horas, no departamento de Gente & Gestão em uma organização multinacional do setor do agronegócio. Essa é sediada na região norte do Paraná, com cerca de 1400 funcionários. Tem-se como objetivo compartilhar as vivências nesta organização, articulando a teoria à prática, de forma a observar os processos organizacionais e atuar a partir das demandas. De início, as estagiárias participaram de um momento de integração por meio do qual elementos da cultura organizacional foram transmitidos. Em seguida, foram incluídas em atividades de apresentação das frentes que compõem a área de Gente & Gestão (com 44 funcionários), sendo: Programa Trainee Comercial (capacitação de novos colaboradores para a área de vendas); Frente EX (que diz respeito à experiência do colaborador); Universidade Corporativa da instituição, e Recrutamento e Seleção. A equipe a qual as estagiárias têm contato é composta por 8 profissionais que direcionam as atividades executadas em campo. Dentre elas, foi realizada observação de diferentes entrevistas para admissão de novos colaboradores, que ocorreu remotamente, possibilitando perceber os modos variados e subjetivos de condução desta técnica. Além disso, foi elaborado um roteiro de entrevista para que fosse possível o mapeamento da experiência dos colaboradores, considerando as perspectivas sobre sua jornada na empresa. Durante o percurso, as supervisoras de campo concederam autonomia às estagiárias, de forma que se teve a oportunidade de atualizar formulários estratégicos para avaliação do Programa Trainee, em específico ao que se refere à relação participante-gestor. Nesse processo, as estagiárias vêm percebendo a relevância da cultura organizacional, em que essa é tida como um conjunto de pressupostos, crenças e regras compartilhadas entre os membros da organização, sendo capaz de nortear seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Em campo, tanto comunicações verbais quanto materiais visuais abarcavam características singulares no que se refere à estrutura organizacional e seu modo de funcionamento, tornando perceptível a forma como a cultura é arraigada e instituída enquanto um terreno, no qual as ferramentas, processos e relações interpessoais são fundados. Vale adicionar que tem havido a dificuldade recente com relação à prática ser exercida de maneira presencial, devido à rotina dinâmica da área e oscilação das demandas. Entretanto, mesmo diante de tal obstáculo, os feedbacks vêm sendo de caráter positivo frente ao desenvolvimento, conclusão e cumprimento das atividades demandadas.

**Palavras-chave:** Estágio em psicologia organizacional e do trabalho; Gente & Gestão; Cultura organizacional

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 3. *Mulheres*

## **20. GRUPOS PSICOTERAPÊUTICOS COM MULHERES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Autores:**

Felipe Almeida de Moura; Nicolle Teodoro de Souza; Sonia Regina Vargas Mansano: Supervisora de estágio da UEL (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de estágio realizado no serviço de Clínica Escola da Universidade Estadual de Londrina. O estágio teve por objetivo ofertar atendimento psicoterapêutico em grupo para mulheres. Adotou-se como referencial teórico a Psicologia Clínica na interface com a Filosofia da Diferença. O grupo ofertou um espaço de escuta das experiências afetivas cotidianas de mulheres, com ênfase no cuidado e bem-estar, analisando os desafios emergentes na vida cotidiana e o compartilhamento de sua elaboração. As participantes foram contatadas por meio de um formulário de inscrição divulgado no Instagram da instituição. Na sequência, as mulheres inscritas passaram por uma entrevista clínica individual preliminar com o intuito de melhor conhecê-las e acessar quais queixas mobilizaram a busca do atendimento grupal. Após esse processo inicial de triagem, o grupo foi formado com oito pacientes. Os encontros foram realizados semanalmente com a duração de 50 minutos. Inicialmente, estavam previstos oito encontros grupais, podendo estes serem prorrogados caso fosse de interesse das pacientes. Foram realizadas 12 sessões. As sessões não possuíam temáticas previamente estabelecidas pelos terapeutas: todos os conteúdos trabalhados eram trazidos pelas pacientes e analisados dentro do setting clínico. Como resultado da intervenção, o principal tema trazido para análise se referia ao ser e estar mulher no mundo contemporâneo. Como desdobramentos analíticos, foram trabalhadas questões relativas à culpa, sobrecarga de trabalho, exaustão emocional e física relacionada à dupla-tripla jornada de trabalho feminina, violências de diferentes tipos e intensidades. Analiticamente, também foi possível elaborar parte das experiências compartilhadas em um espaço relacional e de formação de vínculo novo, tendo como norteadores os conceitos de afeto, desejo e sofrimento. A escuta e a partilha de relatos e vivências individuais de cada mulher possibilitou colocar em curso processos de identificação, sensibilidade e aprendizagem através de suas histórias de vida e de superação, reafirmando o contrato terapêutico. No decorrer das supervisões foram estudados autores como Rolnik, Fuganti, Naffah e Sawaia, que cooperaram teoricamente com os desdobramentos clínicos da intervenção grupal. Em termos de formação dos profissionais, o estágio possibilitou entrar em contato e analisar as potências, desafios e limites da intervenção clínica da modalidade grupal. Concluímos que há um longo caminho a ser trilhado para gerar uma maior aproximação das mulheres com as práticas clínicas, uma vez que esta última envolve uma demanda-convite de implicação nem sempre fácil de ser acolhida, sustentada e desejada, demandando mais estudos na área.

**Palavras-chave:** Psicoterapia em Grupos, Mulheres, Clínica

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 3. *Mulheres*

## **21. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA AO ATENDIMENTO DA MULHER EM LONDRINA**

**Autores:**

Lorena Alves de Souza; Fernanda de Mello Nogueira (Centro de Referência de Atendimento à Mulher); Paula Marques da Silva (PSI UEL)

**Resumo:**

O Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CAM) faz parte da Rede Municipal de Enfrentamento à Violência Doméstica, Familiar e Sexual contra as Mulheres de Londrina. O CAM oferece suporte psicológico, serviços sociais e orientação jurídica para mulheres a partir dos 18 anos, que enfrentam situações de violência, seja física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial, conforme estabelecido pela Lei Maria da Penha. Londrina foi pioneira no atendimento à mulheres em violência e se destaca por sua atuação a mais de 30 anos, com o CAM estabelecido antes mesmo da promulgação da Lei Maria da Penha. Este trabalho objetiva salienta a relevância desse espaço na política pública e demonstrar a atuação de uma estagiária de psicologia da Universidade Estadual de Londrina. A base teórica é fundamentada nos princípios da clínica político-institucional, valendo-se também da leitura das políticas públicas de gênero, sob perspectiva interseccional. Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se: diagnóstico institucional, atendimentos clínicos, busca ativa com preenchimento de fichas iniciais e SINAN, e presença em reuniões da Rede de Enfrentamento. Os atendimentos clínicos foram realizados com três mulheres, sendo uma delas acompanhada desde o atendimento no setor de acolhida, que é a porta de entrada do CAM. O atendimento clínico individual dentro do serviço é guiado por diretrizes que objetivam o desenvolvimento da autonomia dessas mulheres, considerando o impacto da violência e violação de direito na vida delas. Desenvolvendo dispositivos analíticos e de produção de si, de forma que possam se reconhecer novamente enquanto mulheres, mães e cidadãs. Visando o acolhimento de forma integral, a atuação do CAM é pautado em Rede, integrando-se a outros órgãos e serviços de saúde, assistência social e juizados. É também na clínica que se desenrolam os encaminhamentos e acompanhamento no acesso à rede, para que a mulher se reconheça na cidade não apenas de forma geográfica, mas enquanto pólis social de existência, resistência e movimento. Contudo, mesmo sendo referência, o CAM atualmente conta com apenas 2 psicólogas e uma estagiária de psicologia que realizam o atendimento psicológico individual. Considerando o aumento da violência contra mulher e sendo Londrina a segunda maior cidade do estado, a falta de investimento no serviço é inegável. Principalmente, considerando a posição da psicologia enquanto constituinte de Rede de Enfrentamento em um sistema que cada dia mais ameaça a existência de serviços e políticas públicas como o CAM.

**Palavras-chave:** violência contra mulher; clínica político-institucional; políticas públicas de gênero

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 3. *Mulheres*

## **22. CARTOGRAFIA DO CUIDADO: EXPERIÊNCIAS CLÍNICAS COM JOVENS MULHERES**

**Autores:**

Mayara Yukari Ogata; Vivian Yuki Manchini Ogawa; Paula Marques da Silva: supervisora de estágio da UEL (PSI UEL)

**Resumo:**

Este relato de experiência tem como propósito apresentar as vivências e reflexões oriundas do estágio realizado na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em que foram atendidas quatro mulheres, sendo duas jovens adultas e duas adolescentes em período escolar, ao longo de aproximadamente quatro meses. A prática clínica foi fundamentada na Esquizoanálise, em uma abordagem Político-Institucional, buscando problematizar a universalização dos processos de subjetivação, frequentemente centrados nas relações familiares e influenciados pelas dinâmicas do regime colonial-capitalista. A clínica proposta se destaca pela relevância em considerar as relações de saber-poder manifestadas no laço social, refletindo em discursos que, muitas vezes, inibem a invenção de novas formas de existir. A cartografia foi utilizada como ferramenta metodológica para mapear os afetos e forças que permeiam a vida das atendidas, inspirada por Suely Rolnik. Essa abordagem proporcionou a identificação de dispositivos clínicos fundamentais na promoção do diálogo e da escuta, incluindo a escrita, músicas, brincadeiras e desenhos. Durante as sessões, foi possível contatar as forças que causam sofrimento e potência nas vidas das pacientes. As questões de gênero emergiram como analisadores clínicos significativos, evidenciando o entrave de uma organização social patriarcal que expõe as mulheres a diversas formas de violência. A instituição educacional também se destacou nas narrativas, revelando que suas exigências frequentemente se entrelaçam com a saúde mental, impondo pressões por um ideal de excelência. Outro aspecto relevante foi o luto, demonstrando como aqueles que partiram permanecem narrativamente presentes na vida das atendidas. O processo de amadurecimento se configurou como um momento de desafio, em que os conflitos se manifestaram sob forma de angústia e raiva, como se as jovens enfrentassem uma guerra contra ideais cristalizados. Contudo, surgiram alternativas, com decisões que reafirmaram suas existências. Este trabalho enfatizou a discussão e o questionamento dos modelos hegemônicos que orientam as práticas psíquicas tradicionais, buscando promover novas formas de existir e de reapropriar a potência de criação em sua dimensão ético-política. A construção de uma clínica sensível às forças e afetos presentes na vida das jovens mostrou-se fundamental, uma vez que a Psicologia hegemônica frequentemente negligencia tais dimensões. Em conclusão, a prática clínica, ao se abrir para a diversidade de experiências e se engajar nas complexidades do laço social, pode contribuir significativamente para a afirmação da vida das mulheres atendidas, de modo a valorizar as vozes dessas jovens, desafiando padrões estabelecidos e promovendo uma nova forma de escuta e cuidado.

**Palavras-chave:** psicologia clínica, gênero, subjetivação

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 4. *Vulnerabilidades*

### **23. ENTRE O CÁRCERE E A RUA: O FAZER DO PSICÓLOGO SOCIAL EM ESPAÇOS DE VULNERABILIDADE**

**Autores:**

Julia de Jesus Barros; Giovana Caroline de Hercules; Sara Gladys Toninato (CnaR); Cíntia Helena dos Santos (PEL-II); Livia Maria Camilo dos Santos (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel do psicólogo social em contextos de vulnerabilidade, tomando como base as experiências vivenciadas nos estágios realizados na Penitenciária Masculina de Londrina e no Consultório na Rua (CnaR), realizados entre junho e dezembro de 2025. Ambos os campos evidenciam a importância da escuta qualificada, do vínculo e do compromisso ético-político diante das desigualdades sociais que atravessam os sujeitos. O estudo busca compreender como o psicólogo atua enquanto mediador entre indivíduos e instituições, considerando os desafios que emergem do contato com populações em situação de vulnerabilidade e exclusão. Na Penitenciária Masculina de Londrina, o estágio foi desenvolvido por meio de atendimentos individuais voltados ao acolhimento de demandas emergentes dos internos. Essa prática possibilitou o contato direto com o sofrimento psíquico em contextos de privação de liberdade, exigindo manejo clínico, escuta sensível e discernimento ético. No entanto, o ambiente prisional apresenta diversas dificuldades que impactam diretamente a atuação do psicólogo. Por ser um espaço rígido, marcado por normas disciplinares e pela lógica punitiva, o trabalho psicológico enfrenta barreiras estruturais e institucionais. Há escassez de recursos para realizar atividades coletivas e individuais, falta de profissionais que garantam a continuidade dos atendimentos e demora no retorno de encaminhamentos e demandas. Além disso, o psicólogo muitas vezes não é reconhecido como parte essencial da equipe, sendo por vezes deslegitimado por agentes de segurança, o que limita sua atuação e a efetividade de intervenções mais amplas. No Consultório na Rua (CnaR), o trabalho consiste em atender pessoas em situação de rua, em diferentes territórios da cidade. A equipe conta com psicólogas, enfermeiras e um médico, além da colaboração de agentes comunitários de saúde. As principais atividades do psicólogo no CnaR são: acolhimento, acompanhamento e a construção conjunta de estratégias para lidar com as violações de direitos vivenciadas pelas pessoas em situação de rua. Nesse cenário, é preciso estar constantemente contra ideais higienistas, muitas vezes oferecidos como uma falsa ideia de proteção social. Torna-se necessário problematizar a institucionalização da população em situação de rua no Brasil atual, por meio de internações involuntárias. Os resultados apontam que, tanto no cárcere quanto na rua, o psicólogo social atua em meio a contradições, desafios éticos e limitações institucionais. Conclui-se que, ao se aproximar de contextos marginalizados, a Psicologia reafirma sua função social e política, promovendo um olhar mais humano sobre sujeitos frequentemente invisibilizados e reforçando a importância de práticas críticas, éticas e comprometidas com a transformação social.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Sistema Prisional; Consultório na Rua

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 4. *Vulnerabilidades*

## **24. “QUERO MINHA CASA”: REFLEXÃO BIOPSIICOSOCIAL DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL**

**Autores:**

Fernanda Alves de Lima; Matheus Akins da Rocha: supervisor de campo do estágio (Casa-Lar); Livia Maria Camilo dos Santos: supervisora de estágio da UEL (PSI UEL)

**Resumo:**

A preservação e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários das crianças e dos adolescentes em Casas-Lar é recomendado como orientação técnica nos serviços de acolhimento. Os vínculos construídos nessa etapa do desenvolvimento humano são fundamentais e refletem diretamente na construção da identidade e no sentido de pertencimento, podendo favorecer a formação da identidade e a constituição como sujeito e cidadão. As lembranças do jantar em família ou do beijo reconfortante de boa noite nos faz lembrar de uma “casa” na qual muitas vezes desejamos retornar. Todavia, tendo em vista que o acolhimento institucional se refere a uma medida de proteção que ampara crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, vítimas de negligência, abandono ou até mesmo maus-tratos, como se dá a formação da identidade e subjetivação do pequeno morador que teve seus direitos violados e agora se encontra institucionalizado? O que ele poderá chamar de “casa”? Como falar da saúde mental dos pequenos institucionalizados dada a transitoriedade de casas e do não saber onde está o seu “lar”? Dada a experiência de estágio supervisionado em Psicologia realizada quinzenalmente totalizando 16 visitas em uma Casa-Lar com crianças e adolescentes (entre 8 e 17 anos) institucionalizados. Acompanhando uma média de 3 a 11 crianças dado a provisoriedade da permanência dos acolhidos no campo, foi possível concretizar uma experiência prática que permitiu entender melhor o funcionamento do acolhimento, tanto na rotina cotidiana dos acolhidos quanto nas articulações com a rede de apoio, de assistência e o Poder Judiciário. Algumas atividades realizadas foram o apoio na elaboração de relatórios, com o contato direto com o Plano Individual de Atendimento (PIA) e o uso do IRSAS (Informatização da Rede de Serviços de Assistência Social) a partir de entrevistas com os acolhidos e dos seus registros dentro do sistema de assistência social, participação nos atendimentos e contatos com as famílias, entendendo e mediando o processo de reintegração familiar, acompanhamento e mediação nas visitas familiares, tanto dentro da unidade quanto em situações externas, e entre outras demandas da instituição. A partir deste contato, revelou-se de grande importância a articulação de práticas psicológicas sensíveis, compreensão dos impactos emocionais e estratégias de enfrentamento dos acolhidos, orientada por políticas públicas voltadas à garantia de direitos e fortalecimento de vínculos. Evidenciando, deste modo, a necessidade de um cuidado integral que una teoria, prática e diretrizes legais na promoção do desenvolvimento e da dignidade dos pequenos moradores acolhidos.

**Palavras-chave:** Acolhimento Institucional, Biopsicossocial, Casa-Lar.

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 4. *Vulnerabilidades*

## **25. ESCUTA CLÍNICA E O RACISMO ESTRUTURAL: EXPERIÊNCIAS DE ATENDIMENTO A POPULAÇÃO NEGRA NO NEAB/UDEL**

**Autores:**

Alisson Ferreira; Gabriela Zuccari; Marleide Rodrigues da Silva Perrude; (NEAB/UDEL);  
Luciana Batista (PSI UELI)

**Resumo:**

O presente trabalho apresenta a experiência de estágio clínico realizado no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Estadual de Londrina, cujo foco foi o atendimento psicológico a pessoas negras, em situação de sofrimento psíquico atravessado pelo racismo estrutural. A proposta do estágio partiu de uma perspectiva decolonial e racializada de clínica, comprometida em tensionar os modelos eurocêntricos e universalistas da psicologia, buscando práticas de cuidado situadas, éticas e politicamente implicadas. Os atendimentos foram realizados semanalmente, em modalidade individual, com supervisão contínua semanal e produção de relatos anonimizados. As estratégias clínicas adotadas incluíram escuta ampliada, manejo do silêncio e elaboração conjunta de narrativas sobre experiências de racismo e pertencimento. A escuta clínica foi utilizada não apenas como técnica, mas como comportamento ético-político de restituição simbólica, capaz de produzir espaços de resistência e reexistência subjetiva. O local selecionado para os atendimentos, permitiu que temas envolvendo atravessamentos raciais fossem constantemente levantados. Durante o percurso, observou-se que o racismo, frequentemente naturalizado, emergiu nas falas dos pacientes como marcas de humilhação, invisibilidade e autodepreciação. A clínica se configurou como espaço de nomeação e legitimação desse sofrimento ético-político, possibilitando movimentos de elaboração psíquica e fortalecimento identitário. No manejo clínico, destacaram-se desafios relacionados à contratransferência racializada, exigindo do estagiário constante reflexão sobre lugar de fala, afetos mobilizados e riscos de reproduzir silenciamentos institucionais. Como resultados, evidenciaram-se avanços na capacidade de reconhecimento das experiências raciais como estruturantes da subjetividade e na ampliação da escuta clínica enquanto prática de resistência. As dificuldades envolveram o enfrentamento de lacunas teóricas na formação tradicional e a necessidade de maior articulação entre clínica e epistemologias negras. Conclui-se que o estágio no NEAB contribuiu para a formação de psicólogas(os) e reforça a importância de construir práticas clínicas antirracistas e comprometidas com a emancipação simbólica de sujeitos negros.

**Palavras-chave:** clínica decolonial, contratransferência racializada, psicologia antirracista

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 5. *Reflexões clínicas*

## **26. TORNAR-SE TERAPEUTA: UM RELATO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NA CLÍNICA COM ADULTOS**

**Autores:**

Ana Carolina Furlan de Assis; Giovanna Duarte Evaristo; Caroline Prestes Villa: supervisor de estágio da UEL (PGAC UEL)

**Resumo:**

O estágio supervisionado no atendimento clínico constitui um marco fundamental na formação profissional do psicólogo, por possibilitar a transição da teoria para a prática e o desenvolvimento de habilidades essenciais ao contexto psicoterapêutico. Nesse contexto, o presente trabalho busca relatar as experiências e aprendizados adquiridos durante o primeiro ano de estágio em psicologia clínica, fundamentado na abordagem analítico-comportamental, com atendimentos voltados ao público adulto. As atividades tiveram como foco a aplicação dos princípios da Análise do Comportamento ao contexto clínico. O processo envolveu o desenvolvimento de repertórios de escuta qualificada, realização de análises funcionais dos comportamentos-alvo, planejamento de intervenções e estabelecimento e fortalecimento do vínculo terapêutico. O público atendido foi composto por adultos, na faixa etária entre 20 e 30 anos, que apresentaram diferentes demandas emocionais, relacionais e comportamentais. Estão sendo desenvolvidas habilidades terapêuticas pelas estagiárias, tais como: 1) Saber ler o cliente e a si mesma a partir de uma visão funcional, observando as relações de contingência que ocorrem na vida, e assim, obter um olhar treinado para os elementos que constroem o repertório comportamental do indivíduo; 2) Conhecer o mundo do cliente, suas crenças, hábitos, valores, bem como conhecer a quais grupos minoritários o cliente por ventura faz parte e suas condições concretas de existência, a fim de utilizar tais informações para o planejamento de intervenções adequadas posteriormente durante o curso da psicoterapia; 3) Identificar comportamentos exibidos pelo cliente durante as sessões que podem sinalizar para futuros trabalhos dentro do tratamento; 4) Saber construir uma relação terapêutica no qual a escuta e o acolhimento são fundamentais e pioneiros no processo terapêutico, se livrando assim da pretensão de solucionar rapidamente os problemas do cliente; 5) Desenvolver habilidades por meio do estudo e da experiência de vida, construindo o repertório além de ser apenas “terapeuta”, pois é necessário ter experiências na vida que dialoguem com as experiências do cliente; e por fim, 6) Estabelecer objetivos terapêuticos a partir de análises funcionais amplas e não a partir de um comportamento-problema. Desse modo, o estágio tem se mostrado uma experiência transformadora no percurso de formação profissional, integrando a teoria com a prática e aprimorando competências clínicas. O contato direto com atendimentos proporcionou não apenas o desenvolvimento técnico das estagiárias, mas também a construção de uma postura ética, sensível às contingências e reflexiva diante das complexidades do fazer clínico.

**Palavras-chave:** psicoterapia, terapeuta, habilidades

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 5. *Reflexões clínicas*

## **27. O VÍNCULO TERAPÊUTICO ENQUANTO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DAS VIVÊNCIAS EMOCIONAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Autores:**

Rebeca Negrão Fernandes; Cecília Morandi Damaceno; João Gabriel Cruz Rodrigues; Marcella Andrade G. do Nascimento; Gabriela Sabino (PPGAC UEL)

**Resumo:**

A Terapia Analítico-Comportamental (TAC) se refere a um conjunto de práticas que seguem os pressupostos da Análise do Comportamento, visando ampliar o repertório comportamental do paciente, promover autoconhecimento e interações mais reforçadoras. Entre as estratégias possíveis, há o vínculo terapêutico, que trata-se da interação que se estabelece entre o terapeuta e o cliente. Seu principal intuito é incentivar o cliente a expressar suas ações, pensamentos e sentimentos. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência a respeito da formação de vínculo desenvolvida entre terapeuta e cliente durante atendimentos realizados no estágio em clínica, articulando as vivências práticas à fundamentação teórica. As atividades foram desenvolvidas na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, no estágio supervisionado em Clínica e Saúde, sob a perspectiva da Análise do Comportamento. Participaram quatro estagiários do quarto ano do curso de Psicologia, com acompanhamento de cinco casos clínicos. As atividades ocorreram entre 15 de agosto e 07 de outubro e envolveram a realização de 24 atendimentos individuais, elaboração de relatos de sessão, leituras teóricas e discussões em supervisão. Notou-se, durante a progressão das sessões, o aumento da fala dos clientes, expressando comportamentos encobertos como: pensamentos intrusivos, experiências traumáticas, desconfortos e dificuldades cotidianas. Observou-se, ainda, que as demandas emocionais vivenciadas durante o estágio produziram impacto sobre o terapeuta e que a construção do vínculo, ao mesmo tempo que representa um desafio, favorece o amadurecimento clínico e pessoal dos estagiários. As supervisões mostraram-se fundamentais nesse processo, funcionando como espaço de aprendizagem, autorreflexão e desenvolvimento de competências terapêuticas. A vivência no estágio, portanto, pôde ser percebida de maneiras distintas pelos estagiários, considerando suas individualidades, e revelou-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento técnico e humano do futuro psicólogo. A experiência evidenciou que a prática clínica, em diversos momentos, se distanciava das expectativas teóricas, tal como em momentos de partilha de emoções e sexualidade com a finalidade de validar o conteúdo trabalhado em sessão. Observou-se, portanto, a complexidade da relação terapêutica e a impossibilidade de uma neutralidade por parte do terapeuta diante de demandas apresentadas pelos clientes. Tal constatação reforça a ideia de que, assim como o cientista não é neutro, o psicólogo também não o é, uma vez que suas ações e interpretações estão inseridas em um contexto cultural e ético que as influenciam.

**Palavras-chave:** Terapia Analítico-Comportamental; Vínculo terapêutico; Psicologia Clínica

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 5. *Reflexões clínicas*

## **28. MANIFESTAÇÕES DA AGRESSIVIDADE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA: UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA**

**Autores:**

Beatriz Molinari Galuch, Gabriel Feijó Aliberti, Jaqueline Kauane Grecco, Mariana Guimarães Ulian, Meyre dos Santos Eiras (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A agressividade é um elemento constitutivo do desenvolvimento humano, cuja manifestação no setting terapêutico varia conforme a etapa do desenvolvimento e a estrutura psíquica do sujeito. Embora fundamental para a constituição do eu, a agressividade pode se tornar um entrave quando não elaborada. Nesse sentido, como a agressividade se dá em diferentes faixas etárias no contexto clínico. Assim, objetiva-se relatar neste trabalho a experiência obtida pelos estagiários, sob abordagem psicanalítica, atuantes no contexto da Clínica Psicológica da UEL. Foram realizados atendimentos com quatro pacientes: Mônica, 9, Fábio, 20, João, 21, e Milena, 22 (nomes fictícios), respectivamente com 14, 14, 10 e 12 atendimentos, que foram supervisionados em grupo, permitindo o acompanhamento dos processos terapêuticos e o aprofundamento na escuta das expressões agressivas na prática e teoria da Clínica Psicanalítica. No caso Mônica, observa-se uma externalização da agressividade em direção aos materiais lúdicos e no relato de impulsos violentos em relação à família e colegas de escola. Nesse caso, demarca-se negligência dos cuidadores e a falta de figuras parentais suficientemente boas que propiciem um ambiente adequado ao desenvolvimento da criança. De forma semelhante, no caso de Fábio, observa-se um jovem adulto autista que, regredido psiquicamente, se comporta de maneira similar à criança, apresentando comportamentos agressivos dentro de seu núcleo familiar, conferidos em seu relato e no de sua mãe. Considerando o enquadramento deste caso, Fábio apresenta dificuldades em remanejar seu circuito pulsional por meio de outras vias e encontra limitações na sua comunicação. Por sua vez, João manifesta no setting uma agressividade voltada contra si mesmo, evidenciando um movimento autodestrutivo que, sob a perspectiva winnicottiana, pode ser entendido como a expressão de uma força vital ainda não integrada. De modo semelhante, Milena, em surtos de raiva, quebra objetos de valor pessoal, dirigindo a destrutividade a si mesma e ao meio externo. A paciente descreve sua agressividade como “uma panela de pressão prestes a explodir”sic. Após iniciar uso de medicação, passou a relatar cada vez menos suas crises de raiva. A partir do estudo dos casos apresentados, foi possível compreender que quando a agressividade não é elaborada e integrada ao ego, pode manifestar-se como comportamentos antissociais, violentos ou destrutivos, como observado em setting terapêutico. Nos casos de Mônica e Fábio, a elaboração pela palavra mostrou-se desafiadora devido ao estado regressivo dos mesmos. Logo, recorreu-se a recursos lúdicos, como desenhos e contação de histórias para acessar conteúdos inconscientes. Assim, enfatiza-se a necessidade e importância da elaboração da agressividade em contexto clínico na psicoterapia.

**Palavras-chave:** agressividade; psicanálise; desenvolvimento humano

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 6. *Educação e desenvolvimento de competências*

## **29. ESCOLHER É CONSTRUIR-SE: REFLEXÕES SOBRE O FAZER PSICOLÓGICO NA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**

**Autores:**

Alice Cristina da Silva Carvalho; Julia de Jesus Barros; Pedro Miguel Lopes Morales; Vittoria de Queiroz Swei; Rita de Cássia Rodrigues Oliveira (CEPV); Carlos Eduardo de Souza Gonçalves (IFPR); Rafael Guillard Armelin (PSI UEL)

**Resumo:**

O estágio curricular em Psicologia na ênfase II teve como foco a Orientação Profissional (OP). Foi desenvolvido em dois contextos distintos: no Curso Especial Pré-Vestibular (CEPV) da Universidade Estadual de Londrina e no Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Londrina. O objetivo foi promover espaços de reflexão sobre o processo de escolha profissional e suas implicações subjetivas, sociais e educacionais. O público participante foi composto por estudantes do ensino médio e de cursinhos pré-vestibulares no município de Londrina, em fase de transição entre a vida escolar e o ingresso no ensino superior. A proposta fundamentou-se na compreensão da escolha profissional como um processo contínuo de construção da identidade e de elaboração de projetos de vida, atravessado por fatores individuais, sociais e históricos. As atividades foram realizadas por meio de encontros grupais com 3 integrantes, mediados por dinâmicas, discussões e exercícios reflexivos, voltados ao autoconhecimento, à ampliação de informações sobre o mundo do trabalho e ao fortalecimento da autonomia no processo decisório. O estágio teve como eixo a criação de um espaço de diálogo que favorece o compartilhamento de vivências, o reconhecimento de potencialidades e a identificação de fatores que interferem nas escolhas, como expectativas familiares, condições socioeconômicas e percepções sobre o futuro profissional. Entre as técnicas utilizadas, destacaram-se dinâmicas de grupo sobre valores pessoais e profissionais, atividades de exploração de interesses e rodas de conversa sobre informações profissionais e vestibular, além das possibilidades de planejamento de carreira. Os principais resultados esperados com o processo de Orientação Profissional são que contribua para o desenvolvimento de uma postura mais ativa e consciente do orientando, diante das escolhas profissionais, auxiliando-os na construção de projetos condizentes com seus desejos, capacidades e contextos de vida. Para os estagiários, a experiência proporcionou o aprimoramento de habilidades de escuta, mediação e análise grupal, além de ampliar a compreensão sobre os desafios presentes no trabalho de orientação. Entre as dificuldades encontradas, destaca-se o baixo número de alunos que puderam participar dos encontros e atividades em grupos, o que possibilitou o aprofundamento das discussões, mas limitou o alcance de algumas atividades propostas. Tais aspectos suscitaram reflexões sobre estratégias de divulgação, dificuldades relativas às possibilidades de participação e engajamento do público para as próximas propostas. Ainda assim, o estágio mostrou-se um espaço significativo de aprendizagem, troca e crescimento, fortalecendo práticas de Orientação Profissional mais dialógicas, inclusivas e voltadas à realidade dos jovens em processo de escolha.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional; Escolha profissional; Autoconhecimento

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 6. *Educação e desenvolvimento de competências*

### **30. INCLUSIVAMENTE: GRUPO DE APOIO PARA UNIVERSITÁRIOS AUTISTAS NO NAC-UDEL**

**Autores:**

Fernanda Alves de Lima; Marina Iha Bilha; Minerva de Siqueira Christianini; Nicolle Teodoro de Souza; Heitor de Proença Gonçalves Pires; Pamella Gabrielle Gransoti de Souza (estagiária NAC UEL); Ingrid C. Ausec (NAC UEL); Maria Clara de Freitas (PGAC UEL); Sílvia C. Murari (PGAC UEL).

**Resumo:**

No contexto universitário, a convivência social, as exigências de comunicação e a adaptação às normas implícitas de convivência podem se tornar fontes significativas de desconforto, ansiedade e exclusão para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Diante desses desafios, o desenvolvimento de habilidades sociais tem se mostrado uma estratégia potente para favorecer a inclusão, o desempenho acadêmico e a ampliação dos repertórios relacionais dessa população no Ensino Superior. Nesse sentido, o grupo de estágio do curso de Psicologia-UDEL, em parceria com o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual de Londrina (NAC-UDEL), desenvolve o projeto “Inclusivamente”, um grupo de apoio, acolhimento e desenvolvimento de habilidades sociais voltado a universitários autistas. Em seu terceiro ano de realização (2025), o grupo contou com uma média de oito participantes ao longo de 10 encontros. Os temas dos encontros foram escolhidos de forma participativa, contemplando tópicos como autismo e identidade, regulação emocional, comunicação assertiva, iniciar e manter conversas, falar em público e relacionamentos interpessoais e amorosos. Cada encontro foi estruturado em dois momentos: uma breve exposição teórica dialogada conduzida pelos estagiários, seguida de uma dinâmica vivencial, em que os participantes puderam exercitar as habilidades de forma prática e reflexiva. Nos feedbacks realizados durante o processo, os participantes relataram satisfação com a convivência, o acolhimento e o compartilhamento de experiências, destacando um reconhecimento mais preciso sobre se entender e conseguir respeitar suas limitações. Também sugeriram ajustes de horário e ritmo, momento quando o grupo passou a ocorrer em formato de roda de conversa, favorecendo maior espontaneidade e vínculo entre os participantes. Dessa forma, este estágio mostrou-se como uma ferramenta de inclusão social dentro da universidade, salientando o seu papel como um dispositivo de promoção de saúde mental e contribuindo para o fortalecimento da autonomia social e bem-estar, saindo dos eixos normativos e mercantilizados que permeiam o diagnóstico e as pessoas com TEA, além de apontar a importância de que as práticas psicológicas, no contexto universitário, sejam pautadas na escuta, na adaptação e no reconhecimento da diversidade.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Habilidades Sociais, Ensino Superior

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 6. *Educação e desenvolvimento de competências*

### **31. TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS: UMA PROPOSTA DE PROGRAMAÇÃO DE ENSINO NA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

**Autores:**

Edno Marcos da Costa Júnior; Anna Laura Pereira Queiroz; Gabrielle Passos Cerqueira; Ana Carolina Aurélio; Edmarcia Manfredin Vila (PGAC UEL)

**Resumo:**

Na perspectiva da Análise do Comportamento (AC), as habilidades sociais (HS) são compreendidas como classes de respostas aprendidas ao longo da história de vida do indivíduo, selecionadas em função das consequências produzidas nas interações com o ambiente. Quando uma pessoa não vivencia condições favoráveis para a aprendizagem dessas habilidades, é provável que apresente déficits, gerando prejuízos significativos nas relações interpessoais e na qualidade de vida. A terapia analítico-comportamental constitui uma ferramenta importante para o ensino e fortalecimento dessas competências. Déficits em HS estão frequentemente associados a diferentes transtornos psicológicos, como ansiedade, depressão, transtornos de personalidade, além da propensão a desenvolver comportamentos anti-sociais, reforçando a relevância clínica e preventiva do Treinamento em Habilidades Sociais (THS). Diante dos déficits no repertório interpessoal, o psicoterapeuta analítico-comportamental poderá utilizar a programação de treinamentos para seu desenvolvimento, cabendo a ele planejar e manipular as contingências visando favorecer a aquisição ou modificação de comportamentos. O profissional pode reforçar sucessivamente respostas próximas ao comportamento-alvo, promovendo a modelagem do repertório desejado. Ademais, pode atuar como modelo, favorecendo a aprendizagem por observação, na qual o indivíduo amplia seu repertório observando os comportamentos do terapeuta e suas consequências. Para a construção do programa de THS, devem ser elencados classes de comportamentos que o aprendiz precisa aprender, podendo ser aplicados instrumentos, dados de relatos verbais e observação direta. Posteriormente, buscar na literatura referente à HS, utilizando a lente da AC, quais comportamentos serão necessários ao ensino e como realizá-lo. Em algum grau, os quatro casos atendidos pelos estagiários na Clínica Psicológica da UEL apresentaram déficits no repertório de HS. Este trabalho encontra-se em desenvolvimento e objetiva, no ensino de classes de comportamentos sociais, promover maior efetividade nas relações interpessoais da clientela. Os resultados parciais, após 16 sessões em quatro meses, indicam que parte da amostra já discrimina o impacto negativo de comportamentos previamente emitidos, reconhecendo que tais respostas podem gerar consequências aversivas para si e outros. Esse avanço está diretamente relacionado à programação de ensino estruturada no THS, que inclui a análise funcional dos comportamentos-alvo, a modelagem de novas respostas e o reforço positivo de alternativas socialmente eficazes. Isso favorece a modificação de padrões de resposta, aumentando a probabilidade da obtenção reforçadores positivos e minimização de eventos aversivos na interação da clientela com diferentes pessoas em contextos variados.

**Palavras-chave:** habilidades sociais, AC, clínica analítico-comportamental

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 7. *Psicologia e políticas públicas*

## **32. O TRABALHO DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS SOCIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Autores:**

Ana Clara Ramazotti Totti; Emanuelle Freiria Souza Primo; Bruna Miguel Savio; Catharina Trevisan; Roberth Miniguine Tavanti (PSI UEL); Sérgio Ricardo Belom (UBS Vivi Xavier); Silvia Helena de Rezende Siste (CRAS Oeste A)

**Resumo:**

Os Estágios Específicos de Ênfase Opção II (6EST235), aqui desenvolvidos, foram realizados na Unidade Básica de Saúde Vivi Xavier e no Centro de Referência de Assistência Social Oeste A, e inserem-se na intersecção dos campos da Psicologia Social e as Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social por meio da construção cotidiana do trabalho dos psicólogos nessas instituições. Em 2025, foi realizada parceria interinstitucional com a Prefeitura de Londrina-PR com foco no atendimento dos usuários da UBS e o CRAS, tendo como objetivo a inserção no cotidiano de trabalho do psicólogo e o desenvolvimento de práticas de intervenção psicossocial e comunitária. Para tanto, a experiência das estagiárias consistiu na participação de acolhimentos, oficinas, grupos terapêuticos e atendimentos individuais e familiares com os usuários acompanhados pelos serviços, além das reuniões com a equipe multiprofissional. A partir de tais experiências pedagógicas e formativas, juntamente ao processo de supervisão institucional intersetorial, foi possível verificar que as práticas do psicólogo em Políticas Públicas visam a garantia de direitos aos usuários dos serviços, a melhora na qualidade de vida desses sujeitos, a promoção de saúde mental e o enfrentamento das vulnerabilidades sociais, institucionais e relacionais. Nesse sentido, foram realizados durante a atuação na UBS práticas integrativas como o grupo de TRE (Técnica de redução de estresse) e o grupo de tabagismo para quem desejasse cessar o fumo. No serviço do CRAS, foi realizado o acompanhamento de beneficiárias do PMTR, grupo realizado pelo educador social, pela psicóloga e assistente social em conjunto com as estagiárias. Dentre os resultados obtidos a partir do período de estágio, estabeleceu-se um aprendizado sobre as políticas públicas e as redes de proteção social básica nos territórios, além de possibilitar o entendimento sobre os encaminhamentos necessários e o desenvolvimento de medidas interventivas psicossocial. Ademais, em ambos os campos de estágio, foi possível observar o impacto das oficinas e grupos para os beneficiários dos serviços, tendo os encontros proporcionado diferentes efeitos como promoção de saúde mental a partir da escuta qualificada e coletivização das demandas, melhoria na qualidade de vida e garantia de direitos. Por fim, destacam-se os obstáculos enfrentados, como a intensa carga de trabalho das equipes dos serviços e a dificuldade de articulação transectorial no município. Tais aspectos, contudo, revelam possibilidades de futuros trabalhos, em especial na articulação das diversas políticas na busca do fortalecimento e organização do território e sua população.

**Palavras-chave:** Psicologia social, Saúde mental, Políticas públicas

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 7. *Psicologia e políticas públicas*

### **33. PSICOLOGIA NA DEFENSORIA PÚBLICA: INTERVENÇÕES E APRENDIZADOS EM UM CAMPO DE JUSTIÇA E CUIDADO.**

**Autores:**

Lívia Maria de Castro Gabriel Segatto; Fábio Eiji Sato: supervisor de campo (Defensoria Pública do Estado do Paraná); Eneida Santiago (PSI UEL)

**Resumo:**

A Defensoria Pública é definida pela Constituição Federal de 1988 como uma função essencial à justiça. No Estado do Paraná, foi instituída pela Lei Complementar Estadual nº 55/1991 e organizada pela Lei Complementar nº 136/2011. O campo da psicologia, ao adentrar os espaços jurídicos, inicialmente possuía um caráter pericial e classificatório, voltada prioritariamente às práticas de avaliação e diagnóstico. Com o tempo, ampliou-se para uma atuação crítica e interdisciplinar, voltada para promoção dos direitos humanos, da cidadania e da inclusão social. Nesse contexto, a presença da psicologia na Defensoria Pública propõe reflexões sobre se esse espaço reproduz práticas normativas ou se abre possibilidades emancipatórias e de fortalecimento dos sujeitos frente à justiça. Este é um relato de experiência de um estágio ocorrido durante o ano letivo de 2025, desenvolvido sob supervisão do psicólogo da Vara da Infância e Juventude da Defensoria Pública, e de uma docente do departamento de Psicologia Social e Institucional, teve como público as educadoras sociais de um abrigo institucional de Londrina. As atividades incluíram observação da atuação profissional na Defensoria, participação em discussões de caso em formato de matriciamento com a rede intersetorial (CREAS, UBS, Conselho Tutelar, entre outros), e acompanhamento de formações sobre o Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes. Foram também realizadas reuniões semanais de supervisão e planejamento, com foco na estruturação de uma intervenção voltada às educadoras sociais. Deste modo, o objetivo principal do estágio foi desenvolver um espaço de escuta e investigação acerca das condições de trabalho e saúde mental das educadoras sociais. Inicialmente, foram feitas visitas a todas as casas institucionais e entrevistas para um diagnóstico preliminar. A partir disso, elaborou-se uma proposta de oficina intitulada “Falando de Cuidado”, centrada nas experiências dessas trabalhadoras. Contudo, a proposta não se concretizou devido à dificuldade de aproximação e incompatibilidade de horários. Como alternativa, foi planejada uma nova estratégia de acompanhamento contínuo em uma das casas, com observação participante da rotina e das dinâmicas institucionais. Os resultados parciais indicam que o estágio possibilitou o aprofundamento na prática da psicologia jurídica e institucional, bem como uma compreensão ampliada sobre os desafios do cuidado nas relações de trabalho. As dificuldades encontradas apontam para a importância da escuta prolongada e da construção gradual de vínculos, abrindo possibilidades de continuidade do projeto e de futuras intervenções junto às educadoras e à rede de proteção.

**Palavras-chave:** Defensoria Pública, Cuidado Institucional, Psicologia Jurídica

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 7. *Psicologia e políticas públicas*

### **34. INTERVENÇÃO CLÍNICA DO TRABALHO NO CONSELHO TUTELAR NORTE: REFLEXÕES SOBRE O PRESCRITO E O REAL NO TRABALHO**

**Autores:**

Pedro Henrique Silva Santos; Ruth Tainá Aparecida Piveta (Conselho Tutelar); Ana Claudia Barbosa da Silva-Roosli (PSI UEL)

**Resumo:**

A intervenção realizada no Conselho Tutelar Norte, orientada pela perspectiva da Clínica do Trabalho, teve como propósito compreender as dinâmicas que atravessam a atividade dos(as) conselheiros(as) tutelares e promover espaços de reflexão sobre o fazer cotidiano. Participaram da intervenção 5 conselheiros(as) tutelares, que atuam diretamente nas demandas do território de abrangência do Conselho. A abordagem parte do princípio de que o trabalho é uma atividade viva e complexa, que envolve mediações entre prescrições institucionais, exigências sociais e o real das situações enfrentadas. O percurso metodológico incluiu a análise documental das normas que orientam a função tutelar, a observação direta das atividades desenvolvidas e a realização de entrevistas dialógicas ao longo do acompanhamento das ações, favorecendo o surgimento de reflexões sobre o sentido e as dificuldades do trabalho. Essas entrevistas, de caráter semiaberto, configuraram-se como espaços clínicos de escuta e coanálise, possibilitando que os(as) conselheiros(as) revisitassem suas práticas, identificassem contradições e reconhecessem estratégias construídas coletivamente para enfrentar os impasses institucionais. A experiência evidenciou que parte significativa do sofrimento no trabalho decorre dos impossíveis do trabalho real e das condições de insuficiência ou ausência de prescrição, o que gera sentimentos de impotência e sobrecarga. Nesse cenário, a Psicologia, ao operar a partir da escuta e da análise da atividade, assume uma função fundamental ao sustentar o diálogo entre o sujeito e o trabalho, promovendo a resignificação das experiências e a reconstrução dos vínculos com o sentido do fazer profissional. Paralelamente, a intervenção possibilitou a visibilização de saberes práticos e de táticas inventadas no cotidiano, frequentemente invisibilizadas pelas lógicas burocráticas e prescritivas. A Clínica do Trabalho, nesse contexto, mostrou-se uma ferramenta potente para o fortalecimento da saúde coletiva, a ampliação do protagonismo dos(as) trabalhadores(as) e o fomento de processos de transformação institucional. Mais do que analisar condições objetivas de trabalho, a proposta promoveu a escuta da experiência, a legitimação do sofrimento e a valorização da dimensão criadora presente na atividade, reafirmando o compromisso da Psicologia com práticas que articulam cuidado, reflexão e emancipação no campo das políticas públicas.

**Palavras-chave:** Clínica do Trabalho; Conselho Tutelar; Saúde do Trabalhador

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 8. *Saúde no trabalho*

### **35. TREINAMENTO DE COMUNICAÇÃO ASSERTIVA EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL COM BASE NA PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS (PCDC)**

**Autores:**

Edno Marcos da Costa Júnior; Gabrielle Passos Cerqueira; Nádia Kienen (PGAC UEL)

**Resumo:**

A presença do psicólogo nas organizações tem se tornado cada vez mais relevante, sobretudo pelo potencial de identificar e desenvolver repertórios comportamentais adequados ao contexto de trabalho. A inserção dos estagiários em uma empresa viabilizou o contato com a realidade do contexto organizacional, especialmente no que diz respeito a atividades de treinamento. Para atender a essa necessidade, foi elaborado um treinamento fundamentado na literatura sobre habilidades sociais e comunicação organizacional, tendo como base central a Programação de Condições para o Desenvolvimento de Comportamentos (PCDC) — uma tecnologia de ensino baseada nos princípios da Análise do Comportamento. O processo de formulação do treinamento seguiu etapas específicas dessa tecnologia. Inicialmente, a fim de realizar um diagnóstico de necessidades de aprendizagem, foram realizadas observações diretas no ambiente laboral e quatro entrevistas com analistas de Recursos Humanos. Os dados coletados indicaram a necessidade de ensino de comportamentos de comunicação assertiva, definindo o comportamento-objetivo-terminal: comunicar-se com clareza, assertividade e eficácia no contexto de trabalho. Em seguida, foram identificados comportamentos intermediários necessários à aprendizagem do comportamento final. Eles estruturam o programa em quatro encontros de aproximadamente uma hora e meia no auditório da organização, organizados do ensino de comportamentos mais simples aos mais complexos. Os comportamentos-objetivo a serem ensinados nos encontros são: comunicar emoções de maneira adequada; escolher estratégias de negociação de acordos conforme o contexto de trabalho; comunicar-se assertivamente de forma oral e escrita; e analisar as variáveis que interferem na comunicação. A próxima etapa consistirá em planejar as atividades e condições de ensino, que incluirão exposições de informações que fundamentam o tema de cada encontro e dinâmicas voltadas ao desenvolvimento dos comportamentos-objetivo propostos. Também foi planejada uma avaliação do programa, por meio de um questionário antes e após o treinamento, com o objetivo de verificar os efeitos do treinamento e avaliar a sua eficácia. O treinamento será voltado a 22 colaboradores, sem obrigatoriedade de frequência integral. Embora o trabalho ainda esteja em andamento, espera-se que o treinamento contribua para a melhoria da produtividade e do bem-estar dos colaboradores, considerando que um repertório de comunicação eficaz e as habilidades sociais são componentes essenciais para o desempenho e as relações no ambiente corporativo. O estágio viabilizou o desenvolvimento dos estagiários em relação ao uso da PCDC como ferramenta para o planejamento e aplicação de treinamentos no âmbito organizacional. Além disso, a organização se mostrou receptiva à intervenção, colaborando para que o estágio transcorresse com tranquilidade.

**Palavras-chave:** Psicologia Organizacional, Comunicação, PCDC

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 8. *Saúde no trabalho*

### **36. PROGRAMAÇÃO DE CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS: REGULAÇÃO EMOCIONAL NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL**

**Autores:**

Josiane Dirlene Guimarães; Alana Gabriele Vicensi; Nádia Kienen (PGAC UEL)

**Resumo:**

No contexto organizacional, a dificuldade de autorregulação emocional tem se mostrado um desafio, influenciando tanto a percepção quanto a atuação dos colaboradores. Nesses contextos, frequentemente é necessário desenvolver novos repertórios, processo em que a Programação de Condições para o Desenvolvimento de Comportamentos (PCDC) – uma tecnologia de ensino baseada nos princípios da Análise Experimental do Comportamento – pode contribuir de forma significativa. A PCDC ocorre em etapas: caracterização das necessidades de aprendizagem; definição e análise dos comportamentos a serem desenvolvidos, planejamento e execução das condições de ensino, e avaliação de resultados. Este estágio realizou um treinamento em uma empresa do setor alimentício, vinculado a um programa de bem estar da empresa. No início, buscou-se diagnosticar as necessidades de aprendizagem. Foram utilizados procedimentos da PCDC, incluindo a caracterização da situação-problema, a proposição de comportamentos-objetivo. Participaram cinco profissionais do setor de RH, responsáveis por identificar demandas relacionadas ao treinamento. Foram coletados dados por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de mapear os principais desafios enfrentados no trabalho. Os resultados indicaram que os colaboradores apresentavam dificuldades de autorregulação emocional, com questões pessoais interferindo em suas percepções profissionais. Além disso, verificou-se maior incidência de frustrações em setores com pouca abertura para novas ideias, revelando sinais de desregulação emocional diante dessas limitações. Diante disso, foi proposto o seguinte comportamento-objetivo para o treinamento: “identificar estratégias de regulação emocional aplicáveis ao contexto de trabalho, visando à melhoria das relações interpessoais”. Para isso, foram propostos quatro encontros, visando a: identificar emoções no ambiente de trabalho; conceituar comportamento e reconhecer variáveis que influenciam respostas emocionais; sustentar e aceitar emoções em situações organizacionais; e aplicar estratégias de regulação emocional. Os encontros envolveram cerca de 20 colaboradores, com uma hora e meia, semanalmente. As atividades incluíram dinâmicas, exibição de vídeos e a utilização de cartilha para a prática da regulação emocional. Foram aplicados pré e pós-testes para avaliar os efeitos do treinamento sobre os comportamentos-objetivo. Os dados permitiram a elaboração de um treinamento que promova habilidades de regulação emocional, resultando em melhorias nas relações interpessoais. O estágio viabilizou o desenvolvimento de repertórios importantes nas estagiárias, especialmente na identificação das necessidades de aprendizagem e ao planejamento da programação de ensino. Os colaboradores do setor de RH se mostraram muito receptivos às intervenções propostas, viabilizando que o estágio transcorresse com tranquilidade, sem dificuldades ou resistências às intervenções.

**Palavras-chave:** PCDC; Regulação Emocional; Psicologia Organizacional

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 8. *Saúde no trabalho*

### **37. INTERVENÇÃO COM RESIDENTES EM SAÚDE DA FAMÍLIA: UM OLHAR SOB O TRABALHO REAL E REFLEXÕES EM TORNO DA FORMAÇÃO NA ATENÇÃO BÁSICA**

**Autores:**

Alice Cristina da Silva Carvalho; Sarah Beatriz Meirelles Félix: supervisor de campo do estágio (Residência Multiprofissional em Saúde da Família); Ana Claudia Barbosa da Silva Roosli: supervisor de estágio da UEL (PSI UEL)

**Resumo:**

O estágio em Psicologia, realizado na Residência Multiprofissional em Saúde da Família de Londrina, tem como objetivo compreender a complexidade do trabalho dos(as) residentes e favorecer a produção de reflexões sobre o cotidiano das práticas na Atenção Básica. Fundamentado nas contribuições da Clínica do Trabalho, o estágio utiliza referenciais da Ergonomia da Atividade, da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade, orientando-se pela coanálise do trabalho real – isto é, a investigação do que efetivamente se realiza, do que se busca realizar e do que as condições concretas de trabalho limitam ou impossibilitam. Esta abordagem reconhece a distância entre o prescrito e o real e considera que o trabalhar envolve constante debate de normas e valores, mobilizando a inteligência prática e os recursos singulares dos(as) profissionais para gerir as variabilidades e insuficiências presentes nas situações de trabalho. Participaram do estágio 20 residentes de diferentes áreas da saúde, acompanhados(as) em reuniões de tutoria e em espaços coletivos de reflexão sobre o trabalho real. As atividades ocorreram nos cenários onde a residência se desenvolve: Hospital Universitário da UEL, UBS Padovani e Aquiles Stenghel. Ao todo, foram realizadas cinco visitas ao campo, com observações, entrevistas semiestruturadas e encontros de coanálise, nos quais os(as) residentes foram convidados(as) a descrever situações de trabalho, analisar dificuldades e construir, de modo coletivo, interpretações e alternativas de ação. Entre os resultados alcançados, destaca-se o acesso a dimensões do trabalho real que nem sempre são debatidas nos espaços formais da residência, permitindo explicitar tensões, estratégias cotidianas e dilemas presentes no fazer profissional. Com essa intervenção, buscou-se associar ao processo formativo reflexões mais aprofundadas sobre o trabalho real e seus desafios, ampliando a compreensão dos(as) residentes sobre seu próprio trabalho. Esse movimento contribui para fortalecer a capacidade normativa diante dos imprevistos e promover a resignificação das experiências vividas nos serviços. Para a estagiária, o processo possibilitou o desenvolvimento de competências analíticas e interventivas voltadas à dimensão gestonária do trabalho, aproximando teoria e prática na perspectiva da saúde coletiva. Entre as dificuldades encontradas, destacam-se o tempo limitado de inserção, que restringe a observação longitudinal, e a necessidade de consolidar vínculos com residentes e tutores(as) para sustentar os processos de reflexão. Como possibilidades de continuidade, identificam-se a ampliação dos espaços de coanálise, a institucionalização de momentos regulares de discussão do trabalho e o fortalecimento da integração entre formação, cuidado e transformação das práticas em saúde.

**Palavras-chave:** clínica do trabalho, trabalho real, formação em saúde

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 9. *Psicoterapias*

### **38. RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOTERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL**

**Autores:**

Ana Clara Ramazotti Totti; Fernanda Cavalcanti Tavares; Edmarcia Manfredin Vila (PGAC UEL)

**Resumo:**

Apresenta-se o estágio de ênfase em investigação científica e intervenção em processos clínicos e saúde, realizado por duas alunas do quinto ano na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. O público-alvo dessa atuação tem sido composto por pessoas inscritas na fila de espera para atendimento psicológico da clínica. As atividades realizadas pelas estagiárias incluem atendimentos semanais e quinzenais com duração de aproximadamente 50 minutos, participação em supervisões, elaboração de relatos escritos das sessões, realização de formulação caso a partir de análise funcional e levantamento bibliográfico, e planejamento de sessões a partir das discussões entre estagiárias e supervisora, com vistas ao desenvolvimento de comportamentos alternativos aos comportamentos-problemas, em busca da melhora da qualidade de vida e bem-estar dos pacientes atendidos. Para a realização dos atendimentos, as estagiárias têm aprendido a utilizar ferramentas da Terapia Analítico-Comportamental como observação direta, análise funcional, e recursos terapêuticos variados e intervenções das Terapias Contextuais, pertinentes a cada caso. Os casos permanecem em atendimento e consistem em três mulheres, com idades entre 19 e 21 anos; um homem de 21 anos; exceto um menino de 9 anos, cujo caso foi encerrado recentemente em função da indisponibilidade de horários para a realização dos atendimentos. Dentre esses casos, três pacientes possuíam histórico de atendimentos anteriores na clínica-escola, realizados por outros estagiários, e três casos passaram a ser atendidos recentemente pelas estagiárias de modo que ainda estão na fase inicial do processo terapêutico, cujos objetivos são a construção de vínculo e a análise funcional para compreensão dos padrões comportamentais. Após a implementação de intervenções elaboradas individualmente para cada caso, tem-se observado que dois deles passaram a apresentar comportamentos relacionados à auto-observação e à compreensão dos próprios padrões comportamentais, além da aquisição de repertórios verbais voltados à análise funcional dos comportamentos manifestados no cotidiano. Nos demais casos, ainda não se verificou a compreensão consistente dos padrões de comportamentos-problema, nem o desenvolvimento das habilidades necessárias para a realização de análises funcionais do próprio comportamento, possivelmente em razão do curto período de psicoterapia e do fato de a aliança terapêutica ainda estar em processo de consolidação. De modo geral, tem-se notado que, na maioria dos casos, há um aperfeiçoamento dos repertórios comportamentais relacionados à observação, descrição e identificação das próprias emoções, bem como o refinamento do relato verbal durante as sessões, o que tem contribuído para o início da identificação das relações de dependência entre o comportamento e o ambiente.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica, Análise do Comportamento, Terapias Contextuais

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 9. *Psicoterapias*

### **39. A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA INDIVIDUAL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E TERAPIAS CONTEXTUAIS: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**Autores:**

Ana Flávia Fernandes Soares; Beatriz Pfau Pedriali Tanan, Cecília Endo de Almeida Fabiano; Nathalia Cristina de Lima; Silvia Aparecida Fornazari (PGAC UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho introduz a prática no campo da psicoterapia individual com ênfase em Análise do Comportamento e nas Terapias Contextuais, desenvolvida no contexto de Estágio Específico em Psicologia Clínica na Universidade Estadual de Londrina (UEL). O estágio teve como objetivo proporcionar aos discentes a oportunidade de integrar a formação teórica à prática supervisionada, desenvolvendo repertórios e habilidades para a atuação clínica, bem como oferecer à comunidade interna e externa da Universidade a psicoterapia sob enfoque analítico comportamental. A prática foi realizada na Clínica Psicológica da UEL, ficando sob responsabilidade de cada estagiário a condução de 1 ou mais atendimentos clínicos individuais, sendo o público atendido composto por adultos. Durante o período de estágio foram conduzidos 64 atendimentos individuais envolvendo 4 clientes do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com faixa etária variando entre 18 e 55 anos. Entre as principais práticas exercidas pelas estagiárias estão: entrevistas de triagem e sessões individuais; elaboração de análises funcionais; formulação de casos; elaboração de relatórios clínicos e discussões dos casos em supervisões grupais com a professora supervisora. Tais reuniões tiveram por objetivo guiar as sessões seguintes através de considerações teóricas e propostas de intervenções. As demandas clínicas recorrentes envolveram temáticas como a elaboração do luto, sintomatologia depressiva, ansiedade generalizada, crises de pânico, dificuldades de interação social, conflitos interpessoais e prejuízo no autocuidado. As intervenções tiveram como objetivo o desenvolvimento de repertórios, auxiliando os pacientes na discriminação de contingências que mantêm padrões disfuncionais de comportamento e compromisso com a mudança. Entre as estratégias utilizadas destacam-se o treino de habilidades sociais, psicoeducação, manejo de crise, reestruturação de padrões de esquiva experiencial, descrição de contingências e promoção de autorregulação emocional. Em casos que envolveram risco à vida, foram elaborados planos de segurança com protocolos de prevenção e rede de apoio. O estágio permitiu aos discentes desenvolver competências essenciais à prática clínica analítico-comportamental, incluindo manejo terapêutico, postura ética, comunicação sobre casos e elaboração de relatórios. O Estágio Curricular Obrigatório, enquanto componente prático indispensável à formação do psicólogo, cumpriu seu papel ao possibilitar a aplicação de conhecimentos teóricos em situações reais, promovendo habilidades técnicas, reflexivas e autonomia clínica. Além disso, evidenciou seu impacto social ao oferecer serviços gratuitos de psicoterapia, ampliando o acesso a cuidados psicológicos e contribuindo para a formação de profissionais capacitados, conscientes de suas responsabilidades éticas e comprometidos com a promoção do bem-estar psicológico.

**Palavras-chave:** Psicoterapia individual; Análise do Comportamento; Estágio

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 9. *Psicoterapias*

#### **40.A IMPREVISIBILIDADE DA CLÍNICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO NA CLÍNICA ESCOLA DA UEL**

**Autores:**

Felipe Iuri de Souza Bordini; Rafael Guillard Armelin (PSI UEL)

**Resumo:**

A orientação profissional pode ser compreendida como um serviço destinado a auxiliar pessoas na tomada de decisões relacionadas ao futuro acadêmico e profissional. Trata-se de um processo estruturado, com início, meio e fim, no qual são abordadas temáticas como autoconhecimento, informações profissionais, projeto de vida e planejamento de carreira. Essa foi a proposta inicial no Estágio de Ênfase I, cujo planejamento previa a realização de atendimentos na Clínica Psicológica da UEL com indivíduos que apresentassem demandas específicas voltadas à orientação profissional. Entretanto, a vivência em uma clínica-escola de psicologia é permeada pela imprevisibilidade: cada caso que chega traz consigo uma história singular e necessidades que nem sempre correspondem às expectativas ou às categorias previamente estudadas. Sendo assim, foi necessário a constante adaptação para agir diante das situações trazidas para as sessões e demandas que foram se apresentando, às vezes de forma inesperada. Durante o período de estágio, foram atendidos dois pacientes que, inicialmente, buscavam auxílio relacionado à escolha profissional, contudo, ao longo das sessões, as demandas apresentadas foram se transformando, revelando questões pessoais e emocionais que ultrapassavam o foco inicial da orientação profissional. Essa mudança exigiu uma ampliação do repertório técnico e conceitual trabalhado, bem como o desenvolvimento de novas estratégias que possibilitassem acolher as novas necessidades trazidas pelos pacientes, como por exemplo, a escuta ativa, confecção de análises funcionais em conjunto às pacientes, modelagem, reforçamento, psicoeducação e também reflexões que possibilitasse o desenvolvimento do autoconhecimento. Por mais que o trabalho tenha tomado um rumo diferente do que foi pensado inicialmente, é possível enxergar a imprevisibilidade como um elemento formativo essencial, pois desafia o futuro psicólogo a lidar com o inesperado de maneira sensível, responsável e tecnicamente fundamentada. E é a partir desses valores que a prática no estágio continuará sendo pautada até seu encerramento.

**Palavras-chave:** Orientação profissional, Clínica escola, Imprevisibilidade.

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 9. *Psicoterapias*

#### **41. SELEÇÃO POR CONSEQUÊNCIAS: A HISTÓRIA DE VIDA NA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL**

**Autores:**

Bruna Maria Vieira; Eduarda Godoy Schmidt; Luiza Zanella Gusmão; Wagner Rogerio da Silva (PGAC UEL)

**Resumo:**

O sujeito em terapia traz consigo não somente uma queixa, mas sua história de vida e como ela constrói esse indivíduo ao longo de sua existência. Essa é a visão do ser humano orientada pela Ciência do Comportamento e deve também servir de base para aplicação dessa ciência à terapia, para além do uso de técnicas operantes e respondentes de modificação de ações específicas do indivíduo. Isso implica construir com o cliente a compreensão de si mesmo como fruto de suas interações e, junto ao terapeuta, construir a explicação de seu sofrimento que o levou à terapia. Assim, o cliente em terapia pode buscar assumir a direção do fluxo de interação com a sua vida, de forma a não somente mudar condutas no presente, mas que a consciência de sua história traga conhecimento de como a pessoa pode se compreender, implicando em um resultado a longo prazo, e não somente pontual em relação a um comportamento problema. Dessa maneira, no estágio realizado, a base da prática clínica comportamental se deu em construir com o cliente a compreensão da história de interação dele com sua vida, permitindo que ele se compreenda como o resultado desse processo de interação, com o objetivo de que o indivíduo desenvolva autonomia, capaz de descrever e discriminar suas contingências. Logo, foram atendidos em psicoterapia 6 pessoas, entre 10 e 44 anos, sendo maioria do sexo feminino. Os atendimentos foram realizados na Clínica Psicológica da UEL, sob supervisão e tendo como base teórica a Ciência do Comportamento, em especial o modelo de seleção por consequências, proposto por Skinner, a fim de auxiliar o cliente a identificar as contingências que operam na sua história de vida, além de acessar o passado para entender a construção de seu repertório atual. A partir da realização dos atendimentos, foi observado que, durante o processo terapêutico, os clientes desenvolveram a habilidade de identificar as contingências presentes nas histórias de interação deles com a sua vida e sua relação com o sofrimento no presente e, como resultado, desenvolveram capacidade de análise e compreensão de suas realidades. Notou-se também o desenvolvimento da habilidade de descrever suas vivências com consciência, o que favoreceu as aplicações de intervenções consistentes com a história de vida de cada cliente. Tais resultados evidenciam a importância de aplicação da Ciência do Comportamento à terapia como forma de promover impacto não apenas pontual, mas duradouro na vida de cada indivíduo atendido.

**Palavras-chave:** psicoterapia, análise do comportamento, seleção por consequências

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 10. *Envelhecer*

## **42. TECENDO MEMÓRIAS: RELATO DE INTERVENÇÃO COM IDOSOS EM UM CRAS DE LONDRINA**

**Autores:**

Daniela Fernanda das Neves, Juliana Baracat (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho consiste em um relato de estágio supervisionado realizado por aluna do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, desenvolvido junto a um grupo de idosos atendidos em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da região Norte do Paraná. O grupo foi idealizado a partir da identificação de idosos em situação de isolamento social e risco, decorrente de episódios de esquecimentos e ausência de redes de convivência. O objetivo da intervenção foi promover a socialização, o fortalecimento de vínculos, a reflexão sobre memórias e identidade, bem como a participação comunitária, por meio de atividades estruturadas que contemplassem aspectos lúdicos, afetivo-emocionais e cognitivos. O público participante incluiu seis idosos, que participaram regularmente dos encontros mensais. As atividades foram organizadas segundo a abordagem dos Grupos Operativos de Pichon-Rivière, combinando tarefas explícitas, como oficinas de memórias, plantio de suculentas, passeios culturais e atividades de socialização, e tarefas implícitas, voltadas ao enfrentamento do isolamento social, da perda de autonomia e das ansiedades relacionadas ao envelhecimento. O Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO) foi utilizado para orientar a dinâmica grupal, permitindo que a metodologia fosse adaptada às necessidades individuais e coletivas, promovendo protagonismo e associatividade. As oficinas de memórias possibilitaram que os participantes compartilhassem experiências por meio de objetos significativos e registros fotográficos, promovendo reflexão sobre trajetória de vida e identidade. Nesse sentido, os passeios culturais estimularam integração e ampliação do repertório social, enquanto as atividades artísticas incentivaram a expressão criativa de emoções e vivências afetivo-emocionais. Além disso, a participação ativa nas atividades contribuiu para o fortalecimento de vínculos, socialização e construção coletiva de significados, evidenciando os efeitos positivos da intervenção sobre o bem-estar e a autoestima dos idosos. Por outro lado, entre as dificuldades observadas destacam-se as ausências ocasionais devido a questões de saúde, limitações físicas e restrições individuais, exigindo adaptações na condução das atividades. Apesar desses desafios, o trabalho demonstrou potencial de continuidade, podendo ser ampliado para atender mais participantes e diversificar as atividades. Conclui-se que a intervenção proporcionou um espaço de convivência, aprendizagem e reflexão, promovendo impactos positivos na qualidade de vida dos idosos, na construção de vínculos sociais e na participação comunitária, configurando-se como estratégia relevante de atenção à população idosa em situação de vulnerabilidade social.

**Palavras-chave:** envelhecimento, CRAS, grupos operativos

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 10. *Envelhecer*

### **43. VOZES E PROTAGONISMO NA VELHICE**

**Autores:**

Gabriela Zuccari dos Santos; Luciana Ferreira Alvarez (Secretaria do idoso, prefeitura de Londrina); Josiane Cecília Luzia (PGAC UEL)

**Resumo:**

O estágio realizado junto à Secretaria do Idoso de Londrina buscou promover ações em saúde mental para usuários (60+ anos) do Centro de Convivência do Idoso (CCI) da Zona Leste, diante do desafio do envelhecimento populacional e do etarismo internalizado. As ações que envolvam a terceira idade são cruciais no enfrentamento da exclusão psicossocial. O objetivo geral foi estabelecer um espaço terapêutico de grupo que funcionasse como um dispositivo de subjetivação, favorecendo o fortalecimento da identificação, da identidade, da expressão emocional e da reconstrução simbólica do envelhecer. O público-alvo foi dividido em dois grupos homogêneos (masculino e feminino) para aumentar a probabilidade da exploração de temas sensíveis de gênero, como solidão, luto, tipos de violência sutil e frustração de planos. As ações totalizaram 17 encontros, com duração de duas horas cada um. O número de participantes variou de 1 a 25 por sessão. A metodologia se baseou em rodas de conversas em que a escuta subjetiva e dinâmicas vivenciais foram empregadas. As principais técnicas utilizadas foram: Psicoeducação sobre saúde mental, “Linha do tempo afetiva” e “O espelho do tempo”. Os resultados, baseados em relatos qualitativos, revelam uma intensa necessidade de falar e compartilhamento de traumas, indicando que o processo de crescimento e mudança psíquica continua ativo na velhice. O grupo comprovou sua potência ao criar conexões, favorecer a autovalorização e, em momentos cruciais (como o fenômeno da “Tradução” de falas entre pares), atuar como um mediador terapêutico eficaz. A principal dificuldade foi gerenciar o tempo de fala devido à alta demanda por expressão, reflexo do silêncio social imposto. Conclui-se que o trabalho resgatou a dignidade e a potência do envelhecer, promovendo autoconhecimento e autonomia. O impacto percebido para a comunidade é a relevância na oferta de espaços de fortalecimento de vínculos, restauração do protagonismo subjetivo e da autonomia, transformando a intervenção clínica em proposta de mudanças políticas. Para o futuro, a continuidade do estágio sugere um aperfeiçoamento da proposta grupal, integrando o trabalho as questões emocionais e o espaço de escuta e expressão visando a elaboração coletiva e pertencimento, com atividades de psicoeducação e ensino de habilidades que favoreçam a sustentação dos ganhos em autonomia.

**Palavras-chave:** Rodas de Conversas, Envelhecimento, Etarismo, Terapia em Grupo

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 10. *Envelhecer*

#### **44.UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA DE SAÚDE MENTAL COM IDOSOS**

**Autores:**

Felipe Almeida de Moura; Jaqueline Kauane Grecco; Julia Camile da Silva; Vanessa Shizue Abe; Luciana Ferreira Alvarez (Centro de Convivência da Pessoa Idosa (CCI - Oeste); Valéria Queiroz Furtado (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de estágio do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O trabalho em questão foi realizado em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), mais especificamente no Centro de Convivência da Pessoa Idosa (CCI) Oeste. O estágio teve como objetivo a realização de uma oficina de saúde mental com idosos usuários do serviço em questão. A oficina, de caráter psicoeducativo, ancorou sua prática dentro da perspectiva da Psicologia Escolar em contextos de educação não formal, sob base teórico-epistemológica da Psicologia Histórico Cultural. O trabalho realizado teve por objetivo trazer reflexões e ensinamentos para os usuários sobre o que é saúde mental e como ela se relaciona com o bem-estar, com a autonomia e com a qualidade de vida de qualquer sujeito, dando ênfase na importância fundamental da prevenção ao falar deste tema. Inicialmente, foi realizada a divulgação da oficina por meio de mídias digitais e folders informativos. Foram realizadas 25 inscrições através de entrevistas preliminares individuais. O planejamento contou com sete encontros com os temas: Introdução à saúde mental; Ansiedade e distúrbios do sono; Depressão e suicídio; Luto; Dor crônica; Relacionamentos interpessoais; Revisão e encerramento das atividades. Todos os encontros foram realizados em contexto grupal e de forma dialogada, divididos em uma parte teórico-expositiva e uma parte prática, foram utilizados slides e vídeos ilustrativos durante os momentos teóricos, e dinâmicas grupais e atividades manuais conjuntas nos momentos práticos. Os encontros foram coordenados por quatro estagiários, divididos em duplas. A principal dificuldade encontrada para a realização do trabalho se deu em função de possíveis mudanças administrativas na Política de Assistência do município, que faria com que não tivéssemos o espaço necessário para realizar as atividades. Referente aos resultados foi possível perceber a criação e o estabelecimento de vínculos entre os participantes e os estagiários, evidenciado pela postura receptiva e pela abertura para compartilhar experiências pessoais relacionadas aos temas trabalhados ao longo dos encontros. A criação de novas redes de apoio-cuidado e sociabilidade dentro do grupo, além da construção e produção coletiva de sentidos acerca da temática trabalhada. O crescente engajamento do grupo com o passar das semanas, o aumento de participantes, denota o interesse e a importância que foi dada ao trabalho realizado dentro do serviço pelos participantes e demais usuários.

**Palavras-chave:** Psicologia Escolar, Saúde Mental, Idosos

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 11. *Avaliação Psicológica*

#### **45. DESAFIOS DO ENCAMINHAMENTO POR SUSPEITA DE AUTISMO EM ADOLESCENTES PARA A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA**

**Autores:**

Beatriz Molinari Galuch; Giovanna Duarte Evaristo; Laura Pontes Tsujioka; Nataren Tamires Bello Pedro; Patrícia Silva Lúcio (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O estágio de Avaliação Neuropsicológica atende os pacientes encaminhados à Clínica Psicológica da UEL por profissionais externos (médico, professor, etc.) com o objetivo de auxiliar no processo diagnóstico. A avaliação tem como finalidade investigar, por meio de instrumentos e técnicas, o funcionamento cerebral do paciente a partir de seu comportamento, indicando possíveis alterações e gerando subsídios para o diagnóstico diferencial. Neste estágio, foram avaliados, em dupla terapêutica, dois adolescentes de 15 anos - Henrique e Ana (nomes fictícios) - ambos com suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA) (CID-10 F84). O processo ocorreu ao longo de seis sessões, entre junho e setembro de 2025. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento crônico e de causa multifatorial, caracterizado por déficits na comunicação, na integração social e na reciprocidade, além de comportamentos e interesses restritos e repetitivos, marcados por retraimento, dificuldade de contato visual e resistência em iniciar interações. Embora a deficiência intelectual seja uma comorbidade comum entre pessoas com TEA, muitas delas apresentam bom desempenho em testes de habilidades ou mesmo acima da média, tornando o diagnóstico complexo e exigindo observações comportamentais cuidadosas e escalas de rastreamento. No caso de Henrique, as observações e resultados obtidos durante a avaliação sugeriram manifestações compatíveis com o TEA, corroborando a hipótese diagnóstica inicial. Ana, por sua vez, teve a hipótese de TEA descartada pela profissional responsável pelo encaminhamento. Apesar disso, foram aplicados instrumentos complementares de rastreamento, cujos resultados confirmaram o descarte da hipótese diagnóstica feita pela psiquiatra. A avaliação de Ana concentrou-se então na investigação da personalidade e das relações interpessoais, visando compreender seus modos de interação com o ambiente e subsidiar propostas de intervenção e encaminhamentos adequados. Os instrumentos utilizados nos casos foram: anamnese com o responsável, SRS-2 e o HTP; no caso de Ana, aplicou-se também o Pfister e o ABC. Os dados obtidos nos testes projetivos confirmaram as observações clínicas: Henrique apresentou dificuldades de interação social, tendência ao isolamento, comportamento rígido e dificuldades para lidar com emoções, o que pode comprometer sua adaptação em diferentes contextos. Já Ana apresentou padrões de interação e aspectos da personalidade condizentes com as informações clínicas relatadas. De modo geral, os casos ressaltam a importância de um procedimento de avaliação cuidadoso e articulado, que envolve instrumentos diagnósticos adequados e uma abordagem interdisciplinar sensível às particularidades emocionais, comunicacionais e sociais do desenvolvimento adolescente.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Avaliação Neuropsicológica; Adolescência

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 11. *Avaliação Psicológica*

## **46. AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM CONTEXTO ESCOLAR: RELATO DE CASO COM MUTISMO SELETIVO**

**Autores:**

Natacha Poltronieri Fattori; Pedro Henrique Silva Santos; Emanuely Barbalho da Silva; Diana Aparecida de Souza (Polo Multidisciplinar e Intersetorial Maria Clara Dias Dutra); Katya Luciene de Oliveira (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A avaliação psicológica é um processo técnico-científico que visa investigar fenômenos psicológicos a partir de técnicas, materiais e processos. No contexto escolar, a avaliação psicológica tem como principal objetivo auxiliar a criança e o adolescente na aprendizagem, elucidando possíveis dificuldades e facilidades nesse processo, apontando para encaminhamentos e estratégias a fim de promover seu desenvolvimento. O presente trabalho realizou uma avaliação conduzida por meio de um estágio curricular obrigatório no contexto escolar, realizado em uma Secretaria de Educação Especial na cidade de Londrina. A criança avaliada, de 7 anos de idade, foi encaminhada devido à ausência de linguagem oral, limitação na interação social e recusa em participar das atividades pedagógicas e recreativas. De acordo com o encaminhamento realizado pela escola, o aluno apresentava dependência nas atividades escolares, ausência de iniciativa e isolamento social, comunicando-se apenas por meio de gestos e apontamentos, sem verbalizações no ambiente escolar. É relevante destacar que, no momento da avaliação, o aluno encontrava-se institucionalizado, fator que influenciou diretamente o processo avaliativo, dificultando o estabelecimento de vínculo e favorecendo uma postura retraída e de alerta constante. Avaliação foi realizada durante uma sessão estendida, sendo utilizados como fontes fundamentais os instrumentos Escala Wechsler de Inteligência para Crianças (WISC-IV), Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (CPM), Escala de Maturidade Mental Colúmbia 3 (CMMS-3), assim como os registros de observação e as entrevistas com a criança e o responsável legal. Como fonte complementar foi utilizado o Relatório de Avaliação Pedagógica no Contexto Educacional, datado de março de 2024. Os resultados indicaram desempenho extremamente baixo no Índice de Organização Perceptual da WISC-IV e CMMS-3, sugerindo dificuldades cognitivas significativas em tarefas que demandam planejamento viso-espacial e raciocínio abstrato. Por outro lado, o resultado no Raven situou-se dentro da média para a faixa etária, apontando para recursos preservados no raciocínio não verbal. A discrepância entre os resultados sugere interferência do contexto emocional e relacional, especialmente no que se refere à ansiedade social. Com base na integração dos dados, foram levantadas as hipóteses diagnósticas de Mutismo Seletivo e Transtorno de Comunicação Social (Pragmático), conforme DSM-5-TR e CID-11. Foram realizados encaminhamentos para psicoterapia individual com foco no enfrentamento da ansiedade, continuidade de acompanhamento multiprofissional (fonoaudiologia, neuropediatria e CAPS infantil) e construção de um plano de intervenção escolar individualizado, priorizando estratégias que respeitem o ritmo da criança e favoreçam a ampliação progressiva de suas habilidades comunicativas e sociais.

**Palavras-chave:** Avaliação Psicológica; Escolar; Estágio curricular

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 11. *Avaliação Psicológica*

#### **47. PROCESSOS AVALIATIVOS E DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL NO TEA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DOIS ESTUDOS DE CASO**

**Autores:**

Gabriel Feijó Aliberti, Mariana Guimaraes Ulian, Rebeca Negrão Fernandes, Laura Bredariol Gonçalves, Patrícia Silva Lúcio (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O diagnóstico diferencial é um procedimento que visa identificar, com base em critérios clínicos e funcionais, as particularidades que distinguem transtornos com apresentações semelhantes. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social e a presença de padrões comportamentais restritos e repetitivos. O TEA apresenta comunalidades com outros transtornos, além de altas taxas de comorbidades (como o TDAH e a deficiência intelectual). Seu diagnóstico é clínico, tornando relevante o diagnóstico diferencial nesse processo. O objetivo deste estudo é relatar experiências clínicas derivadas do estágio de Avaliação Neuropsicológica na Clínica Psicológica da UEL. Foram atendidos dois casos de crianças do sexo masculino em idade escolar: A, durante oito sessões e B por nove sessões, cujas manifestações clínicas indicaram a necessidade de um diagnóstico diferencial para confirmação da hipótese de TEA. Para ambos os casos, foram realizadas anamneses com os responsáveis, sessões de observação clínica e no ambiente escolar e aplicação de teste WISC-IV e outras fontes complementares de avaliação, como o CARS (Childhood Autism Rating Scale) e a SRS-2 (Escala de Responsividade Social - 2ª Edição). Ademais, durante o processo de avaliação de A e B foram produzidas Tabelas de Critérios Diagnósticos para identificação da presença ou ausência de comportamentos relacionados ao TEA, a fim de otimizar o processo de diagnóstico diferencial. No caso A, além dos dados obtidos durante anamnese, foram observados no contexto clínico sintomas compatíveis com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), como baixo nível de atividade e baixa resposta auditiva e visual. Assim, após aplicação do CARS e SRS-2, foi possível identificar sintomas característicos do critério A1 (déficits na reciprocidade sócio emocional) do DSM-5-TR, no entanto, em relação aos critério A2 (déficits nos comportamento comunicativos não-verbais) e A3 (déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos) não houve identificação de prejuízos relevantes e persistentes (por mais de seis meses). Nesse contexto, o paciente não cumpria os critérios necessários apresentados do DSM-5-TR para diagnóstico de TEA. Por sua vez, o paciente B apresentou todos os comportamentos que preenchem os critérios diagnósticos do manual, possibilitando, em conjunto com as informações coletadas, a confirmação do diagnóstico de TEA com nível de suporte 1, sem comprometimento intelectual. Posto isso, encontra-se dificuldade no processo de diagnosticar ou não um paciente, uma vez que o diagnóstico pode gerar impactos e consequências subjetivas significativas no desenvolvimento escolar e social da criança. Dessa forma, o diagnóstico diferencial se constitui como um instrumento decisivo para a avaliação neuropsicológica.

**Palavras-chave:** Diagnóstico Diferencial; Avaliação Neuropsicológica; Classificação Diagnóstica

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 12. *Instituições de saúde*

#### **48.A INTERDISCIPLINARIDADE COMO EIXO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CAPS I IBIPORÃ**

**Autores:**

Beatriz Silva Roque; Luana Moure; Luiza Takahara Bortoliero; Maria Luiza Duarte de Matos; Luisa Guedes di Mauro e Beatriz Cristina Gallo (CAPS I - Ibiporã); Roberth Miniguine Tavanti (PSI UEL)

**Resumo:**

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um dispositivo do Sistema Único de Saúde (SUS) que integra a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), caracterizando-se como serviço aberto, comunitário e territorial, voltado ao cuidado em saúde mental. Seu foco prioritário é o acompanhamento de pessoas em intenso sofrimento psíquico, incluindo aquelas com demandas relacionadas ao uso de álcool e outras drogas. As diretrizes da RAPS orientam-se pela garantia do acesso, da qualidade do cuidado e da integralidade da atenção, sustentadas por uma prática multiprofissional e interdisciplinar, voltada à promoção da autonomia, do cuidado em liberdade e da inserção comunitária dos usuários. Nessa perspectiva, o CAPS se consolida como dispositivo substitutivo ao modelo asilar e manicomial, fundamentado na atenção psicossocial. Este resumo objetiva apresentar reflexões sobre o trabalho multidisciplinar no CAPS, a partir das experiências vivenciadas pelas autoras durante os estágios curriculares obrigatórios do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, realizados no CAPS I de Ibiporã-Paraná, entre maio e dezembro de 2025. O serviço acompanha atualmente 944 usuários, todos com Projeto Terapêutico Singular, e conta com equipe composta por profissionais de diferentes áreas, incluindo psicologia, enfermagem, psiquiatria, serviço social e educação social, além de trabalhadores administrativos e estagiárias. Durante o período de estágio, as autoras participaram de acolhimentos, atendimentos individuais, visitas domiciliares, oficinas terapêuticas, grupos e reuniões de equipe. Essas vivências, articuladas às supervisões coletivas, evidenciaram que o trabalho multiprofissional se organiza a partir de uma lógica de corresponsabilidade, na qual diferentes saberes técnicos se articulam na construção de um cuidado integral e singular. Destacam-se, nesse processo, as oficinas terapêuticas, as reuniões de equipe e as intervenções psicossociais com usuários e familiares, fortalecendo vínculos e produzindo um cuidado em rede. Ao longo do estágio, também foram identificados desafios inerentes ao serviço, como a alta demanda decorrente do elevado número de usuários acompanhados, o manejo de crises e sofrimentos agudos e limitações estruturais e burocráticas, que exigem reorganizações constantes das práticas profissionais. Tais desafios reforçam a necessidade de articulação entre os diferentes profissionais e do fortalecimento do trabalho interdisciplinar no cotidiano institucional. Nesse contexto, a Clínica Ampliada e o Projeto Terapêutico Singular destacam-se como ferramentas centrais, pois possibilitam a construção coletiva das condutas terapêuticas e a ampliação do olhar para além do diagnóstico. Por fim, o trabalho desenvolvido no CAPS analisado evidencia a relevância da interdisciplinaridade, da humanização do cuidado, da cooperação entre saberes e da promoção da saúde pública.

**Palavras-chave:** CAPS, Equipe Multidisciplinar, Saúde Mental

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 12. *Instituições de saúde*

#### **49. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO CAPS II: LIMITES E POSSIBILIDADES**

**Autores:**

Eduardo Garcia Guimarães; Ana Beatriz Marega Belem; Patrícia Silvia de Souza: supervisora de campo do estágio (Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II de Rolândia); Marina Zuan Benedetti Chenso (PPSIC UEL)

**Resumo:**

As atividades de estágio foram realizadas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II de Rolândia - PR, uma vez por semana, acompanhadas pela psicóloga coordenadora do serviço. Diante de um acordo entre os estagiários e a coordenadora foi estabelecida a proposta inicial, que consistia em trilhar o percurso do usuário desde sua chegada ao serviço. Deste modo, as atividades iniciais foram os acolhimentos, seguidas da participação no grupo de entrada (intensivo), que é um grupo aberto, heterogêneo e imprevisível. Ao longo de quatro meses, os estagiários realizaram acolhimentos individuais e participaram das reuniões multiprofissionais voltadas à discussão dos casos do grupo intensivo, o que possibilitou uma compreensão aprofundada sobre o manejo com os usuários do serviço, a utilização da estratificação de risco e o funcionamento institucional do CAPS. As experiências vivenciadas mostraram-se ricas em aprendizado, especialmente quanto à importância do acolhimento como porta de entrada e como momento de escuta qualificada. As reuniões de equipe se destacaram por promoverem maior entendimento acerca das trocas interdisciplinares e das reflexões éticas sobre o cuidado em saúde mental. No entanto, um dos desafios enfrentados pelos estagiários foi a realização do grupo intensivo. Durante 2 semanas consecutivas, apenas duas pessoas compareceram ao grupo, e por conta do baixo número, foi acordado entre os técnicos e os estagiários que seria mais apropriado fazer escutas individuais. Nesta ocasião, uma das pacientes manifestou verbalmente sua insatisfação diante da ausência do grupo naquele dia, e acrescentou que gostava da experiência de grupos. As expectativas inicialmente traçadas foram parcialmente confrontadas pela realidade da atuação no campo de estágio, o que revelou tanto as potencialidades quanto as limitações da atuação no serviço. Todavia, a partir de um referencial psicanalítico, foi possível a realização de um grupo, com duração de aproximadamente 1 hora, direcionado a realizar uma atividade de colorir emoções onde participaram os dois estagiários e duas pacientes. A atividade transcorreu como o programado, e possibilitou a construção coletiva de sentidos a partir das falas emergentes. Sendo assim, pôde-se constatar a potência da realização de grupos num CAPS. Por fim, conclui-se que a escuta, neste serviço, mobilizou nos estagiários afetos intensos nos encontros (e desencontros) ali vividos, e também um confronto interno diante dos impasses e limites impostos.

**Palavras-chave:** Saúde Mental; CAPS; Grupos

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 12. *Instituições de saúde*

## **50. ATUAÇÃO PSICOLÓGICA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DA ZONA NORTE DE LONDRINA**

**Autores:**

Caroliny Vitória Marques dos Santos; Júlia Ramos Galvan; Vittoria de Queiroz Sweij; Sérgio Belon: supervisor de campo do estágio (Unidades Básicas de Saúde Vivi-Xavier e Milton Gavetti); Yulla Christoffersen Knaus (PGAC UEL)

**Resumo:**

O estágio da Ênfase I foi realizado em contexto de saúde pública, em duas unidades básicas de saúde da Zona Norte de Londrina: Milton Gavetti e Vivi Xavier. O objetivo dos encontros era acompanhar a rotina do Psicólogo em atendimentos individuais e nos grupos de acolhimento: tabagismo e puericultura (acompanhamento multidisciplinar da saúde de crianças especialmente até os dois anos de idade). As ações realizadas nos atendimentos individuais consistiam em ouvir a queixa principal dos usuários da UBS, acolhê-los e, conforme a demanda, dar seguimento com atendimentos breves ou encaminhá-los para outros serviços da rede. Na puericultura, o foco esteve na orientação sobre cuidados com os filhos e desenvolvimento infantil. Já no grupo de tabagismo, buscou-se oferecer apoio psicológico para auxiliar na cessação do uso do cigarro. As técnicas e estratégias utilizadas durante as intervenções foram conduzidas com base na escuta ativa e no acolhimento, garantindo um espaço de escuta acolhedor e propício ao vínculo. Utilizou-se postura empática, validação emocional e linguagem acessível. Quando necessário, foram oferecidas orientações pontuais e devolutivas breves. As visitas se iniciaram em maio de 2025, uma vez por semana, durante três horas. A cada encontro, foram realizados uma média de 3 atendimentos individuais, totalizando uma média de 80 participantes ao longo do processo. Já nos grupos, foram contabilizados uma média de 124 indivíduos. Dentre tais atividades também foram realizadas visitas domiciliares, atendendo à política de busca ativa da UBS. Observou-se que a atuação psicológica nos serviços de atenção primária exige: o manejo da escuta, o trabalho em equipe multiprofissional e a adaptação de estratégias conforme o contexto do território, buscando sempre criar espaços de acolhimento. As ações desenvolvidas nos grupos e atendimentos individuais auxiliaram na promoção de saúde mental e na ampliação do acesso da população a esse tipo de serviço. O estágio também evidenciou os desafios da prática em saúde pública, especialmente no que se refere à alta demanda e aos limites institucionais, exigindo flexibilidade e interdisciplinaridade nas intervenções.

**Palavras-chave:** Saúde Pública, UBS, escuta ativa

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 12. *Instituições de saúde*

## **51. A PSICANÁLISE NO HOSPITAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

### **Autores:**

Raíssa Mendonça de Carvalho; Emanuelle Freiria Souza Primo; Nataren Tamires Bello Pedro; Maria Clara Iwai Baracat; Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis (PPSIC UEL)

### **Resumo:**

A psicologia hospitalar opera na articulação entre a doença, como fato biológico, e o adoecimento, tomado como experiência subjetiva. O processo de adoecer convoca um campo de manifestações psíquicas que impactam não apenas o paciente, mas também seus familiares e a própria equipe de saúde. Diante da irrupção real da doença, o sujeito é convocado a elaborar sentidos sobre o sofrimento que o atravessa. Nesse campo em que a práxis médica se orienta pelo saber do corpo, emerge a necessidade de um espaço para a escuta e elaboração do sofrimento psíquico. Assim, o trabalho do psicólogo nesse ambiente é de suma importância para que os pacientes possam se colocar como sujeitos em sua subjetividade. Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a atuação do psicólogo no contexto hospitalar, do ponto de vista da psicanálise. Participaram do estudo quatro estagiárias, graduandas de Psicologia no quinto ano e dois psicólogos residentes do Programa de Residência em Saúde da Mulher. As atividades foram realizadas no período de maio de 2025 até dezembro do mesmo ano, na Maternidade e nas Enfermarias B e D do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina (HU/UEL). Os atendimentos foram realizados com mulheres hospitalizadas, incluindo adolescentes, adultas e idosas, em contexto de adoecimento físico e sofrimento psíquico. Ao todo, foram atendidas aproximadamente 121 mulheres, em atendimentos pontuais realizados tanto no leito quanto em outros espaços da instituição. A perspectiva clínica adotada foi a da escuta psicanalítica, com ênfase na associação livre e a escuta flutuante. As estratégias utilizadas incluíram escuta individual, observação clínica e discussões em supervisão semanal, fundamentadas na psicanálise. Os procedimentos foram adaptados à realidade hospitalar, com atendimentos breves, interrupções inesperadas dos acompanhantes e outros profissionais. Como resultados, observou-se que a escuta qualificada proporcionou aos pacientes um espaço de acolhimento e elaboração subjetiva, promovendo alívio psíquico em situações de luto, medo, ansiedade e angústia frente ao adoecimento. Por outro lado, o estágio favoreceu às discentes participantes a compreensão de nuances do sofrimento psíquico em contexto hospitalar, bem como no manejo clínico diante da imprevisibilidade e das limitações institucionais. As conclusões apontam para a importância da inserção da Psicologia, com escuta psicanalítica, nos serviços hospitalares como forma de dar voz ao sujeito em situação de internação hospitalar. Entre as dificuldades enfrentadas, destacam-se a alta rotatividade de pacientes, falta de privacidade e tempo reduzido para os atendimentos.

**Palavras-chave:** Psicologia Hospitalar; Maternidade; Psicanálise

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 13. *Conexões entre Psicologias*

## **52. PSICOLOGIA CLÍNICA, SAÚDE E PROCESSOS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS: A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CAPS DE JAGUAPITÃ-PR, PRESENÇA E VÍNCULO EM MEIO À INCERTEZA**

**Autores:**

Ana Julia de Abreu Moraes Nascimento; Alejandra Astrid Cedeno (PSI UEL)

**Resumo:**

O Estágio Específico de Ênfase I (6EST233), desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do município de Jaguapitã-PR, insere-se no campo da Psicologia Clínica e da Saúde, tendo como base a ética e o compromisso político da profissão com a Reforma Psiquiátrica e o cuidado em liberdade. O estágio possibilitou vivenciar a construção cotidiana desse cuidado como serviço substitutivo ao modelo manicomial e integrante da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), marcada por desafios estruturais e políticos do serviço bem como potências que emergem das relações entre equipe, usuários e comunidade. A unidade do CAPS em Jaguapitã foi inaugurada em 2024, configurando-se como um serviço em consolidação caracterizado pela modalidade I de abrangência, tendo no município 15.122 habitantes segundo o último Censo de 2022. O serviço enfrenta dificuldades relacionadas à estrutura física, à rotatividade de profissionais e à escassez de recursos municipais para a saúde mental. Nesse contexto, o estágio tornou-se um espaço de aprendizado sobre como a Psicologia pode contribuir, mesmo em condições adversas, para sustentar práticas éticas, criativas e comprometidas com o território. As atividades desenvolvidas incluíram observação, condução de dois atendimentos individuais de triagem com mulheres adultas, participação em colaboração com uma das psicólogas, o educador físico e o artesão da equipe, em quatro encontros de grupo de regulação emocional com adolescentes e cerca de onze encontros em dois grupos de socialização e regulação emocional com crianças, discussões de casos, visitas domiciliares e reuniões de equipe multiprofissional (nos atendimentos individuais foram utilizados fichas de triagem e sistema virtual para evolução de prontuário na rede; nos grupos com adolescentes fichas de regulação emocional sob o viés da Terapia Comportamental Dialética DBT; nos encontros com as crianças, materiais de atividades físicas como bolas arcos comes e jogos). Assim, o estágio reafirma o papel da Psicologia na defesa do SUS, da Reforma Psiquiátrica e do direito à saúde mental como um bem coletivo, construindo vínculos valiosos apesar das limitações e dificuldades enfrentadas e com intuito de desenvolver melhor nos próximos anos a iniciativa de grupos e oficinas que proporcionem mais desse cuidado, redirecionando as atividades ainda muito individualistas do serviço na unidade Jaguapitaense.

**Palavras-chave:** CAPS, Saúde Mental, Reforma Psiquiátrica, Psicologia, Políticas Públicas

**Modalidade:** Comunicação Oral

Sessão 13. *Conexões entre Psicologias*

**53. PSICOLOGIA CLÍNICA, SAÚDE E PROCESSOS SOCIAIS E INSTITUCIONAIS: A PARCERIA INSTITUCIONAL ENTRE A ELO CONSULTORIA - EMPRESA JÚNIOR DE PSICOLOGIA DA UEL E O NÚCLEO DE ATENÇÃO À SAÚDE DO TRABALHADOR DE LONDRINA-PR**

**Autores:**

Ana Julia de Abreu Moraes Nascimento; Ana Vitória Shirai Sardinha; Catharina Trevisan; Daniela de Souza Santos; Gabriel Martins da Silva; Giovana Caroline de Hercules; Luciana Bonis Rossigalli; Murillo Volpato; Vitor Souza de Camargo; Isadora Garbi de Oliveira (ELO Consultoria); André Luís Vizzaccaro Amaral (PSI UEL)

**Resumo:**

Os Estágios Específicos de Ênfase Opção I e II foram desenvolvidos na ELO CONSULTORIA - Empresa Júnior de Psicologia da UEL, na interface entre Psicologia do Trabalho e Saúde do Trabalhador. Em 2025, renovou-se a parceria com o Núcleo de Atenção à Saúde do Trabalhador (NAST) da Prefeitura de Londrina-PR, com o objetivo de atender pacientes encaminhados para diagnósticos em saúde mental e análise denexo de causalidade com o trabalho. A prestação de serviços consistiu na realização de Investigações Psicossociais no Contexto do Trabalho (IPCT), fundamentadas no paradigma qualitativo, no método dialético e nos pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho. Foram utilizados instrumentos objetivos, como o Critério de Classificação Econômica Brasil, o Self-Report Questionnaire 20, a Escala de Estresse no Trabalho e o Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool, além de instrumentos qualitativos, como anamneses, entrevistas abertas e semiabertas, observação e pesquisas bibliográfica e documental. Os dados foram sistematizados pela Análise de Conteúdo. Os atendimentos ocorreram entre julho e outubro de 2025. Elaboraram-se Relatórios Individuais de IPCT, entregues aos pacientes e ao NAST, e um Relatório Institucional apresentado por devolutiva institucional. No período, 09 pacientes foram encaminhados, dos quais 06 foram atendidos; entre os não atendidos, registraram-se dificuldade de deslocamento, ausência de resposta ao contato e incompatibilidade de agenda. Dos trabalhadores atendidos, 02 eram do sexo masculino e 04 do feminino; 03 pertenciam à classe econômica C1, 02 à C2 e 01 à B1; 02 não consumiam álcool e 04 apresentaram consumo de baixo risco. Todos apresentaram sofrimento psíquico e estresse laboral, sendo identificados quadros de transtornos mentais e comportamentais com nexou concausalidade com o trabalho. A experiência foi enriquecedora para a formação, ao possibilitar contato direto com trabalhadores em adoecimento laboral e favorecer a articulação entre teoria e prática. Os desafios envolveram atuar em um ambiente público institucional no qual éramos externos ao cotidiano da equipe, exigindo sensibilidade, adaptação e cuidado ético. As atividades desenvolvidas reafirmam a relevância técnico-científica e social da parceria entre a ELO e o NAST e evidenciam a importância de sua continuidade, que fortalece a formação profissional ao ampliar a compreensão sobre políticas públicas, promover maturidade técnica na condução dos atendimentos e incentivar uma postura crítica e sensível diante das múltiplas realidades que atravessam a vida laboral dos trabalhadores atendidos. **Palavras-chave:** Clínica Social do Trabalho, Psicodinâmica do Trabalho, Saúde do Trabalhador

**Modalidade:** Pôster

## **54. ENTRE A RUA E A REDE: DESAFIOS E POTÊNCIAS DO CONSULTÓRIO NA RUA**

**Autores:**

Bruna Koyama Germinara; Alejandra Astrid Leon Cedeno (PSI UEL)

**Resumo:**

Este trabalho apresenta uma análise crítica da experiência de estágio no Consultório na Rua (CnR) de Londrina-PR, dispositivo do Sistema Único de Saúde destinado ao cuidado integral da população em situação de rua (PSR). Trata-se de um grupo marcado por vulnerabilidade, estigma e exclusão social, cujas necessidades demandam ações intersetoriais e estratégias de cuidado diferenciadas. O objetivo do estudo foi examinar as práticas do CnR, com ênfase nos desafios de articulação intersetorial, nas potencialidades do dispositivo e nos efeitos observados no território. As atividades desenvolvidas pela equipe multiprofissional - composta por duas enfermeiras, um médico, uma assistente social, uma psicóloga e duas técnicas de enfermagem - que acompanharam de forma contínua as ações desenvolvidas no território. As visitas ocorreram duas vezes por semana ao longo de todo o semestre, possibilitando acompanhar de maneira sistemática a dinâmica da PSR e as demandas emergentes do território. Entre as práticas executadas destacam-se: acompanhamento do Tratamento Diretamente Observado (TDO), realização de curativos, distribuição de insumos preventivos, orientações educativas baseadas na Redução de Danos, acolhimento itinerante e articulação com serviços da rede de atenção. A experiência cotidiana evidenciou desafios significativos, entre eles a frágil articulação intersetorial e a recorrente sobrecarga do CnR devido à insuficiente corresponsabilização de outros dispositivos da rede. Ao mesmo tempo, revelou as potências do serviço, especialmente sua capacidade de criar vínculos, acessar territórios invisibilizados, adaptar intervenções às singularidades dos usuários e oferecer cuidado humanizado, ético e contínuo. Do ponto de vista formativo, o estágio proporcionou aprendizados essenciais, como o desenvolvimento de uma escuta qualificada, o manejo de situações de crise no território, a compreensão das políticas públicas voltadas à PSR e o reconhecimento dos efeitos da biopolítica e da necropolítica sobre corpos marginalizados. A vivência impactou profundamente a formação profissional, fortalecendo competências clínicas e éticas relacionadas ao cuidado territorial, ao acolhimento sem julgamento e à compreensão ampliada do sofrimento humano. As técnicas e estratégias utilizadas incluíram observação participante, escuta ativa, construção de vínculo, Redução de Danos, abordagem territorial, articulação intersetorial, manejo em situações de vulnerabilidade e elaboração conjunta de planos singulares de cuidado. Conclui-se que o Consultório na Rua constitui um dispositivo estratégico na ampliação do acesso à saúde e na defesa dos direitos da PSR. Apesar dos desafios estruturais, as experiências vividas evidenciam a potência do trabalho territorial e da criatividade técnica e ética no cotidiano da prática profissional.

**Palavras-chave:** Consultório na Rua; potencialidades; intersetorialidade

**Modalidade:** Pôster

## **55. EM DIREÇÃO À ESCUTA AO INCONSCIENTE: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CLÍNICA PSICANALÍTICA**

**Autores:**

Maria Fernanda Ortega de Moraes; Marina Heitzmann Hara; Karla Cibelly Moura Cavassani Azoni; Pérola Lourenço Séleri; Claudia Maria de Sousa Palma (PPSIC UEL)

**Resumo:**

Distanciando-se da concepção de escuta própria da psicoterapia na sua vertente adaptativa e/ou assistencial, a escuta psicanalítica vai além do ato de ouvir sobre as histórias da vida de cada sujeito que calçam as queixas e os sofrimentos. Nesse contexto, escutar implica a atenção ao sujeito do inconsciente, encoberto pelos ditos da consciência, marcar o não dito como um convite ao dizer e sustentar a transferência com o inconsciente como condição fundamental ao tratamento. Na clínica, a associação livre permite ao paciente dizer muitos aspectos de seu viver, favorecendo o rebaixamento da censura a uma fala mais solta, suscetível à presentificação das formações do inconsciente. Assim, ao sustentar um espaço em que o sujeito possa se dizer, em vez de se restringir ao entendimento de conteúdos sabidos, a escuta torna-se um ato de reconhecimento de algo novo, capaz de atualizá-lo e produzi-lo. O silêncio, por sua vez, muitas vezes entendido como resistência, do lado do sujeito, passou a ser reconhecido como elemento constitutivo da clínica contemporânea, em que a ausência de palavras pode assumir diferentes funções sintomáticas, como a palavra muda, cuja interpretação depende sempre da singularidade do sujeito. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de estágio na clínica-escola da Universidade Estadual de Londrina ao longo do ano letivo de 2025, destacando o processo formativo de quatro estudantes que realizam atendimentos individuais com o público adulto. Cada estagiária atende de um a dois casos concomitantemente, sob supervisão, a partir do referencial teórico psicanalítico (Freud e Lacan). O método clínico em aprendizagem, adotado pelas estagiárias nos atendimentos, fundamenta-se, sobretudo, na suspensão da personalidade e na atenção flutuante, bem como no manejo da transferência. As intervenções no decorrer das sessões apresentam-se como ferramenta essencial para que o sujeito se coloque como protagonista de seu sofrimento, na inclusão da incidência do inconsciente, em vez de limitar-se a respostas objetivas explicativas das agruras da vida. Como resultados, observou-se o aprimoramento da sustentação do lugar analítico por parte das estagiárias, especialmente diante dos desafios de suspender a personalidade e de escutar o que o sujeito não quer saber de si. As dificuldades iniciais vêm sendo gradualmente superadas, evidenciando um avanço na compreensão e na prática da clínica psicanalítica. O processo de formação e de atendimento tem se desenvolvido, demonstrando amadurecimento técnico e teórico, bem como a relevância da continuidade do estágio para o aprofundamento dessa experiência.

**Palavras-chave:** psicanálise; escuta; atendimento clínico

**Modalidade:** Pôster

## **56. A PSICOTERAPIA E A CONTRATRANSFERÊNCIA: ÉTICA E MANEJO CLÍNICO**

**Autores:**

Carolina Fredegotto Ito; Guilherme Augusto do Carmo Sartori; Pietro Calvanese de Melo; Sabrina Eschiavon Elias; Leandro Anselmo Todesqui Tavares (PPSIC UEL)

**Resumo:**

Decorrente da relação entre psicólogo e paciente, a contratransferência pode ser definida como as reações inconscientes do analista diante da pessoa e da transferência do paciente. Trata-se de um fenômeno inevitável em qualquer análise, o qual, assim como a transferência, tem seu início antes mesmo do início da psicoterapia. Por meio deste trabalho, objetiva-se identificar, analisar e compreender os fatores que suscitaram e intensificaram a contratransferência, discutindo suas reverberações nos processos de psicoterapia e na formação de estudantes de graduação em psicologia, além de apresentar quais as possibilidades de manejo para operar com ela. Para isso, foi realizada uma análise qualitativa da experiência de 4 discentes do 5º ano de psicologia que atenderam 16 pessoas ao longo de 4 semestres letivos como atividade de estágio curricular. Os atendimentos foram feitos presencialmente, na clínica-escola da UEL, e direcionados à população adulta. Foram realizadas supervisões semanais em grupo sobre os casos, acompanhadas de leituras, fichamentos e análise pessoal. Em seus atendimentos, utilizavam a técnica da atenção flutuante e, quando coerente à particularidade do caso, o divã. Dessa maneira, a partir da análise das experiências dos discentes, foi possível verificar que a contratransferência, quando negligenciada, não trabalhada e não discutida, pode se apresentar como uma resistência do analista a algo inconsciente que aquela relação suscita, tornando-se um entrave à análise do paciente, dificultando a escuta. Contudo, ela se figura como um valioso material para a análise do caso, como fator de identificação de conteúdos existentes e percebidos para além da dimensão verbal, pois também promove a escuta do inconsciente através do que Freud chamou de “diálogo entre inconscientes”. Por meio dela, o analista, que está para o analisando como grande Outro, pode identificar aspectos relacionais do sujeito com os demais indivíduos de sua vida, assim como o que o analisando pode suscitar na relação com os demais. Dentre as variáveis que provocaram a contratransferência, são percebidas as identificações com os pacientes, a resistência e determinados fatores ambientais, como o horário do atendimento. Quanto às estratégias para lidar e tornar possível trabalhar com a contratransferência, as supervisões em grupo, trocas entre colegas e, sobretudo, a análise pessoal foram meios fundamentais para identificá-la e direcioná-la a um caminho oportuno. Sendo assim, embora seja um desafio presente na prática analítica, a contratransferência é uma ferramenta preciosa para a atuação do psicólogo clínico que trabalha com psicanálise.

**Palavras-chave:** contratransferência; formação em psicanálise; estágio acadêmico

**Modalidade:** Pôster

## **57. A INTERLIGAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL: APRENDIZADOS E REFLEXÕES DE UM ESTÁGIO NA EPESMEL**

**Autores:**

Felype Mangabeira Gonçalves; Marcus Vinicius Galvão (EPESMEL); Ednéia Aparecida Peres (PGAC UEL)

**Resumo:**

O estágio, a interligação entre Psicologia e Assistência Social: aprendizados e reflexões de um estágio na EPESMEL, feito no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos da Escola Profissional e Social do Menor de Londrina (EPESMEL), teve como objetivo o reconhecimento do campo e o auxílio nas demandas da Instituição. O estágio esteve pautado nas noções da Psicologia junto à Assistência Social e também nos materiais sobre Habilidades Sociais. No início do processo do estágio junto à Instituição, foi feita uma reunião entre o supervisor de campo do estágio, a supervisora de estágio e o estagiário para definição de demandas e identificação do trabalho a ser realizado pelo estagiário. Durante 15 semanas dentro do campo de estágio, o estagiário foi orientado e aconselhado sobre as demandas da Instituição, onde o mesmo pôde auxiliar em processos como: autorizações de entrada e saída dos educandos da instituição, auxílio juntos aos outros profissionais (Assistentes Sociais) do campo, arquivamento de materiais e participação em escutas especializadas, os atendimentos feitos para demandas específicas dos adolescentes. Por meio do estágio, nota-se que a Assistência Social e a Psicologia possuem pontes de interligação, como por exemplo a promoção do fortalecimento dos vínculos sociais e o cuidado com o bem-estar dos indivíduos. O estagiário pôde adquirir conhecimentos sobre políticas públicas e sistemas da Assistência Social, como o IRSAS (Informatização da Rede de Serviços Socioassistenciais) e a ficha SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), um formulário onde é possível coletar dados sobre doenças e agravos de notificação compulsórias no Brasil. O estágio também trouxe discussões extremamente importantes, como a necessidade de se ter uma maior quantidade de disciplinas que abordam as problemáticas que interligam a Psicologia e a Assistência Social e também uma capacitação mais aprofundada no âmbito das políticas públicas. A experiência do trabalho nesta Instituição vai ao encontro do que os autores ressaltam sobre as possibilidades da Psicologia na relação de parceria/trabalho com a Assistência Social. Uma análise sobre como tornar as conexões entre Psicologia e Assistência Social visíveis dentro do curso de Psicologia se faz bastante necessária no contexto de hoje em que vivemos, onde muitas vezes a falta desses conhecimentos pode ser prejudicial no trabalho do psicólogo inserido nessas áreas.

**Palavras-chave:** Assistência Social; Psicologia; Adolescentes

**Modalidade:** Pôster

## **58. SOBRE TELAS, SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL: OFICINAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE LONDRINA**

**Autores:**

Adriana Alves de Oliveira Gomes; Minerva de Siqueira Christianini; Eliane dos Santos Lemes: supervisora de campo do estágio (Unidade Básica de Saúde Bandeirantes); Alejandra Astrid Leon Cedeno (PSI UEL)

**Resumo:**

O estágio teve início com a análise das possibilidades de atuação na Unidade Básica de Saúde (UBS) Bandeirantes, destacando-se o Programa Saúde na Escola (PSE) como campo de intervenção, sendo o programa uma política intersetorial dos ministérios da Saúde e da Educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira visando promover saúde e educação integral em um mesmo território. A partir dessa escolha, as duas estagiárias elaboraram oficinas voltadas a alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental de escolas públicas, abordando os eixos: Promoção da Cultura de Paz, Saúde Mental; Saúde Sexual e Reprodutiva e Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). As atividades foram realizadas nas escolas João XXIII, Ruth Ferreira de Souza e Anita Garibaldi. As oficinas foram estruturadas conforme a faixa etária e as demandas de cada turma, com uma média de 20 alunos cada encontro. A oficina sobre Prevenção ao Bullying, aplicada ao 3º ano, buscou identificar e discutir as formas e consequências do fenômeno, promovendo respeito e empatia entre os alunos. A de Uso Excessivo de Telas, destinada ao 4º ano, inicialmente pensada para os responsáveis, foi adaptada aos alunos e propôs reflexões sobre o impacto do uso precoce e prolongado de dispositivos digitais no desenvolvimento infantil. Já a oficina de Sexualidade e Prevenção ao Abuso, voltada ao 5º ano, abordou mudanças corporais e emocionais da puberdade, a importância da higiene, métodos contraceptivos e formas de reconhecer situações de violência sexual, promovendo autonomia e proteção. No total, foram feitas 13 visitas às escolas, com a duração média de 40 minutos, as atividades foram conduzidas pelas duas estagiárias Adriana e Minerva, em formato de rodas de conversa, privilegiando o diálogo e a escuta ativa. A fundamentação teórica adotada baseou-se na Psicologia Social Crítica, promovendo reflexão, vínculo e participação entre alunos e profissionais da saúde. Os resultados, apesar dos contratemplos, cancelamentos e falta de comunicação em alguns momentos, tiveram feedbacks de alunos, diretores, coordenadora da UBS e supervisões significativamente positivos, com os feedbacks e conteúdos dos diálogos nas oficinas é visível a pertinência dos temas abordados e o impacto das discussões. Diante disso, a proposta demonstra potencial de continuidade e expansão, com espaço para aprimoramentos e aplicação em novas instituições e novas temáticas, a depender dos futuros estagiários e possibilidades.

**Palavras-chave:** Programa Saúde na Escola, Oficinas, Promoção da saúde

**Modalidade:** Pôster

## **59. A CASTRAÇÃO NA CLÍNICA INFANTIL E ADULTA**

**Autores:**

Ana Beatriz Marega Belem; Carine Silva de Almeida; Igor Machado Guerreiro; Maria Vitória de Souza Rangel; Melina Cassola Assunção; Rosemarie Elizabeth Schimidt Almeida (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A partir da experiência dos estagiários no atendimento psicológico através da Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), seguindo a abordagem da psicanálise, foi possível observar, em sessão, como a temática da castração se manifesta nas diferentes fases do desenvolvimento psíquico humano e como se expressa nas demandas clínicas dos pacientes, considerando suas implicações na constituição do sujeito e nas relações com o outro. O atendimento envolveu três crianças (40, 40 e 20 sessões) e um adulto (37 sessões), em escuta supervisionada pela abordagem psicanalítica. Tanto no complexo de Édipo quanto no complexo de castração, a figura paterna assume um papel central como o temido adversário dos interesses sexuais infantis. Através do complexo de castração, evidencia-se que as intenções libidinais da criança em relação aos genitores são refreadas à medida que se impõe um limite a seus desejos. Dessa forma, conforme a formulação freudiana, cabe à mãe a função de possibilitar a libidinização da criança, enquanto o pai opera a castração e a interdição dos seus primeiros objetos de desejo. O conflito edípico é constitutivo de todo sujeito e fica registrado no inconsciente de toda criança até o fim da vida. Durante o desenvolvimento infantil, o ego é preparado para a castração por meio de perdas sucessivas, como o ventre e o seio materno, gerando uma ansiedade de castração, um receio de perder o objeto valioso. Na clínica infantil, as manifestações desses conflitos aparecem por meio de comportamentos de rivalidade, identificações e fantasias em torno das figuras parentais, através do brincar. Entretanto, na clínica de adultos, essas questões são refletidas de maneira mais elaborada: nos vínculos de afeto, escolhas amorosas e fantasias relacionadas à lei. Então, na clínica adulta pôde-se notar que quando o Édipo não é bem sucedido o indivíduo entra em uma compulsão a repetição, tanto ele pode se encontrar investindo em um relacionamento com pessoas que se assemelham ao seu genitor, quanto se submeter a situações que remetem ele à punição castradora paterna. Além disso, notou-se a formação de sintomas neuróticos, como adoecimentos e problemas crônicos de saúde, desencadeados por eventos associados pelo próprio paciente à sua relação parental. Conclui-se que as dificuldades em elaborar a castração resultaram em sofrimentos concretos. O setting clínico mostrou-se, assim, um espaço privilegiado para a escuta e a elaboração dessas marcas fundadoras, possibilitando ao sujeito reconfigurar sua posição diante do desejo e da lei.

**Palavras-chave:** castração, clínica, psicanálise

**Modalidade:** Pôster

## **60. ENTRADA E PERMANÊNCIA DE PACIENTES NA CLÍNICA-ESCOLA DA UEL: UM DIÁLOGO ENTRE RESISTÊNCIA E ESQUIVA**

**Autores:**

André Alves Brasil; Daniel de Oliveira Cabral; Luciana Batista da Silva (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho propõe a reflexão sobre a entrada e permanência de pacientes na clínica escola da Universidade Estadual de Londrina, a partir do relato de experiência de dois terapeutas de referenciais teóricos distintos: psicanálise e terapia comportamental. Os atendimentos analisados foram realizados com um público atendido no serviço-escola da clínica psicológica da UEL, composto por pacientes encaminhados por meio de triagem, abrangendo demandas diversas, como ansiedade, depressão e conflitos familiares. O objetivo do trabalho é refletir sobre as dinâmicas de adesão e as dificuldades que atravessam o início do processo terapêutico, considerando os obstáculos que surgem desde o processo de convocação para o primeiro atendimento até as primeiras sessões, assim como desistências e pedidos de troca de terapeutas. O método adotado foi a análise do conteúdo dos relatos dos terapeutas durante a supervisão e a observação clínica, que permitiram a identificação de aspectos característicos das dificuldades de adesão e permanência dos pacientes, como atrasos constantes, desistências, faltas e dificuldade de contato para o agendamento das sessões. Na perspectiva psicanalítica, pretende-se discutir essas manifestações como expressões de resistência e efeitos da transferência, considerando a evasão dos pacientes e a dificuldade de engajamento no processo terapêutico como mecanismos de defesa do inconsciente. Sob o olhar comportamental, busca-se refletir sobre as condutas dos pacientes como esquiva experiencial, conceito referente à tentativa do indivíduo de evitar experiências internas aversivas, que podem se manifestar na forma de atraso, faltas ou desistências no atendimento. Além disso, a esquiva experiencial é um importante fator que pode interferir na adesão ao tratamento, uma vez que o paciente tenta evitar o desconforto que o processo terapêutico pode gerar inicialmente, o que justifica atitudes como dificuldade no agendamento e nos compromissos. É importante também destacar o papel fundamental do vínculo terapêutico - a relação colaborativa e de confiança estabelecida entre terapeuta e paciente, um bom vínculo contribui para o engajamento e permanência, enquanto sua fragilidade pode aumentar as chances de desistência ou trocas de terapeuta. Portanto, dificuldades no estabelecimento desse vínculo podem ser decisivas para a não aderência dos pacientes. Por fim, busca-se possibilitar uma reflexão de um fenômeno clínico complexo que apresenta-se de maneira inerente ao manejo clínico. Espera-se que a reflexão advinda deste estudo contribua para o aprimoramento das estratégias de acolhimento e manejo clínico no contexto da clínica-escola, fortalecendo a formação dos estagiários e a qualidade do atendimento oferecido à população.

**Palavras-chave:** Vínculo Terapêutico; Clínica-escola; Permanência

**Modalidade:** Pôster

## **61. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NO CEPV/UDEL: PROMOVENDO AUTOCONHECIMENTO E ESCOLHAS PROFISSIONAIS**

**Autores:**

Adriana Alves de Oliveira Gomes; Emanuele Camile Furtado de Jesus; Carolina Fredegotto Ito (CEPV/UDEL); Ednéia Aparecida Peres (PGAC UEL)

**Resumo:**

A orientação profissional, enquanto prática psicológica, visa apoiar indivíduos em processos de autoconhecimento e tomada de decisões relacionadas à escolha de carreira. No Brasil, esse campo tem se consolidado articulado a diferentes referenciais teóricos, entre eles a Análise do Comportamento, que compreende a escolha profissional como resultado de contingências históricas, sociais, culturais e individuais. Nesse contexto, foi desenvolvido um programa de Orientação Profissional no Curso Especial Pré-Vestibular da Universidade Estadual de Londrina (CEPV/UDEL) como parte do Estágio Específico em Psicologia. O objetivo geral foi favorecer reflexões sobre autoconhecimento, interesses, valores e habilidades, bem como ampliar o repertório de informações sobre profissões e cursos de graduação. O programa foi composto por sete encontros, realizados semanalmente, entre junho e julho de 2025, com duração média de 50 minutos. Participou um estudante do cursinho pré-vestibular, em processo de definição acadêmica. As atividades propostas incluíram dinâmicas como “Linha da Vida”, “Gosto e Faço”, FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), análise de vantagens e desvantagens de cursos, contato com convidada da área de Artes Cênicas, além da exploração de matrizes curriculares e rodas de conversa sobre expectativas, dificuldades e influências familiares. O processo contou ainda com espaço de feedback no último encontro, no qual o participante relatou satisfação, envolvimento e maior clareza em relação à decisão de cursar Psicologia. Os resultados evidenciaram evolução no repertório verbal do participante sobre si mesmo e sobre o mundo acadêmico-profissional, bem como maior autonomia frente a pressões externas, especialmente familiares. Apesar das limitações de tempo e da baixa adesão de estudantes nos encontros, a experiência revelou-se significativa, contribuindo para a construção de escolhas profissionais mais conscientes e fundamentadas. O estágio permitiu não apenas o desenvolvimento do participante, mas também a ampliação das habilidades das estagiárias para processos de escuta, condução de grupos e aplicação de instrumentos de orientação profissional.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional, Autoconhecimento, Escolha Profissional

**Modalidade:** Pôster

## **62. CLÍNICA COMPORTAMENTAL**

**Autores:**

Josiane Dirlene Guimarães; Isadora de Castro Pereira; Jeniffer Selles de Oliveira; Luana Tuono de Souza; Alex Eduardo Gallo (PGAC UEL)

**Resumo:**

O estágio em práticas clínicas aborda questões fundamentais para a formação do Psicólogo Clínico. Durante os 15 meses de estágio, foram oferecidos serviços psicológicos gratuitos à comunidade externa, totalizando 13 pacientes. Nesses atendimentos, foram utilizados princípios, conhecimentos e técnicas da Análise do Comportamento. A clínica analítico-comportamental utiliza o comportamento como principal objeto de estudo, definido como a interação entre o organismo e o ambiente. Os participantes do processo psicoterapêutico haviam passado pela triagem e aguardavam na lista de espera. Alguns deles estavam, anteriormente, em atendimento com estagiários da psicologia, de modo que foi dada continuidade à intervenção. Todos foram atendidos nas salas da Clínica Psicológica da UEL, no setting composto por cadeiras, divã, poltronas e mesa. O processo terapêutico da Análise do Comportamento se baseia nos fundamentos do behaviorismo radical, pautando-se na análise funcional, assim como nas terapias de terceira geração, como ACT e DBT. Após as sessões, há a elaboração do relato de sessão, as supervisões com o professor orientador de estágio e o planejamento do objetivo da sessão seguinte. Também foram utilizados recursos como o Baralho das Emoções, planejamento de rotina, psicoeducação, entre outros. As intervenções possibilitaram identificar e modificar contingências que mantinham comportamentos-problema dos clientes. Por exemplo, em um dos casos, houve redução significativa de comportamentos como autocrítica excessiva e busca constante por validação externa, identificação das emoções e desenvolvimento de uma comunicação assertiva. Os dados coletados, tanto quantitativos (frequência dos comportamentos) quanto qualitativos (relatos dos pacientes), indicaram progressos significativos nos objetivos terapêuticos estabelecidos. Observou-se, na maioria dos casos, um aumento na autopercepção de eficácia e autocontrole, adquiridos por meio do trabalho de autoconhecimento. O acompanhamento dos casos permitiu desenvolver habilidades essenciais para a prática clínica eficaz, como observação, registro e análise do caso com objetivo de promover o bem estar dos pacientes. Ressalta-se que as principais dificuldades encontradas nos trabalhos desempenhados foram relacionadas ao comprometimento dos pacientes, como: presença nas sessões e realização das atividades propostas. Apesar disso, os trabalhos realizados buscaram incentivar melhores leituras e interpretação dos pacientes acerca da realidade, a partir da análise de contingências. Essas atividades estiveram diretamente associadas às mudanças de contexto, por eles promovidas, associadas à melhora na frequência e intensidade de comportamentos-problema. Por fim, a continuação dos trabalhos desenvolvidos nesse estágio depende exclusivamente do interesse e do comprometimento dos estudantes.

**Palavras-chave:** Clínica Analítico-comportamental; autoconhecimento; análise funcional

**Modalidade:** Pôster

### **63. AUTOCONHECIMENTO E AUTOESTIMA NA TERCEIRA IDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS**

**Autores:**

Julia Mesquita; Laura Canha Borgonha da Silva; Maria Eduarda Fialho Roza; Mayara Yukari Ogata; Valéria Queiroz Furtado (PSI UEL)

**Resumo:**

Como proposta da política de Proteção Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) possui caráter preventivo, protetivo e proativo diante de situações de vulnerabilidade e risco social que podem fragilizar os vínculos familiares e comunitários. Tendo como campo de atuação o Centro de Convivência de Idosos (CCI), localizado no Jardim Novo Bandeirantes, em Cambé-PR, este trabalho teve como objetivo relatar a experiência de quatro estagiárias no planejamento e aplicação de oficinas sobre autoconhecimento e autoestima na terceira idade, sob a perspectiva sócio-histórica. Participaram cerca de doze idosos, com idades entre 60 e 81 anos. Foram estruturados nove encontros a partir dos interesses e necessidades identificadas no grupo, sendo: quatro destinados ao autoconhecimento, quatro à autoestima e o último ao encerramento do ciclo de atividades. Utilizou-se do diálogo para construção coletiva de saberes, tal como do lúdico enquanto ferramenta potencializadora de trocas e vivências, com o auxílio de instrumentos como o Bingo Se (Re)Conhecendo, cadernos de colagens, mídias, rodas de conversa e Dia da Beleza para tornar a proposta mais tangível e significativa aos participantes. Os resultados parciais indicam a compreensão dos participantes acerca dos objetivos da oficina, possibilitando que eles se apropriem da temática de forma satisfatória. Houve momentos de reflexão sobre si através dos adjetivos trazidos no bingo, além dos aspectos sociais implicados no processo de subjetivação de cada idoso. Também foram instigadas reflexões sobre os estágios da vida a partir de fotografias, nas quais emergiram o tema do luto e mudanças provenientes do envelhecer. Abordar a questão da autoestima na terceira idade evidenciou uma lacuna na literatura científica, reforçando a relevância de promover discussões sobre o tema. Propõe-se, assim, a reflexão acerca do autocuidado e da importância de cultivar tais práticas, considerando os múltiplos aspectos que atravessam a experiência do envelhecer. As vivências das estagiárias evidenciaram o CCI como um espaço de grande importância para os idosos, nos quais são construídos vínculos duradouros entre si e com a equipe — estendendo-se esses laços também às estagiárias, acolhidas pelos participantes. Ressalta-se a potência da construção coletiva e horizontal promovida na oficina, bem como as dificuldades decorrentes da mediação da dinâmica entre os participantes, que alternavam entre relatos pessoais e discursos moralizantes sobre masculinidades, violência e solidão no envelhecimento. Evidencia-se, assim, a complexidade de fomentar reflexões duradouras que ultrapassem o espaço da oficina, alcançando outras esferas da vida dos participantes.

**Palavras-chave:** idosos, psicologia escolar, autoconhecimento

**Modalidade:** Pôster

## **64. CUIDAR EM MEIO À PRECARIZAÇÃO: SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL (CAPSi)**

**Autores:**

Ana Beatriz Parminondi Andrade; Julia Mesquita; Eneida Silveira Santiago (PSI UEL)

**Resumo:**

O Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) é um serviço público de saúde mental de atendimento de crianças e adolescentes com sofrimento psíquico intenso ou grave e persistentes, associados ao comprometimento do desenvolvimento. Em oposição à clínica tradicional de assistência psicológica e psiquiátrica que perpetua um modelo hospitalocêntrico, o CAPSi adota uma clínica ampliada e psicossocial. Assim, esse cuidado ultrapassa o atendimento individual, contemplando o contexto familiar, comunitário e social. Suas propostas interventivas são: atendimentos individuais, grupais, terapia ocupacional, visitas domiciliares, trabalho em rede (escolas, famílias, comunidade), construção de vínculos, inclusão social. O CAPSi propõe um cuidado territorializado, contínuo e coletivo, que reconheça a singularidade das crianças e adolescentes em sofrimento psíquico, a partir de práticas interdisciplinares. A partir disso, objetiva-se relatar a experiência – em 18 idas ao campo entre julho e dezembro – de duas estagiárias no cotidiano do CAPSi, presenciando o intenso sofrimento entre os profissionais da equipe da instituição. Dito sofrimento torna-se evidente em diversas situações da rotina do CAPSi, seja nas acolhidas dos encaminhamentos, avaliações das crianças ou grupos terapêuticos, todos processos acompanhados pelas estagiárias. Ao lidar cotidianamente com relatos de negligência, violência, vulnerabilidade social e adoecimento psíquico intenso, são mobilizados nesses profissionais dores e impasses que acompanham o processo terapêutico. A escuta atenta e o envolvimento afetivo com os usuários, fundamentais para o estabelecimento do vínculo e da confiança, podem gerar um desgaste emocional significativo, especialmente quando os recursos institucionais são insuficientes para oferecer respostas efetivas às demandas apresentadas. Nota-se também a significativa frustração da equipe diante da impossibilidade de efetuar o cuidado necessário para cada sujeito, visto que a instituição acolhe demandas específicas que nem sempre correspondem aos encaminhamentos que chegam ao serviço. Destacam-se os constantes relatos das psicólogas sobre os usuários que permanecem por anos em listas de espera dos fluxos especializados, sem serem inseridos na rede de saúde do município. Em alguns destes casos, por mais que não correspondam às particularidades do serviço, resta ao CAPSi acolher a angústia dos responsáveis, recusada nos demais serviços. Conclui-se que a precarização da rede de articulação entre as políticas públicas de atenção à saúde mental constitui um dos principais motivos para o sofrimento acentuado dos profissionais. O contato contínuo com o sofrimento do outro e a sensação de impotência pelas limitações estruturais e alta demanda, contribui para o adoecimento psíquico da equipe técnica, evidenciando a urgência do cuidado e suporte voltados também a quem cuida.

**Palavras-chave:** CAPSi, atenção psicossocial, sofrimento psíquico

**Modalidade:** Pôster

## **65. CUIDADO EM REDE: VIVÊNCIA DE ESTÁGIO COM ADOLESCENTES NA UBS**

**Autores:**

Marcella Andrade G. do Nascimento; Mariana de Araújo Fregolente; Eliane dos Santos Lemes (Unidade Básica de Saúde Jamille Dequech); Lívia Maria Camilo dos Santos (PSI UEL)

**Resumo:**

Trata-se de um relato de experiência de estágio realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Londrina, Paraná, no qual foram desenvolvidos grupos com adolescentes acompanhados pela psicóloga da instituição. O atendimento psicológico na adolescência apresenta complexidades próprias dessa fase do desenvolvimento, representando um desafio constante para a equipe de Atenção Primária à Saúde (APS). Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo descrever o processo de estruturação e condução de grupos voltados aos adolescentes que já estavam em acompanhamento psicológico na UBS. O total de participantes foram seis adolescentes entre 12 e 17 anos, residentes no território adscrito à unidade. Os nove encontros ocorreram às segundas-feiras, durante o segundo semestre de 2025, com duração de duas horas semanais, realizados em espaço cedido pela paróquia do bairro. A proposta seguiu os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e buscou fortalecer ações de promoção e prevenção em saúde mental, ampliando o acesso e a adesão dos jovens ao cuidado psicológico. As temáticas abordadas incluíram educação sexual, uso de telas, habilidades sociais, identificação e expressão das emoções, construção da identidade e projeto de vida. Foram utilizados materiais de caráter lúdico e artístico — como dinâmicas, jogos e produções expressivas — de modo a tornar os encontros atrativos, interativos e coerentes com o desenvolvimento dos participantes. Essa abordagem psicoeducativa permitiu que os conteúdos fossem explorados de forma significativa, favorecendo o diálogo e a escuta entre os adolescentes. Como resultados, observou-se um aumento do engajamento dos participantes, melhora nas habilidades interpessoais e maior constância nos atendimentos psicológicos individuais. Os relatos e feedbacks coletados ao longo do processo indicaram que o espaço grupal favoreceu o sentimento de pertencimento e a expressão emocional dos jovens. Conclui-se que os grupos terapêuticos configuram uma estratégia eficaz de cuidado na APS, possibilitando intervenções preventivas e de fortalecimento de vínculos. Destaca-se a importância da continuidade dessas ações e do investimento em atividades que articulem o saber psicológico com as necessidades da comunidade, reforçando o papel do estágio como espaço formativo e de transformação social.

**Palavras-chave:** Adolescentes, atenção primária, grupo psicológico

**Modalidade:** Pôster

## **66. A RESISTÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS: PERCEPÇÕES E DIFICULDADES DOS ESTÁGIOS EM SEUS PRIMEIROS ATENDIMENTOS**

**Autores:**

Julia Mazzetto Bornia; Laura Canha Borgonha da Silva; Mariana de Araújo Fregolente; Máira Bonafé Sei (PPSIC UEL)

**Resumo:**

Na perspectiva psicanalítica, a resistência não é um obstáculo acidental, mas uma parte constitutiva do processo analítico. Freud a define como a força que, no paciente, se opõe ao avanço do tratamento, expressão das mesmas tendências inconscientes que sustentam o sintoma e se afastam da consciência. Lidar com a resistência é, portanto, lidar com a defesa do ego diante daquilo que ameaça irromper na consciência. Cada recuo, silêncio ou esquecimento torna-se material de trabalho para o analista, que não busca eliminá-lo, mas compreendê-lo como via de acesso à singularidade do sujeito. Partindo dessa compreensão, o presente trabalho trata-se de um estudo teórico-clínico com base na perspectiva psicanalítica, a partir do relato de experiência de três estagiárias em seus atendimentos na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. Nesse sentido, no período de junho até novembro, foram atendidos 03 pacientes adultos (dois do sexo feminino e um do sexo masculino), um por cada estagiária. As sessões ocorreram semanalmente, com duração média de 50 minutos, utilizando como técnica a psicoterapia de orientação psicanalítica. Ao longo desses seis meses, a média de atendimentos realizados por paciente foi 15, número que corresponde também às idas a campo das estagiárias, embora algumas oscilações tenham ocorrido devido às ausências dos próprios pacientes. Desse modo, visa-se discutir as dificuldades de terapeutas iniciantes diante das manifestações da resistência nos pacientes atendidos. Sendo assim, no cotidiano clínico, a resistência, longe de se apresentar como um fenômeno teórico abstrato, se impõe concretamente no campo da experiência através da exclusão de determinadas temáticas do discurso, por faltas não justificadas e, por vezes, por ataques dirigidos ao terapeuta. Tais expressões, embora inicialmente percebidas como entraves ao processo, revelaram-se como movimentos estruturantes da dinâmica transferencial. Freud (1938) assinala que o trabalho de enfrentamento das resistências é o que mais exige tempo e esforço do analista, mas também aquele que produz transformações mais duradouras no sujeito. Essa ideia reflete a experiência das estagiárias, que puderam reconhecer na resistência não apenas um desafio técnico, mas uma oportunidade de escuta e crescimento clínico. Conclui-se então que, embora as discentes tenham enfrentado dificuldades de manejo diante da resistência dos pacientes, a psicoterapia de base psicanalítica, por si só, já compreende tais experiências como previstas, naturais e, inclusive, como parte essencial do avanço do entendimento do paciente sobre ele mesmo. Portanto, deparar-se com o fenômeno da resistência durante o estágio foi fundamental para o crescimento técnico das estagiárias, favorecendo a diferenciação entre os conteúdos que pertencem ao paciente e aqueles mobilizados na própria terapeuta, condição necessária para que a resistência seja acolhida e elaborada no percurso psicanalítico.

**Palavras-chave:** clínica psicanalítica, primeiros atendimentos, resistência

**Modalidade:** Pôster

## **67. A CAIXA LÚDICA NO ATENDIMENTO INFANTIL**

**Autores:**

Rafaela Valentini Ortega Ruiz; Bruna Miguel Savio; Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O atendimento psicológico infantil apresenta características próprias, exigindo adaptações na prática clínica para melhor acolher a criança e seu mundo interno. A Psicanálise, inicialmente pautada no inconsciente e na interpretação das falas do paciente, encontrou na brincadeira uma forma de acessar esse inconsciente infantil, pois através dele, a criança pode expressar seus afetos, conflitos e fantasias. Um importante recurso para o trabalho com crianças na perspectiva psicanalítica é a caixa lúdica, onde são guardados os brinquedos e materiais utilizados pela criança durante o atendimento. Este estudo busca refletir sobre o uso da caixa lúdica no atendimento psicanalítico infantil. Participaram do estudo 4 crianças, com idades de 7 a 11 anos, e suas respectivas psicoterapeutas. Os atendimentos foram realizados nas salas de atendimento infantil, no período de maio a dezembro de 2025, com duração de 50 minutos, na Clínica Psicológica da UEL. O local dispõe de armários com gavetas individualizadas utilizadas como “caixa lúdica”. No início dos atendimentos, cada psicoterapeuta providenciou uma gaveta para cada paciente, contendo materiais gráficos (folhas sulfite, lápis, borracha, canetinha, giz de cera), massa de modelar, brinquedos (bonecas, panelinhas, potinhos), dentre outros. A chave da gaveta fica sempre à disposição da criança durante o atendimento para que ela a utilize como preferir. Ao longo dos atendimentos, cada diáde paciente-psicoterapeuta vivenciou diferentes fatos clínicos permeados pela relação transferencial estabelecida e cada criança utilizou os objetos de sua caixa lúdica de modo singular, expressando emoções e sentimentos relacionados à maneira que interagem com o mundo. Um fato clínico que se destacou relaciona-se ao sigilo. Observou-se que algumas crianças se preocupavam com a possibilidade de outros abrirem suas gavetas, portanto tentavam esconder a chave ou levá-la embora. Em contrapartida, um paciente expressava curiosidade em saber o conteúdo das demais gavetas, perguntando se sua chave poderia abri-las. Interpreta-se tais fatos clínicos como: preocupação com o sigilo, manifestação da curiosidade e ciúmes da psicoterapeuta, por imaginar que as gavetas eram utilizadas por outros pacientes dela. Além disso, levantou-se a hipótese de a curiosidade mencionada relacionar-se a expressões da sexualidade infantil. Assim, os fatos clínicos vivenciados na utilização da caixa lúdica e as interpretações realizadas produziram impactos nos pacientes como maior conhecimento sobre seu mundo interno e externo, assim como atenuação das angústias, contribuindo para sua saúde mental. Para as estagiárias, têm sido uma experiência enriquecedora conhecer as nuances da clínica psicanalítica infantil com a importância da caixa lúdica como instrumento de trabalho.

**Palavras-chave:** Psicanálise Infantil, Caixa Lúdica, Clínica psicológica

**Modalidade:** Pôster

## **68. INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES: A CONSTRUÇÃO DE SEU PONTO DE VISTA ACERCA DE SEUS DIREITOS PREVISTOS NO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

**Autores:**

Luiz Guilherme Medeiros da Silva; Vitor Souza de Camargo; Ruth Taina Aparecida Piveta (CMDCA - Prefeitura de Londrina); Ana Claudia Barbosa da Silva Roosli (PSI UEL)

**Resumo:**

O estágio na ênfase I teve como foco a realização de intervenções com adolescentes de 14 e 15 anos que frequentam Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e Programas de Aprendizagem Profissional de Londrina, caracterizados como serviços socioassistenciais e de qualificação profissional. O objetivo da intervenção, a partir da demanda apresentada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) como campo de estágio, foi promover atividades reflexivas com adolescentes sobre os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estimulando o diálogo sobre vivências e percepções em relação à escola, à comunidade e ao próprio futuro. Inicialmente, foram realizadas visitas aos espaços e apresentação do projeto às equipes das instituições. Em seguida, ocorreram as intervenções: sete rodas de conversa divididas entre três instituições participantes, cada encontro com média de 10 a 15 adolescentes. As atividades foram orientadas por dinâmicas participativas; os adolescentes foram instruídos sobre a proposta de debater direitos, criaram cartazes e discutiram temas relacionados ao cotidiano. As ações buscaram proporcionar um contexto de expressão. Como resultados parciais, observou-se que, em uma instituição, os adolescentes relataram ausência de espaços de lazer, desigualdade nas regras escolares e dificuldades no acesso à saúde e transporte. Em outra, as falas destacaram problemas na infraestrutura escolar, alimentação precária e sensação de desvalorização no ambiente educacional. Também surgiram discussões sobre liberdade de expressão, desigualdade entre regiões da cidade, adultização precoce, regras rígidas nas escolas cívico-militares e experiências de violência e discriminação. Através das intervenções, os adolescentes refletiram e apresentaram seu olhar sobre a realidade vivida. O material produzido será sistematizado e apresentado ao CMDCA para compor o relatório de monitoramento e avaliação do Plano Decenal em vigência, com expectativa de subsidiar a elaboração do próximo plano, em 2026. O estágio possibilitou a criação de um espaço de escuta, permitindo que os adolescentes se expressassem sobre a articulação de seus direitos com a vida cotidiana. Evidenciou também a importância de intervenções que valorizem a construção de espaços para afirmação do ponto de vista juvenil, nem sempre presentes na formulação de políticas públicas. Espera-se que as intervenções possam ser aprimoradas e replicadas, qualificando o próximo Plano Decenal dos direitos da criança e do adolescente de Londrina pela incorporação mais sistematizada do ponto de vista dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Psicologia Social, Estatuto da Criança e do Adolescente, Adolescentes

**Modalidade:** Pôster

## **69. A ESCUTA DO SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO: ESTÁGIO EM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA**

**Autores:**

Gabriela Segura de Oliveira; Lauren Isabely Feltrin; Máira Bonafé Sei (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A escuta clínica psicanalítica encontra no sofrimento psíquico contemporâneo um campo de investigação fundamental para articular teoria e prática. Manifestações sintomáticas como ansiedade, sensação de vazio existencial e fadiga crônica estão cada vez mais presentes na clínica atual. Considerando o contexto do serviço-escola de Psicologia, tais demandas exigem do analista em formação uma escuta que considere as profundas mudanças ocorridas na estrutura dos laços sociais e no campo social do sujeito. Nesse sentido, o objetivo desta discussão, no âmbito do estágio clínico, é circunscrever a especificidade do sofrimento psíquico, demonstrando a capacidade da psicanálise em fornecer ferramentas conceituais para a compreensão desses novos modos de mal-estar. A escuta analítica considera o conflito estrutural entre as exigências do sujeito e as demandas sociais como elementos fundamentais na análise. Diferentemente de épocas anteriores, a sociedade atual impõe regimes de excessos, no qual a produtividade e a busca por satisfação imediata são sobrepostas à ideia de liberdade, gerando novas formas de adoecimento, manifestadas por autoexigências e esgotamento psíquico. Nesse aspecto, a psicanálise, em vez de validar o ideal de completude, acolhe o sintoma como uma resposta singular ao mal-estar. Assim, o dispositivo clínico opera como um contraponto, oferecendo um espaço em que a dor não precisa ser preenchida ou negada, mas sim nomeada e simbolizada pela palavra do sujeito. As discussões nas supervisões de estágio foram baseadas na articulação da teoria psicanalítica com observações clínicas. Para tanto, as estagiárias realizaram atendimentos com uma criança, uma adolescente e cinco adultos, na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com sessões semanais de 50 minutos cada. Totalizando aproximadamente noventa sessões realizadas, por ambas as estagiárias, no período do ano letivo. Apesar de alguns pacientes apresentarem faltas com certa recorrência, foi perceptível a presença, em todos os casos, de sofrimentos psíquicos marcados por estados ansiosos, sensação de vazio e fadiga intensa, os quais decorrem da busca pela completude inalcançável. Conseqüentemente, com o emprego da escuta flutuante, foi possível identificar mal-estares contemporâneos e possibilitar aos próprios sujeitos se responsabilizarem subjetivamente, bem como colocá-los numa posição ativa em relação aos sofrimentos psíquicos que apresentam e, assim, elaborá-los de modo a promover mudanças no próprio cotidiano. Portanto, foi observado que a continuidade dos atendimentos na clínica-escola é essencial tanto para a formação de novos estagiários quanto para a comunidade atendida, que pode assumir o protagonismo das próprias vidas, ressignificando os impactos do sofrimento contemporâneo que a acomete.

**Palavras-chave:** Escuta clínica, Psicanálise, Mal-estar contemporâneo

**Modalidade:** Pôster

## **70. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E DO DIAGNÓSTICO NA VIDA ADULTA**

**Autores:**

Daniel de Oliveira Cabral; Samanta Soares dos Santos Coser (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A avaliação psicológica (AP) é um procedimento sistemático, estruturado e criterioso utilizado para compreender o funcionamento psicológico do indivíduo em múltiplas condições, incluindo aspectos cognitivos, emocionais, neurológicos e sociais. Reúne testes padronizados e amplamente estudados com um arcabouço teórico sólido, entrevistas clínicas e observações detalhadas, técnicas e análise de documentos, trazendo a confiabilidade necessária para fornecer um retrato detalhado do perfil psicológico, tornando o processo mais eficaz. Assim, no contexto da vida adulta, a avaliação psicológica permite acessar diagnósticos - que podem ser caracterizados como conjuntos de comportamentos e condições de saúde expressas pelo sujeito - transtornos e estados múltiplos de saúde mental, até a orientação e encaminhamento para tratamentos, reabilitação ou adaptação social e profissional, assumindo um papel crucial em vários aspectos. Além disso, o objetivo do trabalho realizado foi auxiliar na orientação de processos e decisões multiprofissionais relacionadas à saúde e intervenções psicoterápicas. O processo exige rigor metodológico, uma vez que é preciso respeitar a individualidade do avaliado, seu histórico e contexto de vida, a avaliação psicológica foi realizada com dois clientes da Clínica Psicológica da UEL, somente um deles completou o processo que durou 10 sessões, realizadas ao longo de 10 semanas. Para além disso, a interpretação dos resultados deve considerar os critérios diagnósticos atualizados, como os presentes no DSM-5-Tr, e a fundamentação teórica consistente para orientar as decisões clínicas, considerando este aspecto, as hipóteses investigadas - TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e DI (Deficiência intelectual) - foram consideradas verdadeiras, para o único caso concluído. A importância do diagnóstico psicológico na vida adulta abrange muito mais do que somente a identificação de transtornos, ele é fundamental para compreender a complexidade do funcionamento do indivíduo, atravessando as esferas emocional, comportamental e cognitivo, servindo de base para intervenções específicas com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, promover o bem-estar físico e mental, além de facilitar o acesso a serviços especializados e condições que possibilitem o pleno desenvolvimento biopsicossocial. Assim sendo, a avaliação psicológica é uma ferramenta essencial para promover a saúde mental em uma população tão exposta a estressores e extremamente suscetível ao adoecimento, devido a extensas cargas de trabalho e múltiplas demandas. Ainda assim, há desafios presentes durante todo o processo, como o engajamento e participação ativa no processo, assim como demonstrado pela experiência deste estágio.

**Palavras-chave:** Avaliação psicológica; Diagnóstico psicológico; Saúde mental

**Modalidade:** Pôster

## **71. O USO E O NÃO-USO DE MEDICAÇÃO PSQUIÁTRICA NO TRATAMENTO PSICOTERÁPICO**

**Autores:**

Eduardo Garcia Guimarães; Rosemarie Elizabeth Schimidt Almeida (PPSIC UEL)

**Resumo:**

As atividades de estágio foram realizadas na Clínica Psicológica da UEL. Foram realizados aproximadamente 30 atendimentos individuais na modalidade de psicoterapia, de orientação psicanalítica, com uma pessoa adulta. Assim sendo, a associação livre se constituiu como técnica fundamental. Uma das particularidades do caso atendido era o uso (ou a falta de uso) de medicação psiquiátrica: risperidona e sertralina. Nesse sentido, ao longo da condução deste caso, em aliança às supervisões, foi problematizada a necessidade do uso das medicações supracitadas. A princípio, o terapeuta fazia questão de pautar a necessidade do uso da medicação, haja vista a recomendação médica feita. Temia-se que, caso o uso fosse interrompido por conta própria, o tratamento poderia ser comprometido pelo retorno dos sintomas vividos. Contudo, com a pausa voluntária no uso da medicação, o tratamento transcorreu sem maiores complicações, e foram trazidas à luz diversas outras questões que estavam latentes. Sendo assim, o terapeuta concluiu que o desejo de curar pode, na verdade, atrapalhar na condução do tratamento. Isto é, foi percebida uma resistência ao tratamento quando da insistência do terapeuta para com a continuidade do uso de medicação. Portanto, foi de fundamental importância escutar o desejo do paciente. Ademais, concluiu-se que a contratransferência, quando emergente, deve ser analisada e, a partir disso, utilizada em favor do tratamento. Por fim, foi dada a continuidade do caso, com atenção ampliada às especificidades em questão, e com o encaminhamento futuro de continuidade do processo de psicoterapia.

**Palavras-chave:** Psicoterapia; Medicação; Associação livre

**Modalidade:** Pôster

## **72. EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM ESCOLHAS PROFISSIONAIS COM ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

**Autores:**

Anthony Kawan Félix de Souza; Milena Emiliani de Oliveira; Sandra Eliza Bernardes Martins; Ednéia Aparecida Peres (PGAC UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho relata a experiência de estágio específico em Psicologia, realizado em um Colégio Estadual de Londrina, com a participação de 90 alunos do 1º ano do Ensino Médio, das turmas A, B e C. As atividades ocorreram do dia 10 de junho até o dia 04 de novembro de 2025, totalizando nove encontros. O projeto teve como finalidade promover um processo inicial de orientação profissional, permitindo autoconhecimento e reflexão dos estudantes sobre suas escolhas — auxiliando no itinerário que os alunos optam no 1º ano — favorecendo decisões mais conscientes e alinhadas a seus interesses e valores pessoais. As intervenções ocorreram de forma coletiva e individual, utilizando instrumentos estruturados, como a Folha de Critérios para Escolhas Profissionais Neiva (2015) e materiais de apoio com base em Moura (2011), que relacionam características pessoais a diferentes áreas do conhecimento. Também foram utilizados recursos complementares, como mapas mentais, questionários de reflexão e materiais informativos sobre processos seletivos, incluindo vestibulares, ENEM e programas de acesso ao ensino superior. As atividades foram conduzidas por dois estagiários do 4º ano de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com acompanhamento da pedagoga da instituição. O desenvolvimento contemplou desde encontros coletivos com a turma toda, nos quais os estudantes preencheram materiais e discutiram fatores de escolha, até orientações individuais realizadas na biblioteca da escola. Nesses momentos, foi possível esclarecer dúvidas específicas, orientar sobre áreas de interesse e fornecer informações práticas sobre ingresso no ensino superior. Além disso, buscou-se criar um espaço de diálogo, acolhendo angústias e inseguranças próprias do período de escolha profissional. Como resultados, observou-se boa adesão inicial dos alunos, especialmente nas primeiras aplicações. Houve, contudo, variações entre turmas quanto ao envolvimento, sendo notada menor participação em alguns grupos. Nas orientações individuais, emergiram dúvidas relacionadas a profissões específicas, vestibulares e inseguranças quanto às decisões. Conclui-se que a experiência possibilitou aos estudantes ampliar a consciência sobre o processo de escolha profissional, articulando autoconhecimento, informações práticas e reflexão crítica. Para os estagiários, destacou-se o aprendizado em lidar com diferentes níveis de engajamento, imprevistos institucionais e necessidade de flexibilidade no planejamento. Como continuidade, recomenda-se aprofundar atendimentos em pequenos grupos, garantindo maior privacidade e favorecendo escuta qualificada. O impacto do trabalho foi percebido pelo interesse dos alunos em buscar informações relacionadas às escolhas acadêmicas/profissionais. Para além disso, os estagiários foram capazes de acolher as angústias e dúvidas relatadas pelos alunos em relação ao momento de tomada de decisão.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional; Ensino Médio; Itinerário

**Modalidade:** Pôster

### **73. A ESCUTA PSICANALÍTICA NA CLÍNICA DA HISTERIA: EXPERIÊNCIAS EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UEL**

**Autores:**

Ana Sophia Ludvig Bortholazzi, Daniela de Souza Santos; Isadora Garbi de Oliveira; Laura Forlan de Paula; Juliana Baracat (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A clínica da histeria dedica-se à compreensão dos mecanismos psíquicos e seus desdobramentos para a subjetividade desde os primórdios da psicanálise, no século XIX. A escuta de pacientes histéricos mantém-se relevante na contemporaneidade, uma vez que, assim como o mundo está em modificação, o sintoma também se modifica - exigindo do analista constante atualização da escuta. No contexto da Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o atendimento a pacientes com manifestações históricas constitui um espaço privilegiado de formação, onde o estagiário é convidado a articular teoria e prática sob o referencial psicanalítico. Este trabalho tem como objetivo o acompanhamento psicoterápico de pacientes históricas em estágio supervisionado, buscando refletir sobre os efeitos da escuta psicanalítica na condução do tratamento e sobre as particularidades do manejo transferencial. Como recorte clínico, foram acompanhadas quatro pacientes do sexo feminino, entre 23 e 50 anos, atendidas semanalmente em sessões individuais - em média 12 por caso - conduzidas por estagiárias sob supervisão. Como suporte ao processo terapêutico, utilizaram-se instrumentos como a linha do tempo e o genograma, que auxiliaram na ampliação da compreensão das histórias de vida e na escuta singular de cada trajetória. A condução dos atendimentos pautou-se na escuta psicanalítica, sustentada pela associação livre do paciente, pelo acolhimento das manifestações sintomáticas e pela atenção aos movimentos transferenciais e contratransferenciais na relação terapêutica. Ao longo do processo, percebeu-se que o sintoma histórico se expressa de modos singulares, mas mantém sua função de interrogar o desejo do outro e colocar em cena o enigma do sujeito, exigindo do analista uma escuta flutuante. Do ponto de vista formativo, o estágio possibilitou vivenciar a complexidade do manejo transferencial e desenvolver um posicionamento clínico ético e teoricamente sustentado. A supervisão mostrou-se fundamental, permitindo o compartilhamento das dificuldades e a elaboração dos efeitos contratransferenciais. Entre as dificuldades, destacaram-se a sustentação do enquadre diante das resistências, o manejo dos silêncios e o enfrentamento das ansiedades das estagiárias frente ao inesperado da clínica. Observou-se também a incidência de faltas e interrupções, compreendidas como parte do movimento transferencial, expressando as ambiguidades do sujeito histórico em sua relação com o desejo. Considera-se que o acompanhamento de pacientes históricas na Clínica Psicológica da UEL tem produzido efeitos na formação das estagiárias, contribuindo para o exercício da escuta analítica, e ressaltando a importância de manter a supervisão e a reflexão teórica, visando aprimorar o manejo clínico e a compreensão das expressões atuais da histeria.

**Palavras-chave:** Histeria, Psicanálise, Clínica-escola

**Modalidade:** Pôster

## **74. CONTRATRANSFERÊNCIA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO**

**Autores:**

Bruna Maria Poletto Ribeiro; Lucas de Matos Okura; Melina Duarte Gagliardi; Vanessa Shizue Abe; Juliana Baracat (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O estágio obrigatório na Ênfase de Processos Clínicos e Saúde, realizado na Clínica Psicológica da UEL, forneceu material para discussão do tema escolhido para o presente trabalho, a contratransferência. O trabalho objetiva apresentar este conceito recorrente e emergente nas supervisões dos quatro casos clínicos atendidos no decorrer do ano letivo, sendo um de cada estagiário. Ao longo do período em que se iniciaram as atividades do estágio foram realizados, uma média de 12 atendimentos por terapeuta, todos com duração de 50 minutos e com uma frequência semanal. A partir da continuidade e desenvolvimento dos casos passou-se a entender a dupla terapêutica também como alvo de investigação. Utilizando os relatos de sessão, a fala dos estagiários e o material bibliográfico que subsidia o atendimento clínico em psicanálise, ampliou-se a discussão sobre a importância da investigação sobre as impressões e sentimentos do próprio terapeuta como um instrumento de acesso ao inconsciente do paciente. A partir de um dos pilares do tripé psicanalítico, a supervisão, os estagiários puderam experienciar um espaço seguro para relatarem os anseios, preocupações e medos a respeito da prática analítica, atravessada por diversos desafios e resistências. As discussões em supervisão e o debate sobre como as particularidades de cada paciente impactaram os estagiários e contribuíram de forma significativa para a análise das resistências, o que favoreceu o progresso, continuidade e engajamento no tratamento. Como dificuldades encontradas durante a experiência clínica, percebemos a importância da análise pessoal para elaboração da contratransferência, mas também a percepção de que a experiência da psicoterapia individual não é acessível a todos os estudantes de psicologia. Diante de todo o exposto, percebe-se que a clínica-escola se constitui como um local de aprendizagem, para os pacientes e os estagiários, e, dessa maneira, um ambiente que acolhe a subjetividade e vulnerabilidade constitutiva de cada sujeito.

**Palavras-chave:** caso clínico, contratransferência, supervisão

**Modalidade:** Pôster

## **75. ABANDONO DA PSICOTERAPIA EM CONTEXTO DE CLÍNICA-ESCOLA**

**Autores:**

Luísa Knott Oliveira Silva; Maria Eduarda Fialho Roza; Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A clínica-escola da Universidade Estadual de Londrina (UEL) dispõe do serviço de atendimento psicológico, prestado por estagiários do quarto e quinto ano do curso de graduação em Psicologia. Essa assistência é destinada à comunidade interna e externa, visando consolidar a articulação entre teoria e prática no processo formativo dos discentes. Dentre as atividades desenvolvidas neste campo de estágio, destaca-se o atendimento em psicoterapia psicanalítica. Essa abordagem é permeada pelos fenômenos transferenciais e contratransferenciais, que podem ocorrer ao longo do processo terapêutico. Para tanto, o presente resumo visa refletir sobre as possíveis causas de abandono da psicoterapia nos pacientes atendidos em clínica-escola. Participaram do estudo dois pacientes adultos e suas respectivas psicoterapeutas. O processo psicoterápico de ambos os pacientes foi interrompido devido ao descumprimento de um dos critérios de desligamento de pacientes utilizados na clínica-escola. Tal critério permite, no máximo, três ausências injustificadas ou até 30% de faltas dentro de 10 atendimentos acordados. Como resultado, constatou-se que o padrão de funcionamento psíquico dos pacientes, revelado através de questões emocionais, parece ter provocado uma violenta resistência - e seu fortalecimento - que se presentifica no setting através das faltas, revelando o estabelecimento de uma transferência negativa. Ademais, tendo como base tal cenário de ausência dos pacientes, foi possível constatar, no que tange às estagiárias, sentimentos de angústia e incompreensão. Partindo das experiências das psicoterapeutas-aprendizes, avaliou-se que as dificuldades vivenciadas a partir do setting terapêutico apresentaram grande valor no fomento da formação em psicologia. Observou-se, ainda, que o abandono por parte dos usuários configura-se como uma prática recorrente no contexto dos dispositivos públicos de atendimento. Diante disso, as estagiárias, amparadas pela supervisão clínica, tiveram suas demandas escutadas e acolhidas, reconhecendo essa vivência como uma experiência fundamental para o processo de aprendizagem e para a consolidação da prática clínica psicanalítica.

**Palavras-chave:** clínica-escola; psicoterapia psicanalítica; abandono da terapia

**Modalidade:** Pôster

## **76. EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO CONTEXTO MUNICIPAL E FEDERAL**

**Autores:**

Juliana De Oliveira Silva; Luiz Henrique dos Reis Souza; Mariana Amaro Zangirolani; Mariana Meira Capucho; Patrícia Vaz de Lessa (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho refere-se ao relato de experiências de estágio realizadas no âmbito da Psicologia Escolar, promovendo a articulação entre teoria e prática profissional. O objetivo principal é capacitar os estagiários no desenvolvimento de competências específicas ao contexto educacional, por meio do contato direto com estudos teóricos relacionados à educação, intervenções práticas em campo e discussões supervisionadas, visando assim, uma prática reflexiva e aplicada à realidade escolar. Os quatro estagiários supervisionados foram divididos em duplas e cada dupla atuando em uma instituição de ensino diferente: uma dupla foi alocada no Instituto Federal do Paraná (IFPR), enquanto a outra foi direcionada a uma escola municipal de ensino básico localizada no Norte do Paraná. Desse modo, o público alvo apresentou características distintas: no IFPR, os estudantes tinham em média 16 anos, enquanto na escola municipal a idade era de 6 anos. Os estagiários permaneceram em campo por seis meses e durante esse período puderam identificar como o contexto institucional influencia diretamente as possibilidades de atuação da Psicologia Escolar de maneira distinta em cada um dos Campos. Em ambos os campos foram realizadas observações de aulas e outras atividades dos estudantes e funcionários. Demandas diferentes puderam ser constatadas, o que levou a intervenções específicas para cada contexto. No IFPR foram aplicados formulários para o levantamento de conhecimentos, interesses e dúvidas a respeito do tema de sexualidade. Com base nas respostas, foi planejado um encontro, com os estudantes do segundo ano do ensino médio, para discutir a respeito de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e comportamentos sexuais de risco. Além disso, em conjunto com a equipe pedagógica, houve o desenvolvimento de encontros para orientação profissional. Na escola municipal foram realizadas até o momento três atividades de intervenção grupal, as quais contaram com dinâmicas adaptadas para o público infantil visando trabalhar: elaboração de regras, integração e identificação de emoções. Com relação às próximas intervenções, ainda pretende-se trabalhar as seguintes questões: empatia, cooperação, controle de emoções, resolução de conflitos, autoestima e valorização. Até o momento foi possível observar que no contexto do IFPR, há amparo por parte da equipe pedagógica em relação ao trabalho da Psicologia, de modo a proporcionar a construção conjunta de propostas e ações preventivas e reflexivas. No contexto da escola municipal, notou-se, por parte da equipe pedagógica, a intenção voltada para uma perspectiva clínica da Psicologia, demonstrando interesse às demandas comportamentais de alunos específicos, de modo que foi necessário o diálogo, visando explicar o papel do Psicólogo no contexto escolar, e os aspectos que divergem do âmbito clínico.

**Palavras-chave:** Psicologia Escolar; Educação Básica; Ensino Médio

**Modalidade:** Pôster

## **77. OFICINA “CULTIVAR-SE”: EXPERIÊNCIA PARCIAL DE ESTÁGIO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO JARDIM TUPI**

**Autores:**

Isadora Garbi de Oliveira, Luana Moure, Maria Fernanda Ortega de Moraes, Marina Heitzmann Hara, Pérola Lourenço Séleri, Valéria Queiroz Furtado (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho apresenta o desenvolvimento parcial do estágio realizado no Centro de Convivência do Idoso (CCI) Jardim Tupi, em Cambé, cujo público é composto por 21 idosos – entre - 60 e 85 anos - participantes da Oficina “Cultivar-se”. A oficina tem como objetivo promover o bem-estar e o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais entre os participantes, por meio de atividades que estimulam a memória, a criatividade, o autoconhecimento e o senso de pertencimento. As atividades são conduzidas semanalmente pelas estagiárias, com suporte teórico nos referenciais da Psicologia do Desenvolvimento Humano, como os ensinamentos de Lev Vygotsky, bem como da Psicologia Escolar. Até o momento, foram realizados cinco encontros: (1) a apresentação da oficina aos participantes através da “dinâmica das ervas”, que buscou resgatar memórias olfativas e afetivas; (2) a oficina “Florescer em si”, voltada ao autoconhecimento, na qual foi utilizada a “dinâmica do espelho” e a exibição de trechos do documentário Envelhescência, seguidos de uma roda de conversa sobre envelhecimento ativo e autoestima; (3) a oficina “Mãos que criam”, realizada em dois dias, envolveu a customização de latas com técnicas de artesanato, estimulando a coordenação motora, a criatividade e a valorização de talentos pessoais; e (4) a oficina “Histórias que cultivamos”, focada no eixo “relacionamento com o outro”, em que, por meio do sorteio de cartões temáticos, os idosos compartilharam memórias, refletindo sobre vínculos, empatia e convivência. Os materiais utilizados variaram conforme a proposta do dia de oficina: ervas aromáticas, espelho adaptado em caixa, cartazes, vídeos, tintas, pincéis, latas e cartões temáticos. As técnicas envolveram rodas de conversa, dinâmicas, trabalhos manuais e debates reflexivos mediados pelas estagiárias, de modo a favorecer tanto a expressão individual quanto a construção coletiva de sentidos. Entre os resultados parciais, observou-se o engajamento dos participantes, percepção na interação entre os membros do grupo e fortalecimento de vínculos afetivos. As falas dos idosos revelam traços da autoestima, reconhecimento de suas próprias histórias e valorização das experiências de vida. As atividades também propiciaram momentos de descontração e escuta mútua, contribuindo para o sentimento de pertencimento ao grupo. Como dificuldades, destacam-se a oscilação de presença de alguns participantes e as limitações motoras e cognitivas que exigem adaptação constante das propostas. Ainda assim, os resultados parciais indicam efeitos positivos para o bem-estar emocional e social dos idosos, apontando para a relevância da continuidade das atividades do estágio até sua finalização, prevista para novembro de 2025.

**Palavras-chave:** psicologia escolar, envelhecimento, bem-estar

**Modalidade:** Pôster

## **78. DIÁLOGOS ENTRE A CLÍNICA DO SOCIAL E AS EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ DENTRO DA UNIVERSIDADE**

**Autores:**

Luiz Henrique dos Reis Souza; Mariana Amaro Zangirolani; Anderson Luís Schuck: (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho refere-se às experiências de estágio desenvolvidas no campo da Clínica do Social com orientação da Esquizaanálise, realizadas no Serviço de Bem-Estar à Comunidade (SEBEC) da Universidade Estadual de Londrina, com foco na escuta da comunidade LGBTQIAPN+, dentro da universidade. A proposta deste estágio foi a de articular teoria e prática a partir de uma perspectiva crítica, ética e política, compreendendo o sujeito como efeito de atravessamentos sociais, históricos e institucionais. As experiências se desenvolveram por meio de atendimentos individuais, acolhimentos e ações coletivas. No total, foram realizados três acolhimentos e três processos psicoterapêuticos de longa duração. Nos atendimentos, prezou-se pela ampliação das ideias tradicionais de acolhimento e a escuta utilizada foi a de compromisso com o território e com os modos de existência que nele se produzem, buscando reconhecer a singularidade de cada sujeito e as marcas deixadas pelas violências estruturais sobre corpos dissidentes. A clínica, nesse contexto, se expande na construção de vínculos e na compreensão dos modos de vida que se produzem no território universitário, reconhecendo os impactos psíquicos que esse espaço pode gerar sobre os sujeitos. Nas ações coletivas, foram organizados três encontros em formato de roda de conversa, que contaram, respectivamente, com 3, 6 e 7 participantes (excluindo os mediadores). Esses encontros evidenciaram como a universidade é atravessada por normas de gênero e sexualidade que frequentemente reproduzem padrões heteronormativos, contribuindo para a exclusão das diferenças e da diversidade. Também se destacou a preocupação de estudantes LGBTQIAPN+ com a livre expressão de gênero e sexualidade frente a reiterações moral-religiosas presentes no cotidiano universitário. Ao longo dos encontros, foi possível perceber maior abertura ao compartilhamento de vivências, fortalecimento de vínculos e ampliação da sensação de pertencimento, indicando efeitos do espaço coletivo de escuta. A partir disso, a prática permitiu entender o território da universidade como um espaço de produção de subjetividades, e demonstrou que mesmo em um espaço tão plural e diverso certas lógicas de opressão ainda se mantêm e se atualizam, o que evidencia a necessidade ética demandada ao profissional da psicologia nesse espaço a fim de possibilitar uma vida mais livre, autônoma e sem medos no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** clínica do social; clínica ampliada; comunidade LGBTQIAPN+

**Modalidade:** Pôster

## **79. PSICANÁLISE E INSTITUIÇÕES: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NO CONTEXTO DA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA**

**Autores:**

Rafaela Valentini Ortega Ruiz; Maria Luiza Duarte de Matos; Eliana Santana Lopes (Clínica das Palmeiras); Marina Zuan Benedetti Chenso (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O presente resumo trata das atividades realizadas em 2025 na prática de estágio em ênfase II, do curso de psicologia da Universidade Estadual de Londrina. O estágio teve como proposta compreender e praticar a psicanálise em instituições de saúde mental por meio de discussões teóricas em grupo, supervisões semanais e atividades de observação, diagnóstico e intervenção em uma clínica psiquiátrica particular da região. A clínica visitada foi a Clínica de Recuperação Emocional das Palmeiras, referência em internamento psiquiátrico e atendimento ambulatorial. O período de observação e intervenção se deu em 11 visitas a campo, precedidas por uma etapa de preparação teórica, que possibilitou uma base sólida para o início das atividades ao promover discussões sobre fundamentos teóricos e técnicos que sustentam a prática psicanalítica em uma instituição. A experiência no campo de estágio consistiu na observação do trabalho desenvolvido pela terapia ocupacional, voltado à confecção de artesanatos e peças gráficas, e também no acompanhamento da psicóloga durante a condução dos grupos operativos, assim como na discussão dos casos antes e após cada encontro. As intervenções ocorreram semanalmente com pacientes internados por diferentes quadros psiquiátricos, em grupos abertos e heterogêneos que variaram entre 5 a 20 participantes. Juntamente com a psicóloga responsável pelo setor, elaborou-se propostas voltadas à expressão, socialização e psicoeducação, articulando o espaço grupal como um lugar de fala e reflexão sobre a vida dentro e fora da clínica. Entre as atividades realizadas, destacaram-se discussões mediadas por filmes, reflexões a partir de músicas e composições coletivas, além de dinâmicas de autoconhecimento e autopercepção, como a “Roda da Vida”. As estagiárias buscaram priorizar a escuta e incentivar a fala dos participantes do grupo, acolhendo as singularidades de cada história e facilitando a troca entre os integrantes. Durante o percurso, surgiram alguns desafios relacionados à adesão e manejo dos grupos, principalmente diante de temas sensíveis e das diferenças entre os participantes. Ainda assim, as práticas grupais demonstraram o potencial de fazer surgir novos significados e transformações a partir das ressonâncias entre os participantes. Por fim, considera-se que a perspectiva psicanalítica foi fundamental para refletir sobre a prática do psicólogo em unidades de internação psiquiátrica. Uma escuta orientada pela psicanálise é capaz de interpretar e intervir sobre esses fenômenos para além do discurso biomédico que atravessa tais contextos. Abastecer-se de fundamentos teóricos que orientem a atuação profissional mostrou-se uma experiência enriquecedora, contribuindo para um olhar crítico e humanizado diante do contexto psiquiátrico.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Clínica Psiquiátrica, Grupos

**Modalidade:** Pôster

## **80. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: AVALIAÇÃO DOS MARCOS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**Autores:**

Gabriel Mizakami Quinaglia; Ana Carolina Aurélio; Ana Paula Rodrigues; Camila Nunes de Carvalho; Giovana Ogido Ueda; Marina Iha Bilha; Nicolle Teodoro de Souza; Ana Flávia Fernandes Soares; Fernanda Cavalcanti Tavares; Eduarda Godoy Schmidt; Isadora de Castro Pereira; Bruna Mara de Carvalho Senhoreli e Bruno Henrique Araujo Brabo; Maria Clara de Freitas (PGAC UEL); Guilherme B. Filgueiras (PGAC UEL), Sílvia R. Souza (PGAC UEL), Sílvia C. Murari (PGAC UEL).

**Resumo:**

O estágio “Análise do Comportamento: Avaliação dos Marcos do Desenvolvimento Infantil” teve como objetivo desenvolver competências nos estagiários para a avaliação e o planejamento de intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), voltadas ao acompanhamento de crianças em processo de desenvolvimento com suspeita ou diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso, foi adotado como instrumento a avaliação Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program (VB-MAPP), utilizada para identificar marcos do desenvolvimento infantil, orientar o delineamento de intervenções futuras e/ou encaminhamentos. As atividades do estágio consistiram na leitura e discussão de textos teóricos sobre o tema. Além disso, os estudantes foram capacitados teoricamente por meio do curso on-line interativo “Ensino de Treino por Tentativas Discretas (DTT) para Assistentes Terapêuticos”, desenvolvido e cedido pelo professor Thomas Higbee da Utah State University e ASSERT - Autism Support Services: Education, Research, and Training, que abordou o Treino por Tentativas Discretas e os princípios da Análise do Comportamento Aplicada ao ensino de habilidades em crianças com diferentes perfis de desenvolvimento. Entre as atividades práticas, houve role-plays de habilidades de pareamento e anamnese e aplicação do instrumento. Houve uma sessão de treinamento com uma criança voluntária, em que os estudantes puderam treinar habilidades de pareamento e aplicação do instrumento, acompanhados por uma profissional na área, estagiária em docência do PPGAC UEL. Os estagiários também visitaram uma clínica especializada no atendimento de crianças autistas, em Londrina, onde puderam observar a aplicação do VB-MAPP em crianças por um profissional especializado. O grupo de estágio, ainda, organizou e ambientou a sala em que serão feitos os atendimentos, planejando a disposição do espaço e a seleção de materiais adequados para a futura realização das avaliações. Por fim, houve o treinamento no uso do programa ODAPP® para o registro dos dados da avaliação. Como resultados parciais, observou-se a aprendizagem, por parte dos estagiários, de competências relacionadas à avaliação de desenvolvimento infantil, observação e registro de comportamentos e planejamento de ensino sob a perspectiva analítico-comportamental. As próximas etapas do estágio compreenderão o atendimento das crianças indicadas por uma escola parceira, quando os estagiários poderão aplicar os conhecimentos adquiridos e consolidar a experiência na avaliação dos marcos do desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Infantil; Avaliação Comportamental; Análise do Comportamento Aplicada

**Modalidade:** Pôster

## **81. ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Autores:**

Denise Yukari Godoi; Ana Carolina Furlan de Assis, Ana Flávia Fernandes Soares; Anna Laura Pereira de Queiroz; Beatriz Pfau Pedriali; Eduarda Godoy Schmidt; Fernanda Cavalcanti Tavares; Isadora de Castro Pereira; Guilherme Bracarense Filgueiras (PGAC UEL)

**Resumo:**

O presente estágio consiste na inserção de estudantes de psicologia em escolas, com foco em intervenções fundamentadas nos princípios da Análise do Comportamento. Essas intervenções são realizadas com crianças que apresentam comportamentos desafiadores ou sinais de alterações no desenvolvimento, indicadas pela equipe pedagógica. As atividades de campo inicialmente estabelecem relação de confiança com os profissionais da instituição. Posteriormente, é iniciado o trabalho específico de intervenção com as crianças indicadas, que consiste em: (1) pareamento (2) avaliação inicial; (3) sugestão de atividades e mudanças do contexto no qual as crianças estão inseridas, junto ao grupo de colegas e profissionais envolvidos; e (4) auxílio nas diferentes demandas provenientes do contexto, apresentadas pelos profissionais. A avaliação é realizada a partir de observações das crianças em diferentes contextos da escola, aplicação de instrumentos específicos, entrevistas com profissionais da instituição e participação nas atividades cotidianas com as turmas de cada criança. Nesse processo, são usados diversos materiais, dependendo do que se propõe a avaliar, como cartões de figuras, materiais escolares, brinquedos etc. Durante as atividades nas quais os estagiários participam, simultaneamente à avaliação, é possível realizar intervenções, tanto específicas, com a criança avaliada, quanto no contexto, com colegas e professores, a fim de auxiliar no desenvolvimento socioemocional das crianças envolvidas. Durante o estágio, foi possível perceber mudanças qualitativas no repertório das crianças acompanhadas, que passaram a apresentar comportamentos mais adequados ao contexto, por exemplo: pedindo objetos ao colega ao invés de tomar à força; esperando a vez para a utilização de brinquedos; diminuindo comportamentos inadequados; e ampliação do repertório verbal. Nesse sentido, para os estudantes de psicologia, o estágio objetiva estimular o desenvolvimento de comportamentos necessários a um acompanhante/supervisor terapêutico. Em termos acadêmicos, as supervisões semanais são pautadas em avaliação do repertório profissional dos estagiários, que preenchem uma ficha de avaliação de comportamentos, que reúne habilidades interpessoais e éticas, e permite acompanhar a evolução acadêmica e profissional do estagiário; conhecimento teórico; competências de intervenção e manejo comportamental. Ao final, são produzidos relatórios com base na avaliação e uma devolutiva à escola. É necessário ressaltar que a escola reconhece a necessidade do trabalho realizado, visto que auxilia profissionais no trabalho com as demandas apresentadas e, muitas vezes, contribui para a modificação da intensidade e frequência das queixas iniciais relatadas.

**Palavras-chave:** Análise do Comportamento; Intervenção Escolar; Avaliação Infantil Individual

**Modalidade:** Pôster

## **82. A PSICOTERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL: INTERVENÇÕES COM DIFERENTES CLIENTELAS E QUEIXAS CLÍNICAS**

**Autores:**

Denise Yukari Godoi; Felipe Mitsuka Breganó; Maria Luisa Oliveira Aquino; Milena Emiliani de Oliveira; Pedro Caetano Fagundes; Edmarcia Manfredin Vila (PGAC UEL)

**Resumo:**

Apresenta-se o formato da prática realizada no estágio de ênfase em Clínica e Saúde, desenvolvido na Clínica Psicológica da UEL, sob a supervisão da sexta autora. A docente supervisiona cinco estagiários, distribuídos em dois grupos de supervisão, que realizam atendimentos psicológicos, de base analítico-comportamental, a clientes da lista de espera da Clínica Psicológica da UEL. Cada estagiário atende um cliente, conforme a carga horária prevista. As atividades desenvolvidas envolvem a realização semanal de atendimentos psicológicos a pessoas de diversas faixas etárias e queixas clínicas, elaboração de relatos escritos das sessões, participação semanal nas supervisões, realização de leituras e planejamento das sessões a partir das discussões dos casos. A ferramenta de análise funcional é usada para conduzir o planejamento das sessões, permitindo identificar as variáveis responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção dos problemas clínicos apresentados pela clientela, além de possibilitar a elaboração de procedimentos que contribuam para a aquisição de comportamentos alternativos aos comportamentos-problema de cada caso em especial, com o intuito de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar emocional da clientela atendida. Cada caso é cuidadosamente planejado, envolvendo procedimentos de avaliação e intervenção, com o uso de técnicas como entrevistas clínicas, observação direta, habilidades terapêuticas pertinentes e recursos terapêuticos específicos a cada caso, baseados na terapia analítico-comportamental e, em alguns casos, nas terapias comportamentais contextuais. Atualmente, são atendidos 5 casos, com idades entre 09 a 36 anos, sendo 4 adultos (2 mulheres e 2 homens) e 1 criança do sexo masculino. As queixas iniciais são diversificadas e peculiares ao perfil de cada cliente atendido e no geral envolvem dificuldades relativas à identificação de sentimentos e regulação emocional, baixa ocorrência de comportamentos compatíveis com a obtenção de reforçadores positivos, baixo repertório de autoconhecimento e autocontrole e ocorrência de comportamentos de fuga-esquiva em diferentes contextos. Os processos de intervenção dos respectivos casos encontram-se em andamento, e os estagiários têm se dedicado ao desenvolvimento de habilidades clínicas, ao estabelecimento do vínculo terapêutico e à familiarização com os procedimentos de avaliação e intervenção analítico-comportamentais. Observa-se que, mesmo nas etapas iniciais do processo, já é possível identificar avanços na formulação dos casos, na condução das intervenções e no aprimoramento da prática profissional dos estagiários. Essa experiência tem se mostrado fundamental para a formação enquanto futuros psicoterapeutas, ao possibilitar o contato direto com a prática da psicoterapia e com os desafios e responsabilidades inerentes.

**Palavras-chave:** Psicoterapia Analítico-comportamental, Análise Funcional, Supervisão

**Modalidade:** Pôster

### **83. INTERVENÇÕES CLÍNICAS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO (ACT)**

**Autores:**

Débora Pedroza Morelato; Ludmila Carolina Prado Tavares Vidoca; Maria Luiza Nogueira de Alcântara Pereira; Ronald Wesley Silva de Moraes; Lucilla Maria M. Camargo Simões (PGAC UEL)

**Resumo:**

A Terapia de Aceitação e Compromisso (Acceptance and Commitment Therapy - ACT) foi desenvolvida por Steven C. Hayes. Fundamentada no Contextualismo Funcional, a ACT propõe compreender os comportamentos humanos a partir de seus significados e funções no contexto em que ocorrem e na história de aprendizagem do indivíduo. Pode ser entendida como uma abordagem baseada em processos, em função de dar foco aos processos clínicos de mudança funcionalmente definidos e orientados para mudanças contextuais, de modo a propor objetivos clínicos além do simples enfrentamento de síndromes psicopatológicas. As seis dimensões — aceitação, desfusão, self como contexto, contato com o momento presente, valores e ação com compromisso — compõem o objetivo central da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), qual seja, promover a flexibilidade psicológica. A ACT esteve presente no desenvolvimento de nosso estágio, sobretudo pelo fato de que a cultura em que vivemos tende a nos ensinar padrões de inflexibilidade. Como consequência, muitos pacientes chegam à clínica com queixas relacionadas a essa rigidez psicológica. Em nível de exemplificação, podemos citar o caso de uma paciente onde se trabalhou a estratégia de desfusão cognitiva através da verificação de pensamentos. Ao longo das sessões utilizou-se algumas técnicas que favorecessem que ela olhasse “para seus pensamentos” e não “através de seus pensamentos”, que entendesse que seus pensamentos não são verdades literais. A paciente acreditava que era uma pessoa que não tinha habilidades sociais e que, portanto, não seria aceita entre seus colegas de turma. Exercitar a estratégia de desfusão cognitiva nas sessões permitiu que ela deixasse de evitar a experiência direta com a contingência e se comportasse em direção aos seus valores. Como resultado, observou-se que trabalhar processos de desfusão cognitiva, ação guiada por valores e contato com o momento presente, contribuiu para que ela se engajasse com o grupo, mesmo diante de pensamentos autocríticos. Desta forma, pôde-se observar a efetividade da utilização de estratégias da ACT no processo psicoterapêutico.

**Palavras-chave:** Atendimento clínico; Terapia de Aceitação e Compromisso; Desfusão cognitiva

**Modalidade:** Pôster

## **84. HIP HOP NO CRAS**

**Autores:**

Jeniffer Seles de Oliveira; Vitória Pinheiro Lourenço; Taciana Coli Pires (CRAS Oeste A); Alejandra Astrid León Cedeno (PSI UEL)

**Resumo:**

O Centro de Assistência Social (CRAS) é destinado ao atendimento socioassistencial de famílias, sendo o primeiro contato das famílias em encontram em situações de desproteção social com a Política Nacional de Assistência Social. O serviço atua como facilitador ao acesso destes indivíduos aos direitos socioassistenciais e, portanto, garantindo a proteção social. Este espaço tem por princípio a atenção psicossocial aos sujeitos, famílias e comunidades, de modo que a Psicologia se faz através do cuidado, acolhimento, escuta, promoção de autonomia e participação na defesa de direitos. Ao longo do estágio em Psicologia, no quinto ano do curso, foram realizadas idas semanais à instituição, onde as estagiárias participaram de grupos, visitas domiciliares, reuniões de equipe e registro no IRSAS. Além dessas atividades características do serviço, atendeu-se uma demanda: deu-se continuidade às oficinas de Hip Hop iniciadas no quarto ano. Inicialmente voltadas ao público entre 10 e 18 anos, foram estendidas para outras faixas etárias (crianças e mães), visando aumentar o vínculo dos moradores com o CRAS Oeste A. As oficinas foram desenvolvidas também em articulação com a Associação Ciranda da Cultura e o Movimento Hip Hop de Londrina, através de recursos lúdicos, materiais artísticos e culturais (jogos, músicas, tintas, tecidos, entre outros). O movimento Hip Hop situa-se como forma de resistência e expressividade contra formas repressivas de silenciamento, contestando a ideologia hegemônica fundamentada no racismo, patriarcado e colonialidade. Nesse sentido, teve-se por objetivo construir a possibilidade dos participantes tecerem relações que fortalecem, legitimam e valorizam suas vivências no território. Assim, foi desenvolvida a análise das dinâmicas do território, tendo como foco a infância e adolescência, para delinearem-se propostas de atuação coerentes. Em seguida, houve a articulação com representantes do movimento Hip Hop na cidade e o estabelecimento de vínculo com os participantes, para um projeto desenvolvido em conjunto e horizontalmente. A primeira oficina contou com a participação de uma adolescente, a qual entrou em contato com amigos e familiares para convidá-los para participarem também. Esta iniciativa somou-se à ampliação das visitas no território para divulgação das oficinas, de modo que, pelos vínculos comunitários, teceram-se redes que consolidaram a participação de aproximadamente 15 pessoas, incluindo alguns dos responsáveis que se interessaram pela proposta. Assim, a partir das oficinas e relatos dos participantes, foi observado que produziram-se espaços de acolhimento, autonomia, participação social e reflexão, através do rap, dança de rua, musicalidade e grafite, mostrando e fortalecendo a potência da infância e adolescência periférica.

**Palavras-chave:** CRAS, Hip Hop, oficinas

**Modalidade:** Pôster

## **85. A IMPORTÂNCIA DA PUERICULTURA NAS UBS-SUS PARA O ESTABELECIMENTO DE BASES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**Autores:**

Bruna Maria Poletto Ribeiro; Thaíssa Camilly de Oliveira; Valdelice Vaz Coelho (UBS Orlando Cestari); Lívia Maria Camilo dos Santos (PSI UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho foi realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na Zona Sul da cidade de Londrina, no bairro União da Vitória. Inicialmente, foram realizadas visitas à instituição com o objetivo de compreender as demandas nas quais o estágio em Psicologia poderia contribuir. Durante as férias da psicóloga da instituição, ocorreram alguns atendimentos individuais, respeitando-se as diretrizes da atuação da Psicologia na Atenção Básica. Com o retorno da profissional, o trabalho tomou um novo rumo, evidenciando a importância de uma supervisora em campo para acompanhar as estagiárias. A partir de então, passou-se a realizar visitas domiciliares com agentes comunitários de saúde, proporcionando uma rica aquisição de conhecimento sobre o território e o espaço. Além disso, houve também participação ativa em reuniões de grupos de puerpério com mães da comunidade. Os acompanhamentos acontecem periodicamente e envolvem uma abordagem multidisciplinar, com médicos pediatras, farmacêuticos, nutricionistas, enfermeiros e fisioterapeutas, visando garantir a saúde e o bem-estar da criança, além de promover o acesso a políticas públicas essenciais para a saúde da família. As puérperas são convidadas a participar de um ciclo de consultas e encontros com cada especialidade a partir dos 3 meses dos recém-nascidos. A participação das estagiárias no grupo, conduzido pela psicóloga, teve como objetivo explorar os aspectos que permeiam a saúde mental no contexto do desenvolvimento infantil e da maternidade, especialmente em um cenário vulnerável. As participantes foram mulheres com filhos nascidos nos últimos 10 meses, juntamente com pessoas de sua rede de apoio. Foi utilizado material de apoio sobre os primeiros meses do bebê, vínculo mãe-bebê, alterações emocionais no puerpério e a importância do desenvolvimento infantil nos primeiros 1000 dias. Houve a realização de 3 participações no grupo, que tem a rotatividade de participantes a cada 2 semanas. A partir das discussões e supervisões teóricas e práticas, elaborou-se uma cartilha sobre desenvolvimento social, cognitivo e motor para subsidiar as discussões. Com base nessa cartilha, nos encontros e nas escutas realizadas, identificaram-se aspectos sociais importantes sobre o acesso a políticas públicas e dinâmicas institucionais que influenciam a prática multiprofissional das trabalhadoras da UBS. Existe a dificuldade quanto à frequência de participação das mães convocadas aos grupos, demonstrando um desafio na atuação da Psicologia na Atenção Básica. Contudo, com aquelas que comparecem, é possível contribuir ativamente para a formação de vínculos: entre elas e seus bebês, entre as próprias participantes e entre as famílias e o serviço de saúde.

**Palavras-chave:** Puerpério, Desenvolvimento Infantil, Atenção Primária

**Modalidade:** Pôster

## **86. PROMOÇÃO, PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO EM ANSIEDADE NA TERCEIRA IDADE - NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO DA ZONA LESTE DE LONDRINA - PR**

**Autores:**

Hellen Soares Carrilho; Josiane Cecília Luzia (PGACUEL)

**Resumo:**

Uma das atividades deste estágio foi a realização de uma roda de conversa sobre Ansiedade, no Centro de Convivência do Idoso (CCI), Zona Leste de Londrina, Paraná, direcionado aos idosos que frequentam o espaço. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que 14% dos adultos com mais de 60 anos de idade, convivem com algum transtorno mental, sendo a depressão e ansiedade condições mais frequentes. Assim, o objetivo foi o de discutir a etiologia, sintomas frequentes, manejo, promoção e prevenção da ansiedade. Participaram da ação a equipe multiprofissional, composta por uma docente do PGAC, UEL, três estagiárias do 5º ano e uma assistente social, da prefeitura Municipal de Londrina. Cerca de 10 idosos estiveram presentes. O encontro iniciou-se com uma dinâmica de relaxamento, através de um vídeo calmo com sons e imagens da natureza, juntamente com instruções de respiração guiada. Em seguida, os idosos foram convidados a falar o que sabiam sobre a ansiedade. Surgiram muitos relatos pessoais, em que foram descritos os sintomas que eles sentiam, dificuldades do dia a dia, e muitas dúvidas acerca do tema. Logo após, foi exposto através de slides, formas de prevenção e ferramentas comprovadas cientificamente, para manejar os principais sintomas da ansiedade. Posteriormente, como encerramento, foi realizada uma dinâmica de finalização. Dentre os resultados, os participantes relataram estarem mais relaxados quando se compara o início e o fim das atividades. Expuseram, também, que adoraram o tema, e que foi de extrema relevância abordá-lo. Um idoso relatou que passou a entender o mecanismo da ansiedade e que todos nós a temos, além de ter ficado claro quando se deve procurar ajuda. Outra idosa compartilhou que a apresentação supriu suas dúvidas acerca do tema, e que pretende realizar as atividades que foram indicadas para prevenção. Assim, nota-se a importância de realizar intervenções com o público da terceira idade, abordando principalmente a prevenção e promoção de saúde mental, no caso dessa população, em especial, o trabalho, em forma de roda de conversa, terá continuidade, mas será realizada uma nova avaliação para averiguar a demanda de outros temas referentes à saúde mental.

**Palavras-chave:** ansiedade, terceira idade, saúde mental

**Modalidade:** Pôster

## **87. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COM ESTUDANTES DO PRIMEIRO E SEGUNDO ANO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UEL**

**Autores:**

Camila Nunes de Carvalho, Henrique Pascoal de Souza Dantas e Maria Eduarda Furlan; Rafael Guillardí Armelin (PSI UEL)

**Resumo:**

O estágio curricular em Psicologia, desenvolvido na Ênfase I – Investigação Científica e Intervenção em Processos Clínicos e Saúde, teve como foco a condução de um processo de Orientação Profissional junto a estudantes do primeiro e segundo ano do curso de Psicologia da UEL. Dado que o leitor externo não possui acesso à estrutura curricular da instituição, destaca-se que essa ênfase contempla práticas voltadas ao manejo de intervenções que articulam aspectos clínicos e de saúde, fundamento que orienta as atividades propostas. Participaram seis estudantes, selecionados por meio de formulário on-line no qual indicaram dúvidas, interesses e disponibilidade de horário. A intervenção teve como objetivo promover reflexões acerca da escolha profissional, do planejamento de carreira e do vínculo dos participantes com o curso, tomando como referência os pilares da Orientação Profissional: autoconhecimento e informação profissional. Para os estagiários, buscou-se, paralelamente, o desenvolvimento de competências relacionadas à elaboração, condução e avaliação de práticas grupais. As atividades foram precedidas por leituras e supervisões, seguidas da elaboração de um plano de dez encontros semanais. A divulgação ocorreu por meio de folders afixados na Universidade, comunicações em sala de aula e mensagens em grupos de WhatsApp das turmas. Os encontros – ainda em andamento – englobam dinâmicas, discussões, exercícios reflexivos, orientação para uso do portal institucional e apresentação de projetos de extensão, abordando aspectos da vida universitária, do processo de escolha profissional, das expectativas pessoais e das possibilidades de atuação na Psicologia. Observou-se participação ativa dos estudantes, que relataram questionamentos sobre suas motivações, trajetória acadêmica e perspectivas futuras. As interações grupais favoreceram o desenvolvimento do autoconhecimento e o fortalecimento do vínculo com o curso. Apesar dos resultados positivos, verificaram-se desafios relacionados à conciliação das atividades com a rotina acadêmica intensa do período matutino, o que impactou a continuidade de alguns participantes. Conclui-se que a experiência tem se mostrado proveitosa tanto para os estudantes – ao oportunizar um espaço qualificado de escuta, reflexão e apoio – quanto para os estagiários, que vêm aprimorando habilidades de manejo grupal e intervenção no contexto da Orientação Profissional.

**Palavras-chave:** Autoconhecimento; Reorientação Profissional; Estudantes de Psicologia

**Modalidade:** Pôster

## **88. ENTRE DIZER, OUVIR E SENTIR: O USO DE METÁFORAS NA PSICOTERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA UEL**

**Autores:**

Beatriz Silva Roque; Bernardo Magalhães Raizer; Maria Julia Boletti; Maria Paula Hey; Jonas Gamba (PGAC UEL)

**Resumo:**

Na Análise do Comportamento, o uso de metáforas se articula, principalmente, com práticas da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), que as utilizam como estratégias de desfusão cognitiva, aceitação e valorização da ação comprometida. O trabalho tem como objetivo discutir diferentes funções do uso das metáforas durante os atendimentos realizados no estágio de práticas clínicas na clínica psicológica da UEL, sob a perspectiva da Análise do Comportamento. Foram atendidos 11 clientes no total, sendo sete adultos, três crianças e um adolescente. Os atendimentos ocorreram semanalmente, com duração de aproximadamente uma hora e no decorrer do ano letivo de 2025. A partir das reuniões de supervisão de caso clínico, observou-se o uso frequente de metáforas pelos quatro estagiários para facilitar a descrição de comportamentos e contingências de reforçamento para seus respectivos clientes, além de favorecer maior engajamento no processo terapêutico. As metáforas utilizadas durante as sessões foram elaboradas a partir da própria relação terapêutica, da leitura de livros infantis e de vídeos de animação disponíveis na internet. Após o compartilhamento desse recurso durante as sessões, os estagiários buscaram contextualizá-las às demandas específicas de seus clientes. Como resultado, notou-se que as metáforas, ao mobilizarem relações simbólicas e a descrição de contingências em operação, possibilitaram a aproximação de conteúdos abstratos de forma mais acessível e experiencial, contribuindo para o estabelecimento de novas relações de sentido (i.e., descrição de valores e ações com compromisso). Os clientes passaram a utilizá-las espontaneamente para a descrição de contingências em sessão, evidenciando sua função. Além disso, notou-se o fortalecimento da relação terapêutica, assim como maior ampliação da capacidade de nomear emoções, favorecer a autorregulação emocional, identificar padrões de comportamento e mobilizar estratégias de enfrentamento. Ressalta-se que, para além da descrição de contingências de reforçamento em vigor com a utilização de metáforas, constitui-se um desafio elaborar e implementar estratégias complementares para a alteração de tais contingências, pois a mudança de comportamentos e sentimentos relevantes para cada caso clínico, por definição, depende da mudança nas interações entre indivíduo e ambiente (verbais e não verbais). A partir do exposto, conclui-se que as metáforas funcionam como estratégias que auxiliaram na estruturação da intervenção, possibilitando melhor organização do raciocínio clínico e na criação de uma linguagem compartilhada entre terapeuta e cliente. Ademais, as metáforas permitiram aos estagiários desenvolver práticas mais flexíveis, ampliando sua sensibilidade clínica e a capacidade de adaptação ao contexto de cada paciente.

**Palavras-chave:** Clínica Psicológica da UEL; Metáforas; Recurso Psicoterapêutico

**Modalidade:** Pôster

## **89. CLÍNICA BASEADA NA CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO: AVALIAÇÃO E ENSINO SOBRE O MEDO**

**Autores:**

Gabriel Mizakami Quinaglia; Julia Camile da Silva; Laura Bredariol Gonçalves; Laura Simião de Oliveira; Paulo Fernando Vidal Dias; Thais Sthephani Sales dos Santos; Wagner Rogério da Silva (PGAC UEL)

**Resumo:**

Os estagiários de Psicologia do 4º e 5º ano da Universidade Estadual de Londrina (UEL) realizaram atendimentos na Clínica Psicológica da instituição durante o ano letivo de 2025. As práticas integraram o estágio de ênfase I, articulando atividades de atendimento clínico supervisionado e formação teórico-prática. A população atendida foi composta por indivíduos em fila de espera da clínica-escola, em sua maioria adultos. Seus atendimentos foram realizados a partir da disponibilidade dos estagiários e dos clientes, considerando as limitações de horários disponíveis na clínica, que resultaram em algumas ausências. Durante os atendimentos, observou-se que as principais queixas dos clientes estavam relacionadas à ansiedade e ao medo, que foram compreendidas de acordo com os princípios da Ciência do Comportamento. As intervenções foram conduzidas por meio do ensino sobre o medo enquanto fenômeno aprendido, utilizando-se de um documentário e de explicações verbais, adaptados à demanda e à história de vida de cada cliente. A partir dos recursos utilizados, foi possível explicitar a construção de medos aprendidos e os gatilhos que os acionam, além de demonstrar a possibilidade de um estímulo aversivo inicialmente ser dessensibilizado. Dessa forma, os clientes puderam ampliar a compreensão em relação ao funcionamento do medo e da ansiedade, aumentando a habilidade de identificação de gatilhos, maneiras de autogerir comportamentos encobertos (sentimentos e pensamentos) e entendimento de sua própria história pessoal. O ensino sobre o medo permitiu aos clientes compreenderem seu enfrentamento como um aprendizado contínuo, além da compreensão de que os medos são decorrentes de contextos específicos de suas histórias pessoais. Essa verbalização se tornou crucial, uma vez que possibilitou aos clientes lidarem com o estigma e a culpa associados a esses sentimentos. Dessa forma, houve um aumento na habilidade de auto-observação por parte dos clientes, que começaram a conectar seus comportamentos atuais a suas experiências passadas ligadas aos seus medos. Portanto, os atendimentos realizados mostraram que o ensino sobre o medo, adaptado à história de vida de cada cliente, favoreceu a compreensão de sua própria história. A verbalização dessas experiências possibilitou conectar comportamentos atuais a vivências passadas, evidenciando a importância do autoconhecimento durante o processo terapêutico.

**Palavras-chave:** Análise do Comportamento; Ansiedade; Medo

**Modalidade:** Pôster

## **90. EXPERIÊNCIA DE ESTAGIÁRIOS DO 4º ANO EM CLÍNICA PSICANALÍTICA: OBSERVAÇÕES E SENTIMENTOS ASSOCIADOS**

**Autores:**

Emanuele Camille Furtado de Jesus; Giovana Nogueira Orsi; Juliana De Oliveira Silva; Luciana Bonis Rossigalli; Mariana Meira Capucho; Pedro Miguel Lopes Morales; Rosemarie Elizabeth Schimidt Almeida (PPSIC UEL)

**Resumo:**

O presente trabalho refere-se à experiência do Estágio Específico de Ênfase I (6EST234), orientado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Rosemarie Elizabeth Schimidt Almeida, supervisora de Clínica Psicanalítica do Departamento de Psicologia e Psicanálise do Centro de Ciências Biológicas, se qualifica como o aprendizado teórico e prático acerca da clínica psicanalítica, tendo contado com estudos de cunho investigativos sobre o fazer clínico psicanalítico, suas principais características, como também as discussões supervisionadas a respeito dos casos clínicos. A proposta, portanto, teve como objetivo principal proporcionar aos estagiários a vivência prática do atendimento clínico sob a perspectiva psicanalítica, favorecendo o desenvolvimento de uma escuta sensível. O estágio foi realizado na clínica Psicológica da UEL, atendendo tanto adultos quanto adolescentes, com idades entre 13 e 38 anos. O grupo de estágio é formado por seis estudantes. Ao longo do ano, três deles atenderam dois pacientes cada, devido a desistências, enquanto os demais atenderam apenas um paciente. No total, cada estagiário realizou aproximadamente de 12 a 15 atendimentos. Desse modo, o recorte selecionado para este trabalho centra-se no momento das entrevistas preliminares, entendimento dos conceitos básicos da clínica psicanalítica dentro do setting terapêutico, bem como os sentimentos vivenciados pelo grupo de estágio no começo de suas experiências. A escolha deste recorte deve-se à sua relevância para a compreensão das particularidades do trabalho clínico na perspectiva psicanalítica e dos desafios implicados no processo de formação do psicólogo. As atividades desenvolvidas compreenderam atendimentos individuais, discussões de casos em grupo, elaboração de relatos escritos e participação em supervisões semanais. Como procedimentos, foram utilizadas técnicas próprias da abordagem psicanalítica, como a escuta flutuante, a atenção às diferentes manifestações do inconsciente, a análise de transferências e resistências, bem como a reflexão e orientação sobre a postura do analista em formação. Os resultados observados até o momento apontam para um avanço significativo na capacidade dos estagiários em aplicar os princípios fundamentais da clínica psicanalítica, como o aprimoramento da técnica de escuta flutuante e maior possibilidade de identificar manifestações do inconsciente do paciente. Tais desfechos serão analisados a partir de referenciais teóricos e práticos que sustentam o trabalho psicanalítico, podendo abranger tanto aspectos quantitativos (número de atendimentos, frequência, adesão) quanto qualitativos (relatos, impressões, evolução subjetiva). Finalmente, destacam-se as principais contribuições do estágio para a formação do estudante e para a comunidade atendida, além das dificuldades encontradas no processo, permeadas por aspectos de caráter institucional, técnico e afetivo.

**Palavras-chave:** Clínica Psicanalítica, Estágio em Psicanálise, Supervisão

**Modalidade:** Pôster

## **91. INTERVENÇÃO CLÍNICA DO TRABALHO NO CONSELHO TUTELAR**

**Autores:**

Giovana Pereira de Assis; Ruth Thainá Aparecida Piveta (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente); Ana Cláudia Silva Roosli (PSJ UEL)

**Resumo:**

A Clínica do Trabalho propõe compreender o trabalho como espaço de subjetivação e desenvolvimento, onde se entrelaçam dimensões objetivas da atividade e experiências subjetivas dos trabalhadores. Nesse sentido, o presente trabalho relata a experiência de estágio em Psicologia no Conselho Tutelar Sul de Londrina, com foco na saúde dos conselheiros tutelares e nas relações entre trabalho, saúde e subjetivação. O estágio teve como objetivo identificar demandas relacionadas às condições e à organização do trabalho no Conselho Tutelar, considerando os critérios de qualidade do trabalho e sua repercussão na saúde dos trabalhadores. Para isso, foram desenvolvidas etapas articuladas: o mapeamento das dimensões prescritas do trabalho, por meio da análise documental e das orientações legais que delimitam o papel do conselheiro tutelar; o acompanhamento do trabalho real, realizado por meio de observações das atividades cotidianas e da dinâmica institucional; e a realização de entrevistas individuais e coletivas com três conselheiros da sede, voltadas à escuta das vivências subjetivas e das estratégias utilizadas pelos profissionais diante das dificuldades e contradições do contexto laboral. Ao todo foram aplicadas três entrevistas semi-dirigidas, e outras observações contidas em oito dias de campo. Essas ações foram inspiradas nas metodologias de pesquisa-intervenção das Clínicas do Trabalho, que entendem o espaço coletivo como dispositivo de transformação e fortalecimento da saúde. Este percurso produziu algumas compreensões acerca das situações de trabalho acompanhadas, como a questão da escuta enquanto instrumento de trabalho para o conselheiro tutelar, a dessensibilização enquanto estratégia de defesa coletiva em trabalhos sociais e o atravessamento de gênero no trabalho. A partir da análise desses elementos foram construídos diálogos com os trabalhadores, dando visibilidade às normas produzidas no/pelo trabalho, a reflexão sobre eles e a reflexão sobre a viabilidade de produção de novas normas de trabalho, como expressão da saúde. Além disso, observou-se que os saberes formalizados não abrangem o real da atividade, sendo necessário o desenvolvimento do critério de responsabilidade da competência profissional, reforçando o potencial criativo dos trabalhadores. Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou um espaço no qual os trabalhadores puderam nomear sua experiência, colocando em palavras o que de fato fazem na realização do trabalho, de forma a potencializar sua percepção da complexidade do que está em jogo, fomentando a produção de reflexões e novos saberes acerca das situações vividas.

**Palavras-chave:** Clínica do trabalho, Conselho tutelar, Psicologia

**Modalidade:** Pôster

## **92. OS DESAFIOS E AS REVERBERAÇÕES DA DEVOLUTIVA DIAGNÓSTICA NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE ADULTOS**

**Autores:**

Ana Beatriz Parminondi Andrade; Carolina Fredegotto Ito; Guilherme Augusto do Carmo Sartori; Igor Machado Guerreiro; Sabrina Eschiavon Elias; Juliana Baracat (PPSIC UEL)

**Resumo:**

A Avaliação Psicológica é um processo estruturado que busca compreender os fenômenos psicológicos por meio do uso de métodos, técnicas e instrumentos específicos. Seu objetivo é oferecer informações que auxiliem na tomada de decisões em diferentes contextos de acordo com as demandas e finalidades de cada situação, muitas vezes solicitada com o propósito de investigar alguma suspeita diagnóstica. Por meio da avaliação, é elaborado um laudo psicológico contendo as informações coletadas no curso dos encontros e, ao final desta, é feita uma sessão de devolutiva deste documento e discutido os resultados obtidos com o avaliando. Nesse processo, além da aplicação de instrumentos padronizados, as observações clínicas e entrevistas são fontes fundamentais para a qualidade da avaliação. Há, porém, uma informação que pode acabar sendo negligenciada por alguns profissionais em sua atuação: a expectativa do paciente em receber ou não o diagnóstico pelo qual buscou ou foi encaminhado à avaliação. Diante disso, o presente estudo pretende debruçar-se sobre os desafios enfrentados pelo psicólogo no momento da devolutiva diagnóstica e as reverberações posteriores a essa devolutiva, seja ela confirmando ou descartando algum diagnóstico. Tendo isto em mente, realizou-se uma análise qualitativa das experiências coletadas de 5 discentes de psicologia ao longo de 4 semestres de estágio curricular, período onde foram realizadas 6 avaliações psicológicas de pacientes adultos, cuja demanda à avaliação consistia na investigação de uma suspeita diagnóstica. Os atendimentos foram, em sua maioria, presenciais na clínica-escola da UEL, com algumas entrevistas realizadas de modo remoto devido às circunstâncias. Foram feitas supervisões semanais em grupo para discussão dos casos e correção dos testes. Os dados qualitativos indicam que pacientes adultos tendem a contestar o resultado quando este frustra sua expectativa. Essa reação decorre do desejo de que a avaliação confirme um diagnóstico prévio, usado para nomear e validar o sofrimento. Por exemplo, uma paciente buscava um segundo diagnóstico para explicar um sofrimento que ela sentia que o primeiro não abarcava. A não confirmação gerou frustração, embora reconhecesse a qualidade da avaliação. O principal desafio na devolutiva foi manejar a possível frustração do sujeito, garantindo um cuidado acolhedor e profissionalismo para facilitar a compreensão do resultado. Conclui-se que o psicólogo deve estar atento à expectativa diagnóstica, pois ela gera resistência. É fundamental um trabalho ético para evitar a patologização e promover uma compreensão mais ampla do sujeito. Sugere-se aprofundamento nas estratégias de manejo da frustração diagnóstica em adultos.

**Palavras-chave:** Avaliação Psicológica; Devolutiva, Diagnóstico

**Modalidade:** Pôster

### **93. RODA DE CONVERSA: PREVENÇÃO DA DEPRESSÃO NA TERCEIRA IDADE**

**Autores:**

Tiffany Gabriele Tonzar, Josiane Cecília Luzia (PGAC UEL)

**Resumo:**

Diante das significativas mudanças físicas, emocionais e sociais vivenciadas ao longo da vida humana, se faz notável a necessidade de abordar temas como o adoecimento mental na terceira idade. Deste modo, a intervenção apresentada foi desenvolvida no contexto do estágio curricular em Psicologia da Saúde, com idosos participantes do Centro de Convivência do Idoso da Zona Leste de Londrina/PR. O trabalho teve como objetivo promover uma roda de conversa voltada à promoção e prevenção da depressão na terceira idade, abordando fatores de risco e de proteção sob uma perspectiva biopsicossocial e fundamentada na Análise do Comportamento. A atividade teve duração de aproximadamente duas horas e contou com cerca de 8 participantes, todos com autonomia física e cognitiva. O encontro foi estruturado em momentos de acolhimento, diálogo e vivência. Inicialmente, foi realizada a técnica “Folhas no rio”, inspirada na ACT, que convida os participantes a imaginarem seus pensamentos sendo colocados sobre folhas que flutuam em um rio. A proposta buscou trabalhar o reconhecimento e a aceitação dos próprios sentimentos, promovendo o distanciamento saudável de pensamentos negativos e a percepção de que emoções difíceis podem ser observadas sem necessidade de luta ou evitação. Na sequência, discutiram-se os principais sinais da depressão, sua distinção em relação à tristeza comum e os fatores que favorecem o adoecimento, como o isolamento e perda de papéis sociais. Foram enfatizados comportamentos preventivos, estimulando o reconhecimento do que ainda dá sentido à vida, mesmo diante de limitações próprias do envelhecimento. Os resultados observados foram qualitativos, expressos nas falas espontâneas e na interação grupal. Houve envolvimento ativo, relatos de identificação e valorização do espaço de escuta coletiva. Os participantes apontaram que a conversa os fez “lembrar das coisas boas que ainda existem” e “perceber que pedir ajuda é um cuidado”. Conclui-se que rodas de conversa com foco em promoção e prevenção e linguagem acessível contribuem para o fortalecimento da rede de apoio, a redução do estigma em torno da depressão e a promoção do bem-estar emocional na velhice. A intervenção, em termos de formação profissional, possibilitou vivenciar a dinâmica de um grupo por uma nova perspectiva enriquecedora, e demonstrou a importância de ações contínuas de psicoeducação em saúde mental, integrando ciência e sensibilidade ao cuidado com a pessoa idosa.

**Palavras-chave:** idosos, saúde mental, prevenção da depressão

**Modalidade:** Pôster

## **94. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A CONSTRUÇÃO DO REPERTÓRIO DE TOMADA DE DECISÃO NA ESCOLA.**

**Autores:**

Giovana Pereira de Assis; Júlia Ramos Galvan; Maria Eduarda Furlan, Vitória Regina Takeuchi Fernandes; Ednéia Aparecida Peres (PGAC UEL)

**Resumo:**

A orientação profissional nas escolas públicas brasileiras tem um papel fundamental na formação dos estudantes, especialmente diante das desigualdades sociais e da falta de acesso a informações sobre o mundo do trabalho. Em muitos casos, os jovens não possuem repertórios suficientes para tomar decisões conscientes sobre suas trajetórias profissionais. Sob o olhar da Análise do Comportamento, esse processo é entendido como uma oportunidade de ensinar novos comportamentos relacionados à escolha e à tomada de decisão, dentro de condições planejadas (Moura, 2005). Essa abordagem é adequada ao contexto das escolas públicas, pois pode ser aplicada em grupo e adaptada às limitações institucionais, favorecendo o acesso igualitário a práticas de orientação profissional fundamentadas e eficazes. Com base nesse referencial, o trabalho teve como objetivo promover questionamentos sobre autoconhecimento, incentivando a reflexão sobre valores subjetivos e interesses pessoais. A proposta visou possibilitar que, a partir desses critérios, os estudantes pudessem realizar escolhas profissionais mais conscientes e condizentes com seus objetivos individuais. Para tanto, utilizou-se o Programa de Orientação Profissional proposto por Moura (2001), fundamentado na Análise do Comportamento. Cada etapa foi planejada como uma situação de ensino, em que o comportamento do participante foi observado e modelado a partir das interações em grupo e das consequências geradas pelas atividades. O trabalho foi realizado com 8 alunas do terceiro ano do colégio em questão, em seis visitas, durante 5 meses. Entre as técnicas utilizadas, destacou-se a dos “quadrantes” (Moura, 2001), que auxiliou na identificação de interesses e preferências profissionais. Também foram propostas atividades que estimulassem o protagonismo dos estudantes, como pesquisa sobre áreas de conhecimento, instituições de ensino, currículos e profissões desejadas, culminando na elaboração de um material visual que sintetizasse as reflexões construídas durante os encontros. Ao final do processo, foi possível observar ampliação dos repertórios comportamentais dos participantes, sobretudo quanto à tomada de decisão e à análise das contingências envolvidas nas escolhas profissionais. Durante o desenvolvimento do programa, os estudantes foram capazes de identificar três opções de carreira e as habilidades necessárias para alcançá-las. A intervenção apresentou resultados positivos, mas enfrentou dificuldades como tempo limitado, pouco engajamento inicial e restrições institucionais. Ainda assim, abriu possibilidades de continuidade, como ampliar o programa para outras turmas e incorporá-lo anualmente à escola. Para o futuro, sugerem-se ajustes metodológicos, maior exploração de profissões e inclusão das famílias no processo. Essas melhorias podem fortalecer uma cultura escolar voltada ao autoconhecimento e à construção de projetos de vida.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional, Análise do Comportamento, Escolha Profissional